

**Erivelton Douglas Schmidt**

**UMA IGREJA PARA A SOCIEDADE:  
AÇÃO E PRESENÇA SOCIAL DA IGREJA BATISTA DA LAGOINHA À LUZ DA  
ECLESIOLOGIA DE JÜRGEN MOLTSMANN**

Dissertação de Mestrado em Teologia  
Orientador: Prof. Dr. Sinivaldo Silva Tavares

Apoio: CAPES

Belo Horizonte  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2021

**Erivelton Douglas Schmidt**

**UMA IGREJA PARA A SOCIEDADE:  
AÇÃO E PRESENÇA SOCIAL DA IGREJA BATISTA DA LAGOINHA À LUZ DA  
ECLESIOLOGIA DE JÜRGEN MOLTSMANN**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade de Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de Concentração: Teologia da Práxis Cristã

Orientador: Prof. Dr. Sinivaldo Silva Tavares

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2021

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

S349u	<p>Schmidt, Erivelton Douglas</p> <p>Uma Igreja para a sociedade: ação e presença social da Igreja Batista da Lagoinha à luz da eclesiologia de Jürgen Moltmann / Erivelton Douglas Schmidt. - Belo Horizonte, 2021. 102 p.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Sinivaldo Silva Tavares Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.</p> <p>1. Eclesiologia. 2. Igreja Batista da Lagoinha. 3. Moltmann, Jürgen. I. Tavares, Sinivaldo Silva. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 26</p>
-------	--

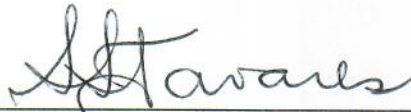
Erivelton Douglas Schmidt

**UMA IGREJA PARA A SOCIEDADE:  
AÇÃO E PRESENÇA SOCIAL DA IGREJA BATISTA DA LAGOINHA À  
LUZ DA ECLESIOLOGIA DE JÜRGEN MOLTSMANN**

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

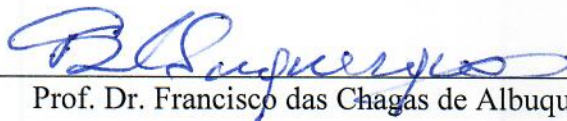
Belo Horizonte, 17 de dezembro de 2021.

**COMISSÃO EXAMINADORA:**



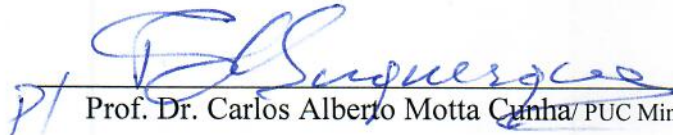
---

Prof. Dr. Sinivaldo Silva Tavares / FAJE (Orientador)



---

Prof. Dr. Francisco das Chagas de Albuquerque / FAJE



---

PI Prof. Dr. Carlos Alberto Motta Cunha / PUC Minas (Visitante)

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código Financiamento 001.

Estendo minha gratidão a Deus, revelado em Cristo Jesus, razão de todo existir.

À minha família, especialmente, minha esposa Tatiane Medeiros Schmidt, pelo incentivo, cobrança e cumplicidade.

Aos amigos de caminhada, pelas provocações, escutas e diálogos proveitosos.

À minha comunidade de fé, Igreja Batista da Lagoinha Savassi.

À FAJE e aos professores do curso de Pós-graduação por todo conhecimento compartilhado.

Ao professor e orientador Sinivaldo Tavares, por todo apoio, paciência, compreensão e ensinamentos.

A todos, minha eterna gratidão.

## RESUMO

A Igreja Batista da Lagoinha pode ser considerada hoje uma megaigreja. São mais de 94 mil membros, nas mais de 600 comunidades plantadas no mundo todo. Com pouco mais de 60 anos de existência, sua construção teológica é bastante multifacetada. Ela nasce nominalmente como batista, porém, teologicamente pentecostal. Ao longo da sua trajetória a IBL absorve novas teologias, principalmente norte-americanas. Dentro de todo esse espectro teológico, é possível perceber uma teologia fundamentalista que baseia muitas ações e posicionamentos da igreja diante da sociedade. Falas preconceituosas, misóginas e sectárias são comuns entre alguns de seus líderes mais influentes, justificadas por uma leitura literalista do texto bíblico. Tal posicionamento afeta diretamente sua postura político-social. É necessária uma reestruturação da sua eclesiologia, se ela quiser ser relevante no contexto onde está inserida. A eclesiologia proposta por Jürgen Moltmann no livro *A Igreja no poder do Espírito*, nos ajuda a pensar caminhos de esperança para o diálogo entre Igreja Batista da Lagoinha e a Sociedade, principalmente, em relação a temas que são cruciais para a contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Igreja Batista da Lagoinha, Jürgen Moltmann, igreja, eclesiologia, sociedade.

## ABSTRACT

The *Igreja Batista da Lagoinha* can be considered today a megachurch. It has more than 94 thousand members, in more than 600 communities planted all over the world. With little more than 60 years of existence, its theological construction is quite multifaceted. It was born nominally Baptist, but theologically Pentecostal. Throughout its trajectory the IBL has absorbed new theologies, mainly North-American ones. Within this theological spectrum, it is possible to perceive a fundamentalist theology that is the basis for many of the church's actions and positions in society. Prejudiced, misogynistic and sectarian speeches are common among some of its most influential leaders, justified by a literalist reading of the Bible. Such positioning directly affects their social-political stance. A restructuring of its ecclesiology is necessary if it wants to be relevant in the context where it is inserted. The ecclesiology proposed by Jürgen Moltmann in the book *The Church in the Power of the Spirit* helps us to think about ways of hope for the dialogue between the *Igreja Batista da Lagoinha* and society, especially in relation to issues that are crucial for the contemporary world.

KEYWORDS: Igreja Batista da Lagoinha, Jürgen Moltmann, church, ecclesiology, society.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
1 IGREJA BATISTA DA LAGOINHA: HISTÓRIA E TEOLOGIA .....	10
1.1 O QUE HÁ DE BATISTA NA IBL.....	10
1.2 O QUE HÁ DE PENTECOSTAL NA IBL.....	14
1.3 O QUE HÁ DE FUNDAMENTALISTA NA IBL .....	20
1.4 APONTAMENTOS CONCLUSIVOS.....	24
2 A RELAÇÃO ENTRE IGREJA E SOCIEDADE NA ECLESIOLOGIA DE J. MOLTMANN. 27	
2.1 NA GUERRA, ESPERANÇA: A EXPERIÊNCIA DE JÜRGEN MOLTMANN .....	27
2.2 IGREJA NO PODER DO ESPÍRITO: A RELAÇÃO ENTRE IGREJA E SOCIEDADE .....	32
2.2.1 A IGREJA DE JESUS CRISTO .....	34
2.2.2 A IGREJA DO REINO DE DEUS.....	40
2.2.3 A IGREJA NA PRESENÇA E NO PODER DO ESPÍRITO .....	48
3 IGREJA BATISTA DA LAGOINHA E SOCIEDADE .....	57
3.1 A MUDIATIZAÇÃO DA IBL .....	57
3.2 O APOIO POLÍTICO A JAIR BOLSONARO .....	63
3.3 A CONTRADITÓRIA RELAÇÃO COM GRUPOS MINORITÁRIOS .....	73
3.4 UM CONTRAPONTO NA PANDEMIA .....	82
3.5 APONTAMENTOS DE ESPERANÇA: INTERPELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE IGREJA E SOCIEDADE .....	85
3.5.1 UM IGREJA CENTRADA EM CRISTO .....	86
3.5.2 UMA IGREJA ESCATOLÓGICA.....	90
3.5.3 UMA IGREJA LIBERTADORA.....	92
3.5.4 O PODER DO ESPÍRITO EM VISTA A NOVAS ABERTURAS DA IGREJA .....	93
CONCLUSÃO .....	97
BIBLIOGRAFIA.....	100



## INTRODUÇÃO

O início da minha caminhada teológica se deu em 2015, quando decidi entrar para o Seminário Teológico Carisma, da Igreja Batista da Lagoinha (IBL), em Belo Horizonte. Até então, era membro da Assembleia de Deus, em Blumenau, Santa Catarina. Ao mudar para a capital mineira, me dei conta de que não conhecia a potência da IBL. No seminário, aprendi muito sobre a “palavra da fé”, movimento em consonância com a teologia da prosperidade, muito presente nas igrejas neopentecostais. Muitos professores ensinavam a partir destes conhecimentos importados dos Estados Unidos. Outros, porém, eram bastante contrários e proporcionaram um pensamento crítico diferente. O que, de alguma forma, me fazia procurar, para além das leituras obrigatórias do seminário, outras fontes para responder a questões que surgiam ao longo dos estudos. A partir de tal busca, pude ter contato com outras figuras da teologia e da filosofia, que jamais tinha ouvido falar dentro do seminário: Karl Barth, Paul Tillich, Leonardo Boff, José Comblin, Enrique Dussel, Emmanuel Levinas entre outros. Descortinavam-se diante de mim novos horizontes e perspectivas para a pesquisa teológica.

O caminho pastoral também me impulsionava a buscar conhecimento além do que era ensinado na IBL. O contato com as realidades sociais mais vulneráveis, trabalhos missionários e a participação dentro do núcleo da Igreja Batista da Lagoinha, no bairro Savassi, provocaram-me a ampliar as discussões. O contato com outros irmãos de fé que seguiam caminhos de abertura em relação a temáticas não tão exploradas dentro dos ambientes eclesiais também foi extremamente importante para que eu conhecesse a teologia de Jürgen Moltmann. Com ele, toda sua experiência de participação na guerra e no pós-guerra e toda a teologia que elaborou a partir de seu envolvimento existencial e social. O teólogo protestante alemão, Jürgen Moltmann, é conhecido por sua ampla produção teológica, com proeminentes contribuições ao pensamento teológico atual em distintos assuntos e, inclusive, muito lido também em ambientes católicos. Sua obra teológica cobre áreas como a política, ecologia, ética, reflexões de gênero, entre outras, descortinando preocupações com a vida integral do ser humano. Meu interesse pela sua eclesiologia se deu devido as questões de fé vividas dentro da IBL, principalmente, pelas manifestações fundamentalistas que geraram o apoio de líderes da igreja ao atual presidente Jair Messias Bolsonaro.

O escopo desta dissertação é analisar criticamente a posição assumida pela IBL em sua relação com a sociedade civil brasileira à luz da eclesiologia messiânica de J. Moltmann. E, no intuito de realizar esse seu escopo, ela se desenvolve em três capítulos. No primeiro capítulo

desta dissertação, vamos contextualizar teologicamente a IBL por meio da revisão bibliográfica. A tarefa é deveras difícil por duas razões. A primeira, porque a bibliografia referente à história e à teologia da IBL é escassa. A segunda diz respeito à configuração da instituição. Ela é nominalmente batista, nascida com influência pentecostal e que, ao longo da sua trajetória, incorporou outras teologias, especialmente, as norte-americanas. Definir a linha teológica é, praticamente, impossível. Um pequeno caminho histórico será feito na primeira parte para oferecer melhor esclarecimento a respeito da instituição e da teologia que influencia seu posicionamento diante da Sociedade.

A teologia fundamentalista com uma nova roupagem, desde os anos de 1970, fazem parte dos discursos da IBL e condicionam posturas sociais. Favorecem determinados acenos políticos e dificultam o diálogo com temas contemporâneos extremamente importantes para a relevância na atuação pastoral. A IBL é uma *megaigreja* e está presente em várias regiões do Brasil e do mundo com cerca de 600 comunidades plantadas. A influência que ela possui no meio evangélico se dá pela grande expressividade de nomes como *Diante do Trono*, Ana Paula Valadão, André Valadão, pr. Lucinho Barreto e outras “celebridades” evangélicas. Por isso, ela tem uma atuação bastante ampla e é capaz de alcançar milhares de pessoas. Para construir o caminho teológico da IBL, vamos abordar pontos como: o que há de batista, de pentecostal e de fundamentalista na formação da igreja.

No segundo capítulo da dissertação exporei a eclesiologia de Moltmann presente na sua obra *Igreja no poder do Espírito*. No Brasil, o livro só foi lançado em 2013, mesmo sendo escrito e publicado em alemão em 1975. J. Moltmann concebe a eclesiologia em três dimensões: diante de Deus, diante dos seres humanos e diante do futuro. Isso provoca uma abertura necessária. Ela procura articular temas a partir de uma correspondência com a cultura contemporânea e tem um caráter bastante ecumênico. Para o teólogo a *práxis* precisa inserir a igreja dentro do mundo e não fora dele, como faz a grande maioria das teologias pentecostais.

É uma eclesiologia também marcada pela ação do Espírito Santo, voltada para as reais necessidades da história. A esperança pelo Reino de Deus é uma das chaves de leitura, que expõe uma dinâmica comunitária baseada em dons e ministérios em vista da libertação da humanidade. Desta forma, a teologia fundamentalista impõe inúmeras barreiras para que uma correta interpretação e vivência do Reino de Deus seja realizada. Há alguns elementos do fundamentalismo que segregam, excluem e demonizam temas e comportamentos sociais contemporâneos, justificando e reforçando o não engajamento político-social crítico da IBL na sociedade civil. Nisso, acreditamos que o pensamento eclesiológico de J. Moltmann pode auxiliar e trazer propostas de esperança para a IBL em sua relação com a sociedade.

Por fim, no terceiro capítulo, analisaremos como a teologia da IBL, por nós caracterizada como fundamentalista, tem influência direta no discurso da igreja em relação a temas importantes para a sociedade contemporânea, quais sejam: a política atual, os grupos minoritários e a pandemia da Covid-19. A IBL é uma instituição altamente midiática. Por isso, buscaremos na *mídia* a base para construir os discursos referentes aos temas propostos. Artigos, cultos disponibilizados nos canais da igreja e perfis de pastores que representam a IBL serão usados como instrumentos de trabalho, partindo do pressuposto de que o que se encontra publicado nos canais oficiais da IBL e de suas lideranças expressa seu conjunto de crenças.

## 1 IGREJA BATISTA DA LAGOINHA: HISTÓRIA E TEOLOGIA

O propósito deste primeiro capítulo é conhecer e contextualizar teologicamente a Igreja Batista da Lagoinha (IBL), também chamada popularmente de Lagoinha, com a finalidade de encontrar aspectos que fundamentam sua ação e presença na sociedade. A leitura é teológica porque, assim como Jürgen Moltmann, acreditamos que a teologia ocorre onde pessoas chegam ao conhecimento de Deus, e percebem a presença de Deus com todos os seus sentidos na *práxis* de sua vida, de sua felicidade e de seus sofrimentos (MOLTMANN, 2004, p. 11). Nada ilustra melhor essa ideia do que uma igreja.

Nosso caminho é por meio da revisão bibliográfica. Logo, alguns fatores precisam ser considerados para construção deste trabalho. O primeiro deles é a falta de material bibliográfico sobre a IBL. A própria instituição carece de documentos históricos e teológicos. Exemplo disso é o site institucional bem singelo quanto a esses dados ([www.lagoinha.com](http://www.lagoinha.com)). Poucas linhas resumem história, missão, visão e propósito.

Outro fator que torna nosso trabalho ainda mais complexo é a própria configuração da Igreja Batista da Lagoinha. Como o próprio nome já intui, ela é nominalmente batista. Porém, já nasce influenciada pela teologia pentecostal e pelo movimento de renovação denominacional dos anos de 1960. Hoje, com mais de 600 Lagoinhas espalhadas pelo mundo, a definição teológica da instituição fica praticamente impossível. Cada um desses núcleos se baseia em uma – ou mais de uma – teologia. Existem aqueles que seguem – ainda que não fielmente – preceitos da teologia reformada, enquanto outros apostam na teologia da prosperidade – de viés neopentecostal ou pós-pentecostal.

A tentativa aqui é percorrer um caminho histórico para compreender melhor como a IBL é formada hoje e em que ela está baseada.

### 1.1 O que há de Batista na IBL

Para compreender qualquer instituição é preciso contextualizar o passado, as vivências e os discursos religiosos e históricos. Mesmo no passado, são releituras possíveis do presente (CERTEAU, 2000, p. 32). A IBL é oriunda do movimento batista em termos de organização e legitimidade eclesial. Entretanto, a instituição passou pelo processo de renovação denominacional. Enveredou-se no avivalismo e desenvolveu interna e externamente um processo de pentecostalização e uma prática religiosa carismática. Isso provocou o

distanciamento dos batistas tradicionais pouco tempo depois de ter sido organizada em uma igreja autônoma.

Hoje, a sede da instituição está localizada na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Porém, ela está em todos (ou quase todos) os estados brasileiros e até em outros países. O site da IBL ([www.lagoinha.com](http://www.lagoinha.com)) aponta mais de 600 “Lagoinhas no mundo todo”. Lagoinha Global é a entidade da igreja que cuida da expansão da instituição. Todos os arquivos e textos que relatam a história da Igreja Batista da Lagoinha são informais. Basicamente, concentrados em páginas da internet e com um grande caráter denominacional, fruto de entrevistas com o atual pastor presidente, Márcio Valadão. A própria página da web da instituição carece de informações históricas e teológicas. Assim, não há segurança nas informações porque são pessoas da própria instituição contando a sua história.

É com base nesses textos e nos poucos artigos acadêmicos encontrados que vamos traçar um pouco da história da IBL. A organização da IBL está diretamente ligada ao crescimento dos batistas. A inserção do movimento no Brasil e o seu ímpeto missiológico peculiar para a abertura de novas igrejas mostram que está vinculada ao protestantismo de missão<sup>1</sup> e ao protestantismo instrumental, que tem a conversão como principal foco de suas pregações. Ou seja, a ação proselitista caracterizou a expansão do movimento. A conversão e a piedade individual são valores sustentados pelos batistas até hoje.

Os batistas estão no Brasil desde a segunda metade do século 19 como uma consequência do desenvolvimento protestante norte-americano em geral e batista em particular. As molduras do seu pensamento foram postas pelo puritanismo inglês originário e pelo puritanismo norte-americano dele decorrente e temperado pelo pietismo. O crescimento do segmento no Brasil se deu de maneira bastante peculiar. A estratégia dos batistas seguiu aquilo que chamaram de evangelização direta, confrontando as pessoas e exigindo delas uma decisão imediata. Algumas igrejas locais chegaram a abrir escolas, porém estavam mais preocupados em equipar seus membros para a leitura da Bíblia e em converter diretamente do que influenciar (AZEVEDO, 1996, p. 208-209).

A inserção dos batistas em Minas Gerais teve uma primeira tentativa em 1880, na região da Zona da Mata mineira, em Juiz de Fora. No entanto, fracassou. A segunda oportunidade veio

---

<sup>1</sup> A categoria “protestantismo de missão” corresponde a presença de algumas denominações protestantes que chegaram ao Brasil com o objetivo de promover a adesão de nacionais ao protestantismo. O movimento resultou na presença das igrejas congregacional, presbiteriana, metodista, batista e igreja episcopal em território brasileiro. Em sua maioria, as missões foram enviadas por igrejas estadunidenses (MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 1990; DREHER, 2002).

quando Belo Horizonte se tornou capital do estado. Agora, centro do poder político, a cidade passa a ser destino dos missionários. Entre 1897 e 1910, eles tentaram a inserção batista, mas não alcançaram o sucesso esperado. Mesmo assim, esse período foi fundamental para o movimento em Minas Gerais. Anos depois, em 1912, os batistas se estabeleceram definitivamente na capital mineira. A Primeira Igreja Batista de Belo Horizonte (PIB-BH) foi fruto de um trabalho insistente realizado pelo missionário Daniel Frank Crosland. A PIB e o missionário foram fundamentais para o crescimento batista em terras mineiras. Crosland treinou um grupo de obreiros-evangelistas para ampliar o trabalho missionário na capital e em cidades vizinhas (SOUZA, 2008, p. 28-33).

Os missionários tinham dois objetivos principais: trabalhar na cidade para ampliar o número de igrejas e preparar as bases para o futuro do movimento batista. O crescimento era imparável. A Convenção Mineira foi organizada já em 1912, e começaram as aquisições de propriedades. A fundação do Colégio Batista Mineiro, em 1918, deu ainda mais folego ao movimento. Em 1920, novos missionários chegam dos Estados Unidos para auxiliar o trabalho de expansão. Por meio da educação e de ações em defesa da fé, eles ampliavam sua influência em Belo Horizonte e no estado. O avanço, o planejamento e a organização dos batistas devem-se à visão expansionista de Otis Pandleton Maddox e Ephigênia Maddox.

Os cabeças do movimento em Minas Gerais, assim como no Brasil, eram todos dos Estados Unidos, grande parte da Convenção Batista do Sul<sup>2</sup>. A influência cultural batista norte-americana se deu na evangelização, na educação, na literatura, na administração das instituições, na liturgia e no modo de ser das igrejas locais. De alguma forma, isso resultou também no ajustamento dos convertidos à cultura americana. O que gerou comunidades tipicamente americanizadas, que se manifestaram incongruentes a realidade brasileira. Os missionários retratavam o padrão burguês da cultura americana que pouco (ou nada) tinha a ver com o modo de vida dos brasileiros. Resultado disso, foi um estilo de culto onde prevalece a formalidade, a rigidez e a padronização (MENDONÇA, 2005, p. 59).

Os batistas não têm na sua história nenhum credo ou confissão que possa ser considerado como definitivo para todas as igrejas denominadas batista. Entretanto, há credos de caráter mais denominacional, como a declaração de fé da Convenção Batista do Sul e até mesmo a da Convenção Batista Brasileira. Por isso, há dificuldades em qualificar e definir uma “teologia da Igreja Batista” de maneira categórica. Cada declaração de fé traz consigo aspectos singulares.

---

<sup>2</sup> É uma denominação cristã evangélica de igrejas batistas com base nos Estados Unidos, em grande parte conservadora. A Convenção se tornou uma denominação separada em 1845 em Augusta, Geórgia, seguindo uma divisão regional com os batistas do Norte, em relação à questão da escravidão no Sul do país.

Mesmo assim, incorrendo em generalizações, é possível estabelecer as principais características da teologia e da eclesiologia batista. De acordo com a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira, por exemplo, uma Igreja Batista é “uma congregação local de pessoas regeneradas e batizadas após a profissão de fé. É nesse sentido que a palavra ‘igreja’ é empregada no maior número de vezes nos livros do Novo Testamento” (CBB, 1986, p. 13).

Portanto, há uma grande pluralidade dentro do sistema congregacional batista. Eles se entendem como uma igreja neotestamentária, autônoma e democrática, sem um sistema centralizador. Alonso (2014, p. 87) afirma que “o governo congregacional dá a cada igreja soberania em suas decisões administrativas, que são tomadas democraticamente. Porém, o caráter democrático pode ser bastante questionável. A história da Igreja Batista da Lagoinha passa por uma tumultuada ligação com a Convenção Batista. Muito se deve, a essa concepção eclesiológica.

A Igreja Batista da Lagoinha nasce em 1957, na rua Formiga em Belo Horizonte, no bairro Lagoinha. Algumas pessoas, convidaram José Rego do Nascimento para pastorear a igreja. Até então, ele era pastor na Igreja Batista em Vitória da Conquista, Bahia. Reinaldo Arruda Pereira (2011, p. 42-43) afirma possuir a cópia de uma carta enviada ao pastor Nascimento por Ruy Brasileiro do Valle. A mensagem, datada de maio de 1959, aponta os motivos da fundação da Igreja Batista da Lagoinha. Abaixo, segue trecho da carta apresentada por Pereira e que é um bom exemplo de como ecoa, no decorrer da história, a divisão das igrejas protestantes:

“(…) um grupo de moços, inconformados com a situação das Igrejas, em sua parte espiritual e em sua parte disciplinar, reuniu-se no dia 12 de outubro de 1957 para orar e buscar a face do Senhor a fim de encontrar a solução para suas almas. Desse encontro surgiu a ideia de organizar-se mais uma igreja batista em Belo Horizonte. Éramos quatro apenas (...) Era um sonho de quatro crentes em busca de um ideal de igreja: aquela que exigisse mais de seus filhos, numa verdadeira intransigência com o pecado”.

Supostamente, pelo trecho da carta apresentada, a iniciativa de fundar uma nova igreja no bairro Lagoinha, em Belo Horizonte, partiu de um grupo de quatro fieis e não por um trabalho missionário. Um ponto interessante é que a partir da experiência que eles viveram no encontro, decidiu-se organizar “mais uma igreja batista”. Eles estavam referenciados em algo, porém a experiência religiosa os levou a uma atitude que não era controlada institucionalmente pela denominação batista. A referência na experiência é uma característica bastante comum no movimento pentecostal. De acordo com a carta, dias depois os quatro “irmãos de fé” alugaram um salão para reunir com recursos próprios e no dia 09 de maio fundaram a congregação com 08 membros.

Com base na ortodoxia batista, as igrejas são autônomas e independentes das demais. Porém, igreja se diferencia de congregação. “Abrir” uma congregação é uma iniciativa de uma igreja local, já institucionalizada. Portanto, a maneira descrita de como a Igreja Batista da Lagoinha é fundada marca sua identidade em certa discordância dos princípios adotados pelas demais igrejas batistas tradicionais. O sociólogo Paul Freston, a partir de uma análise também histórica vai dizer que nesta mesma época em que a IBL está sendo gestada, a segunda onda do movimento pentecostal começa a se formar (FRESTON, 1994, p. 70).

## **1.2 O que há de pentecostal na IBL**

O movimento pentecostal tem pouco mais de um século de existência. Também nasce nos EUA, no ano de 1901, a partir dos movimentos metodista e de santidade (*holiness*). Desde o início, o movimento pentecostal foi bastante diversificado, apresentando grande variedade de manifestações e ênfases (MATOS, 2006, p. 34). O movimento entrou cedo na América Latina. Em 1910, já construía suas marcas no Brasil. No início o crescimento era lento. Por volta dos anos de 1950, a expansão pentecostal se intensificou. O pentecostalismo representa na atualidade a grande maioria dos evangélicos no Brasil.

O movimento, mesmo tendo uma origem estrangeira, talvez foi um dos segmentos protestantes que esteve mais próximo da cultura nacional, justamente por ser periférico e pobre. Porém, à medida em que este grupo vai subindo nos estratos sociais, acontece o fenômeno chamado por Alencar de “aburguesamento do pentecostalismo dentro deste estrangeirismo *gospel*” (2007, p.13).

É importante salientar que a transdisciplinariedade acadêmica produz enriquecimento em qualquer pesquisa, supera barreiras e limites, proporcionando caminhos e direções antes não estudados. O rápido crescimento pentecostal é, sim, um fenômeno social. Tal notabilidade no campo religioso se dá também pela sua teologia. Fernando Albano escreve que a experiência pentecostal é uma experiência de liberdade que promove a humanização do sujeito, especialmente do pobre. Isso porque possibilita a essas pessoas, em estado de anomia social, esperança e força emancipatória. Para os pentecostais, Jesus Cristo é o modelo de alguém que é cheio do Espírito Santo e, portanto, de poder para interferir na vida das pessoas. Ele é aquele que batiza no Espírito, concedendo poder para o testemunho cristão. As comunidades pentecostais ligam o Espírito Santo a pessoa de Jesus, a liberdade às suas palavras e obras. A pregação é de um discurso que Jesus salva, cura, batiza no Espírito e em breve voltará (2014, p. 899-903).



Alguns pesquisadores do movimento, afirmam que o mais correto é tratar como *pentecostalismos*, no plural, devido as idiossincrasias teológicas e litúrgicas do segmento. Por muito tempo, a categorização das “3 ondas” feita por Paul Freston serviu bem como classificação histórico-social do pentecostalismo no Brasil, porém, já não atende mais a complexidade dele. Nos Estados Unidos, o teólogo Frank Macchia divide o segmento em 4 grupos em todo território norte-americano: histórico, clássico, unicista e carismático. Este último dividido em dois subgrupos: 1) renovação carismática das igrejas protestantes e da Igreja Católica; e 2) os que seguem a teologia da prosperidade, da batalha espiritual, e mais recentemente, também os que compartilham uma visão judaizante. O que todos teriam em comum é a centralidade da experiência religiosa a partir do êxtase. Porém, não há unanimidade quanto ao “problema do neopentecostalismo”. No Brasil, a linha mais conhecida segue pensamentos de Paul Freston, Ricardo Mariano, etc.

O que nos interessa a título de pesquisa segue o que Freston chama de segunda onda, que ocorre justamente nos anos de fundação da Igreja Batista da Lagoinha. Final da década de 1950 e início de 1960 houve uma fragmentação do campo pentecostal e surgiram, entre muitos outros, três grandes grupos ainda ligados ao pentecostalismo clássico – o da primeira onda. Essa segunda fase coincidiu com o aumento do processo de urbanização do país e o crescimento acelerado das grandes cidades.

A nova forma de vivência religiosa avivada e comandada pelo Espírito Santo, ganhava o Brasil. A renovação e o avivalismo das igrejas que experimentavam um “estado de frieza espiritual” chega também a Minas Gerais. As transformações sociais advindas da expansão urbana, do processo de industrialização, das alterações estruturais na economia e na sociedade e a complexa vida nas cidades grandes foram fatores externos que afetaram também o movimento batista. Internamente, o esgotamento dos modelos religiosos estadunidenses rígidos e tradicionais já chegava no seu limite. Foi nesse plano urbano industrial e religioso tradicional que as expressões religiosas avivadas pentecostais ganharam força e forma dentro das igrejas protestantes tradicionais.

A eclesiologia pentecostal é profundamente influenciada pela sua pneumatologia. O poder de Deus que vem através do batismo com o Espírito Santo tem o propósito de capacitar a igreja para desempenhar a sua missão. É o Espírito quem empodera, da força, motivação, coragem e inspiração para levar o evangelho a toda a criatura. Sem este poder, a igreja não desempenha a sua missão. Hoje, existem compendios sistemáticos sobre as doutrinas pentecostais. Porém, na época dos anos 50-60, não existia uma teologia pentecostal sistematizada. Ela simplesmente acontecia junto da vida, da experiência que se realizava.

Nas cidades mineiras, o processo de efervescência religiosa foi iniciado, defendido e difundido por Rosalee Mills Appleby. A missionária, também norte-americana, veio para o Brasil em 1924. Seu trabalho foi praticamente todo em Belo Horizonte. Appleby é considerada uma das pioneiras na divulgação e implantação das doutrinas relativas ao batismo com o Espírito Santo e dos dons espirituais como realidade na vida religiosa, principalmente em meio aos batistas conservadores e tradicionais. Ela mantinha um programa de rádio, era convidada a pregar e escrevia textos e artigos defendendo sempre uma operação vigorosa do espírito de caráter renovacionista dentro das igrejas batistas.

Pereira (2011, p. 42) vai dizer que a instituição mais afetada pela efervescência da renovação religiosa foi a Igreja Batista da Lagoinha. Isso porque o movimento pró-avivamento foi incorporado pelo pastor José Rego do Nascimento. Ele já era adepto ao movimento pentecostal devido a experiências anteriores com o “batismo pelo Espírito Santo”. Assumiu a difusão do movimento nos cultos da IBL, nas casas dos fiéis e em programas de rádio. Defendia que a renovação deveria ser algo normal na vida das igrejas, já que era uma obra do Espírito.

Nos anos de 1950, fundar uma igreja totalmente independente era uma tarefa quase impossível. “Abandonar” a confessionalidade e mudar a pertença religiosa quase sempre soava como heresia. O caminho mais fácil era organizar uma congregação dentro de uma igreja já institucionalizada. Se fosse batista, era mais fácil ainda. Era uma ação estratégica. Aumentar o número de templos batistas em Belo Horizonte, significava diminuir a migração de fiéis para outras denominações. Supostamente, isso garantiria a manutenção da identidade batista.

A abertura da IBL se dá em desacordo com a ortodoxia batista. Ela nasce de um interesse pessoal. O inconformismo de um pequeno grupo com o estado espiritual das igrejas da época soou como a possibilidade de descortinar novos horizontes de fé. Era a garantia de paz coletiva e individual, de um sentido à existência e de uma moralidade baseada na “experiência do Espírito”. Características vividas por igrejas em todo o Brasil. Delas nasceram as incontáveis campanhas de avivamentos, conferências evangelísticas e denominações, como a Igreja do Evangelho Quadrangular.

O contraste entre a vitalidade das igrejas pentecostais e as estruturas tradicionais das igrejas históricas abre novos caminhos que começam a ser examinados por alguns grupos dentro do protestantismo em geral. São grupos de renovação. Toda a renovação é um rompimento. Na época, constituía não só um processo teológico, mas social. Uma tomada de posição e um severo julgamento sobre as instituições religiosas que estagnaram ou resistiam às mudanças. A renovação autêntica, de acordo com Waldo A. César (1968, p. 36) se apropria de elementos nacionais, cuja beleza e possibilidade criadores não mais justificam nenhuma importação. Neste

sentido a renovação é inversamente proporcional ao tipo e quantidade de cultura estrangeira. A intensão seria provocar uma teologia, um compromisso mais verdadeiramente nacional.

A conjectura feita por César é, praticamente, simultânea à renovação denominacional que acontece nas igrejas protestantes demasiadamente estrangeiras e também na Igreja Batista da Lagoinha. O pensamento do autor é importante para compreendermos o sentimento que estava por de trás da dinâmica desse rompimento eclesial. Havia um sentimento de profunda crise nos trabalhos missionários realizados aqui no Brasil. E, também, uma crise nas igrejas brasileiras. A convicção de alguns círculos protestantes era da necessidade de uma nova visão tanto da ação de Deus, quanto da ação da igreja.

Oficialmente, o nascimento da IBL se deu em 20 de dezembro de 1957<sup>3</sup>, dia em que foi realizado o concílio examinador. Na ortodoxia batista, o concílio é o meio utilizado para se fazer a alteração e a transição de uma congregação para uma igreja local. É uma reunião administrativa, espiritual e cultural realizada no lugar onde os fiéis se reúnem. Nela são feitas perguntas aos fiéis no âmbito da eclesiologia, doutrinas, Bíblia e princípios de fé adotados pelos batistas. Assim, uma congregação batista ao ser organizada, alcança a natureza de igreja e torna-se livre para escolher seu pastor, determinar sua conduta, administrar seus negócios e sustentar a aliança voluntária dos “crentes com Cristo” e com as demais pessoas (AZEVEDO, 2004, p. 76).

A ata de organização da IBL registra a adoção da *Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira*, os *Artigos de Fé dos Batistas* e o *Pacto das Igrejas Batistas*<sup>4</sup>. O pastor José Rego Nascimento assumiu oficialmente a igreja com o apoio de 28 fiéis presentes. Por mais que a instituição afirmasse a identidade batista denominacional, já havia nela um processo de fragmentação. Desde sua fundação a IBL já constrói sua trajetória e identidade religiosa de maneira distinta. Principalmente, devido a influência carismática. Num primeiro momento, isso se deu por meio do pastor Nascimento. A repercussão do trabalho “avivalista” realizado por ele – com grande ênfase no exercício dos dons espirituais - no bairro Lagoinha atraía cada vez mais novos seguidores. A grande expressividade da IBL, dos ensinamentos carismático e das “novas doutrinas” do pastor avivalista trouxeram repressões, que culminaram num processo de desligamento da IBL da Convenção Batista Mineira.

Os pentecostais eram vistos como inimigos das igrejas tradicionais. Quem optasse pela “nova experiência de fé” em detrimento da confessionalidade denominacional assumia os riscos de virar alvo de repreensão. A pentecostalização da Igreja Batista da Lagoinha era motivo de

---

<sup>3</sup> Registrado no Livro da Ata da IBL. Ata nº1, de 20 de dezembro de 1957.

<sup>4</sup> Os três documentos se encontram em: <http://www.convencaobatista.com.br/>

uma vigilância constante e rígida por representantes da ortodoxia batista. A intensão era blindar o movimento e evitar que isso alcançasse outras igrejas. “A IBL passou a ser usada por Nascimento para sua ‘autopromoção’ a líder e principal propagandista de uma forma religiosa carismática entre os batistas” (PEREIRA, 2011, p. 85).

Pereira escreve que diante de um cenário “belicoso” em que Nascimento foi taxado de “herético” e “pentecostal” por uma ala da igreja, o pastor decidiu fazer uma reunião com os fiéis para discutir os rumos da IBL. A decisão tomada pela maioria foi a favor de Nascimento, em manter uma igreja com prática pentecostal. O que gerou um clima aguerrido. Membros que não concordaram com o resultado, trocaram os cadeados da porta da igreja a fim de impedir e expulsar o pastor e seus adeptos daquele lugar. Um ato de “defesa da fé”. Em resposta, Nascimento, orientado por um advogado, reúne seus adeptos e prepara um estatuto, para, em seguida, registrá-lo mantendo o nome Igreja Batista da Lagoinha. No dia 22 de novembro de 1958, a IBL foi registrada em cartório como pessoa jurídica e na história, como uma igreja pentecostal.

Uma nova etapa começa na história da IBL no dia 03 de janeiro de 1959. O novo templo da igreja, um salão alugado na Rua Manoel Macedo – endereço da sede atual – incorporou tanto na doutrina quanto na prática, o projeto avivalista de Appleby. A busca intensa por santificação, o “batismo com o Espírito Santo”, os dons espirituais e outras práticas pentecostais vividas pela igreja influenciaram outras instituições. O movimento em prol do avivalismo batista estava organizado. Vigílias passaram a ser realizadas para buscar a “benção do batismo com o Espírito Santo”. Além disso, a influência da IBL foi aumentando porque sua liderança valorizava, acima do normal, as experiências de revelação e profecias.

A IBL, com essa forma religiosa, distanciava-se daquilo que criam os batistas históricos e aproximava-se ainda mais do carismatismo e de uma vivência pentecostalizada da fé. (...) Como o carismatismo tomava corpo na IBL e em outras igrejas batistas, os ânimos da liderança batista de Belo Horizonte, no ano de 1961, ficaram ainda mais exaltados. Entrementes, 1961 era um ano de reunião convencional e o pentecostalismo implantado, desenvolvido e divulgado pela IBL seria uma matéria a ser tratada no encontro (PEREIRA, 2011, p. 91)

No mês de julho de 1961, em Juiz de Fora, depois de muita discussão, a Igreja Batista da Lagoinha foi excluída da Convenção. Outras igrejas, que tinham se juntado ao movimento de renovação também foram expulsas. Com isso, instaurou-se uma rede de poder a favor da IBL, das igrejas excluídas e do avivamento. O primeiro cisma do movimento batista, em Minas Gerais e em Belo Horizonte, estava formado. Em 1962, foi organizada a Convenção Batista do Estado de Minas Gerais. A nova organização veio confirmar o papel preponderante da IBL na inserção do avivalismo e pentecostalismo, no interior do movimento batista mineiro. Mesmo

assim, a IBL passou a cada vez mais afirmar seu caráter “interdenominacional”, isto é, a não se submeter a outro organismo religioso denominacional. Com a independência adquirida, a IBL vem construindo seu cardápio religioso e se constituindo num polo de irradiação de uma religiosidade carismática em contínuo processo de alteração (PEREIRA, 2011, p. 90-92).

Aversão e convenções sempre fizeram parte da identidade e da trajetória religiosa-institucional da Igreja Batista da Lagoinha. José Rego pastoreou a IBL até 31 de dezembro de 1965. Leite (2015, p. 29) escreve que devido as pressões, o pastor adoeceu e se afastou por um tempo para cuidar da saúde. Nascimento foi importantíssimo para a consolidação da IBL na primeira fase histórica como igreja. Ele inseriu o pentecostalismo no cenário mineiro batista e fez da IBL uma igreja batista renovada. Mais tarde, em 1972, com a chegada do pastor Márcio Valadão, a igreja entra em uma nova fase mais flexível, móvel e híbrida. A IBL tinha aproximadamente 300 membros. Márcio Valadão era um pastor jovem, de 23 anos.

(...) a história da IBL é de uma organização religiosa que tem um contínuo movimento que interliga localismo da igreja, a mobilidade identitária e administrativa e a desregulação institucional. Como a IBL vem vivenciando o processo de pentecostalização ao longo de sua história, por ele é caracterizada, tornando-se uma igreja carismática. Dessa maneira, a forma religiosa assumida pela IBL tem gerado a elasticidade de seu pertencimento às instituições filiadas e também um comportamento com tendência à hibridização (PEREIRA, 2011, p. 96).

Com Valadão, iniciou-se uma fase mais dinâmica e próspera, caracterizada pelo crescimento do número de fiéis, expansão evangelística-missionária, ampliação do patrimônio imobiliário e visibilidade midiática. A partir dos anos 80, para solidificar o crescimento a IBL adotou a metodologia de “grupos de crescimento”, a mesma usada por Paul Yonggi Cho, famoso líder evangélico da Coreia do Sul. Mesmo sendo desenvolvida em pequenos grupos, mantém traços da religião pentecostal e reforça a figura do líder carismático. Este foi um momento importante para a história da Igreja Batista da Lagoinha. O movimento celular adotado pela instituição, praticamente abandona as primeiras ideias vividas pela IBL e segue um novo movimento, a visão celular no Modelo dos 12<sup>5</sup>. Na década de 1990, a IBL alcança um crescimento numérico fortíssimo, fez com que o arranjo administrativo mudasse e um alto desempenho organizacional fosse adotado.

---

<sup>5</sup> A visão celular dos 12, ou G12, foi criada pelo pastor colombiano César Castellanos Dominguez e introduzida no Brasil, na década de 1990, por Renê Terra Nova e Valnice Milhomens. O modelo é estruturado a partir de uma dinâmica definida como *Escada do Sucesso*. Uma das diferenças do modelo G12 para as chamadas *Igrejas em Células* é o número exato de 12 discípulos que acompanham a liderança máxima da igreja, e os *encontros* espirituais de três dias que são realizados de maneira sigilosa.

No final dos anos 1990, a experiência religiosa de Ana Paula Valdão, uma das filhas do pastor Márcio Valadão, marcou ainda mais o crescimento da IBL. Ao participar de um congresso de avivamento nos Estados Unidos, Ana Paula teve uma experiência mística que originou o “Ministério de Louvor Diante do Trono”. Com o grupo musical, a instituição passa a adaptar-se as condições da sociedade do mercado, do espetáculo e do entretenimento. Assim, diversificando ainda mais o seu campo de ação, influência e prestação de serviço religioso. Em 1999, a IBL alcançava a marca de 10 mil fiéis. A performance musical e a atuação midiática – resultado de uma influência da racionalidade econômica sobre a religião – foram imprescindíveis para o crescimento substancial. Em 2002, a instituição adquiriu um canal de TV, Rede Super. Desde então, o processo de atualização religiosa ficou cada vez mais evidente. Como a grande maioria das igrejas evangélicas carismáticas contemporâneas, a IBL faz dos seus cultos espetáculos televisuais.

Atualmente, a Igreja Batista da Lagoinha tem 64 anos de história. Ao longo da sua existência, o nome batista vem fazendo parte de sua identidade e marca institucional. Internamente, prevaleceu a teologia carismática desde a década de 1960. E, hoje, 2021, a hibridez é sem dúvidas ainda mais gritante dentro da instituição. A marca batista do congregacionalismo e do individualismo deixa muito claro que, mesmo fruto do movimento de renovação, a IBL carrega traços da sua origem. Cada uma das suas 600 “congregações” possui teologias e dinâmicas diferentes. Dificilmente, alguém consegue definir a doutrina da IBL. Tal definição, leva em conta, cada igreja estabelecida no Brasil e no mundo e o líder religioso. Elas possuem suas particularidades e são influenciadas por correntes teológicas díspares. Porém, em praticamente todas elas, existe uma *estética fundamentalista*<sup>6</sup>.

### 1.3 O que há de fundamentalista na IBL

A complexidade da Igreja Batista da Lagoinha é reflexo do dinamismo presente no protestantismo brasileiro, principalmente, por conta do pentecostalismo que chega aqui e provoca rebuliços no cristianismo brasileiro. O desejo por um “avivamento” presente no imaginário religioso de boa parte dos protestantes na década de 1950 provoca rupturas significativas nas igrejas tradicionais, estereotipadas de “frias”. Como uma igreja batista, a IBL nasce autônoma, democrática, livre para tomar suas próprias decisões. O que proporcionou

---

<sup>6</sup> De acordo com Júlio Paulo Tavares Zabatiero (2008, p. 15-19), *estética fundamentalista* é um modo de interpretar a Bíblia que perpassa diferentes teorias, movimentos e instituições. Ou seja, é uma estética do existir, que revela o *alter ego* reprimido da modernidade, vivido pelo avesso, sob o signo da perversão. Enquanto uma estética do existir, ela está em/entre nós.

abraçar um caminho, a princípio, oposto ao que o movimento batista da época seguia. Combinando elementos teológicos, a experiência pentecostal ganha força no projeto da igreja. A autonomia adquirida pela IBL com o passar dos anos a deixa em cima do muro, sem assumir nem uma teologia batista, nem uma teologia pentecostal. Porém, ela se deixa influenciar por todos os movimentos possíveis. Atualmente, a IBL representa uma igreja que passou por todos os processos e fases do pentecostalismo no Brasil, assumindo também elementos neopentecostais – ou pós-pentecostais, seguindo a nomenclatura de Siepierski (1997, p.51).

Em meio a tantas disparidades, algo é necessário para unificar o discurso teológico da Igreja Batista da Lagoinha e sua ação e presença diante da sociedade. Apesar das teologias intuírem atuações pontuais nos diferentes núcleos da IBL, a base fundamentalista está em praticamente todas elas. O termo fundamentalismo possui hoje diversos sentidos. É usado, principalmente, em áreas do campo político e religioso. Pesquisadores do tema já chamam de *fundamentalismos*, no plural, devido a sua ampla significação. Ele extrapolou o âmbito teológico e passou a ser tratado em outras ciências, especialmente nas ciências sociais.

Originalmente, ele nasce dentro do ambiente protestante norte-americano. O cenário é o final do século XIX, início do século XX. A conflituosa guerra entre religião e ciência, iniciada no século XVIII, permeava por décadas. Uma das várias reações emergidas dos conflitos provem de integrantes das religiões abraâmicas, especialmente do cristianismo protestante. Para defender as “bases” de fé e as “certezas” religiosas, criaram-se certas barreiras, erguidas contra interpretações ateias ou antirreligiosas vindas do mundo da ciência ou da filosofia e da cultura moderna (secularismo, historicismo, criticismo bíblico, evolucionismo), ou mesmo da própria teologia liberal protestante da época (PAINE, 2010, p. 11).

Em 1910, na Assembleia Geral Presbiteriana, o documento com os cinco pontos fundamentais foi redigido e assinalou o nascimento formal do fundamentalismo protestante norte-americano (SANDEE, 1978, p. 18; HARRIS, 1998, p. 25-26). Diante, principalmente, da ameaça liberal, o documento afirmava o que se propunha ser os pontos essenciais da fé cristã. Eles estavam baseados em uma obra de 12 volumes, com 94 ensaios, intitulada *The fundamentals: a testimony to the truth* (Os fundamentos: um testemunho à verdade), por Milton e Lyman Steward (STEWART, 2003). A obra anunciava o que seria a essência da fé inquestionável servindo de fortaleza aos desafios modernos: três artigos de fé sobre Jesus (nascimento virginal, ressurreição corpórea, segunda vinda iminente) e dois itens mais teóricos (a redenção vicária, a inerrância da Bíblia no sentido literalista).

A Igreja Batista norte-americana também abraçou esses fundamentos e se tornou um dos principais divulgadores da atitude. Ao longo do século XX, o termo fundamentalismo

continuava sendo usado apenas dentro da comunidade protestante para designar certas correntes mais ligadas à interpretação literal da Bíblia e, frequentemente, a atitudes apocalípticas ou milenaristas. A partir dos anos de 1950, os termos fundamentalismo e fundamentalistas começaram a figurar também por acontecimentos políticos do Islã, outra grande religião abraâmica. A amplificação do termo também abrangeu, mais tarde, seitas menos tolerantes do budismo, certos partidos políticos na Índia que adotaram uma versão mais rigorosa do hinduísmo e, por fim, qualquer tipo de ideologia que exibiu traços semelhantes de firmeza e inflexibilidade de suas convicções (PAINE, 2010, p. 12-13).

O fundamentalismo é fruto de um contexto histórico. Por isso, também é um processo, com personagens, fases e lugares. Dependendo do ponto de vista, ele pode ter significados diferentes. Porém, ao longo dos anos se tornou ainda mais uma “devoção militante” (ARMSTRONG, 2001, p. 6). Alguns dos pontos mais defendidos por fundamentalistas são: o criacionismo bíblico, o uso do método histórico-gramatical de interpretação bíblica, uma posição conservadora em assuntos como aborto e pena de morte, e uma visão política antiesquerdista em geral (CAMPOS, 2011, p.258). Na grande maioria dos discursos presentes na Igreja Batista da Lagoinha, é possível identificar esse posicionamento. Quase todos relacionados a incessante luta contra o que identificam como sendo a “teologia liberal”.

Fazendo algumas buscas no site da instituição, é possível encontrar artigos que expressam esse posicionamento tido como fundamentalista. Em um deles sobre o aborto, por exemplo, o autor, comentando o Salmo 139, 13, escreve “a palavra é muito clara ao declarar como Deus enxerga o homem antes mesmo de nascer”<sup>7</sup>. Parágrafos à frente do pequeno artigo, ele complementa “A Igreja de Cristo jamais poderá compactuar com práticas que não respeitem à vida”. Em outro texto a respeito da suficiência da Bíblia, quem escreve diz que “podemos resistir com vigor à toda pressão social de ‘atualização’ da Bíblia para moldá-la ao espírito do tempo, aquilo que os alemães chamavam ‘zeitgeist’”. O artigo se mostra uma clara defesa fundamentalista, considerando como “esquizofrênica” a teologia que precisa do “auxílio das ciências humanas para ser lida numa perspectiva atual”<sup>8</sup>.

Mesmo podendo identificar uma certa defesa doutrinária, não há unanimidade entre pesquisadores acerca de qual seria a doutrina distintiva do fundamentalismo ou a característica mais típica. Scott Randall Paine identifica as particularidades principais do movimento atual

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://lagoinha.com/lagoinha-news/34299/o-atelie-de-deus-e-o-aborto> Acesso em: 24 out, 2020.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://lagoinha.com/lagoinha-news/29907/a-biblia-e-suficiente-e-atual> Acesso em: 24 out, 2020.



numa estrutura que ele chama de *anatomia do fundamentalismo*. Em alguma medida, quatro traços típicos são encontrados: um psicológico, um epistemológico, um hermenêutico e um pragmático.

Psicologicamente, quanto à atitude básica da mente: 1. *Subjetivismo fechado*: resistente à correção, não inclinado ao diálogo, à simpatia e até à empatia com pessoas de posições contrárias ou alheias.

Epistemologicamente, quanto às fontes de conhecimento: 2. *Fideísmo radical, fé ou submissão a uma autoridade religiosa como fonte exclusiva ou predominante de certeza epistemológica*: oposição ao enriquecimento pela filosofia e pelas ciências, à racionalidade, ao desenvolvimento crítico, e à possibilidade de uma dialética entre fé e razão.

Hermeneuticamente (ou exegeticamente), quanto à interpretação de seus dados fundamentais: 3. *Literalismo na interpretação de escrituras*: contra exegese mais discernente, interpretação, diferenciação de sentidos, complementação de perspectivas, reconhecimento do tamanho do ainda desconhecido.

Pragmaticamente (ou até politicamente), quanto às consequências das convicções na vida prática: 4. *Tendência a medidas radicais, à militância e até ao terrorismo na busca efetiva dos seus fins*: contra compromisso, suspensão de juízo, negociação, acomodação etc. (PAINE, 2010, p. 14).

Dentro desse esquema desenvolvido por Paine, nosso interesse se volta mais para o que ele considera ser o traço pragmático. Ou seja, as consequências na vida prática desse posicionamento. Este traço é, por sua vez, uma consequência dos outros três apontados pelo pesquisador. Sem o subjetivismo fechado e exagerado em relação a posições contrárias, o fideísmo epistemológico radical em oposição ao desenvolvimento crítico, e o literalismo na interpretação, ficaria menos radicalidade na divulgação de suas convicções e na implementação dos seus programas.

Leonardo Boff sintetiza fundamentalismo como uma forma de interpretar e viver as doutrinas. É assumir as letras doutrinárias sem cuidar de seu espírito e de sua inserção no processo dinâmico da história, que exige consecutivas interpretações e atualizações, justamente para manter sua verdade ativa. Boff afirma ainda que o fundamentalismo representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu modo de pensar, entendendo-se como portador de uma verdade absoluta. A consequência disso é a intolerância porque quem se entende portador de uma verdade absoluta não tolera outra verdade. E a intolerância gera o desprezo do outro, e o desprezo, a agressividade, e a agressividade, a guerra contra um erro que precisa ser combatido e exterminado (BOFF, 2002, p. 25-26).

O fundamentalismo estabelece a necessidade de criar caricaturas do “inimigo”. Não existe diálogo com o que é diferente, já que ele é adversário a ser derrotado. As bases do dualismo e da escatologia iminente constituem essa visão de mundo. O ponto de partida dualista é o antagonismo entre fé e modernidade. O “mundo” é o campo da ação do demônio e está destinado à perdição eterna. A comunidade dos crentes é o lugar onde Deus exerce o seu

domínio e leva à salvação. Por isso, a importância de constituir um grupo que seja coeso com suas crenças e que ofereça ao crente a certeza da verdade em meio aos “apóstatas”, “ateus”, “liberais”. Esse dualismo expressa-se em três âmbitos:

- como oposição entre duas formas de vida: o ser humano é colocado diante de uma opção pelo bem ou o mal, dois caminhos que levarão a desfechos opostos;
- como oposição entre a vida atual, terrena, de lutas e sofrimentos, e a vida eterna, feliz e plena. A vida terrena é então (de forma errônea) relativizada frente à vida eterna e as realidades puramente humanas perdem seu valor próprio, uma vez que o único ponto de interesse é a salvação escatológica;
- como oposição entre convertidos, crentes, de um lado, e pecadores, de outro, a qual conduz a um radical separatismo (LIMA, 2009, p. 342).

Outra base da cosmovisão fundamentalista, da escatologia iminente, segue o dispensacionalismo, que afirma a iminente consumação de tudo. Leitura derivada da interpretação literalista dos escritos apocalípticos que estabelece sete períodos balizadores para determinar o nível de relacionamento com Deus. Os dispensacionalistas defendem que a história está comprometida em um plano já traçado, que pode ser identificado através da interpretação das Escrituras. Dentro do seu plano de predestinação, Deus dirige a história por um desígnio a nós desconhecido, mas inabalável. A ação humana perde em significado, sendo tudo que ocorre uma fatalidade.

#### **1.4 Apontamentos conclusivos**

Neste primeiro capítulo, nossa intenção foi construir um caminho para compreender melhor a teologia que está por detrás da Igreja Batista da Lagoinha e influencia a sua relação com a sociedade. Não queremos analisar as ações finais, mas a teologia na qual se baseiam essas práticas. Conhecendo um pouco da história da igreja, concluímos que determinar essa sua teologia de base é uma tarefa difícil. Quase impossível. Num cenário de efervescência avivalista, um grupo de cristãos insatisfeitos com a “frieza” da Igreja Batista tradicional, decide “ouvir a voz do Espírito” e abrir uma nova igreja. Nasce, então, a IBL, nominalmente batista, mas experiencialmente pentecostal.

Ao longo da sua história, a IBL sempre viveu de maneira independente. Não respondia oficialmente a nenhuma convenção. Absorveu praticamente todas as novas teologias surgidas nos Estados Unidos e importadas para o Brasil. A influência norte-americana é bem presente na igreja. O fundamentalismo também foi abraçado pela instituição na sua maneira de interpretar e viver as doutrinas da fé. Hoje, talvez a nomenclatura que melhor defina a Igreja Batista da Lagoinha é a de uma igreja *híbrida* (FRANCISCO e VELIQ, 2020, p. 26). Ela abarca em uma mesma denominação inúmeras teologias, pensamentos e doutrinas. Algumas até

consideradas opostas entre si. Tudo depende do núcleo e da referência eclesial. Os líderes e pastores tem uma forte influência em relação ao que cada uma das 600 congregações vão seguir.

Diante desta liquidez, surge a pergunta: como definir a teologia que move a relação com a sociedade da IBL? A resposta é complexa e aberta. Mas passa pela provocação feita por Júlio Zabatiero, que ele chamou de *estética fundamentalista* (ZABATIERO, 2008, p. 14-27). Nós já vimos anteriormente que o fundamentalismo tem um corpo, uma forma. É possível identificar algumas características do fundamentalismo teológico, especificamente o cristão.

Ancorado no pensamento foucaultiano, Zabatiero vai refletir sobre um modo de interpretar a Bíblia que perpassa diferentes teorias, movimentos e instituições. Uma estética, ou seja, um estilo de interpretação, uma atitude hermenêutica, que não se identifica com nenhuma teoria ou método, mas os perpassa a todos igualmente. Enquanto uma estética do existir, o fundamentalismo está em/entre nós e seduz. Primeiro porque oferece um fundamento epistêmico sólido – o saber certo, a verdade inquestionável. Oferece também um fundamento existencial seguro – a identidade fixa, que fundamenta o sentido da vida. E propicia um fundamento religioso inabalável. Ela é sedutora porque oferece uma resposta ao confronto e oculta sua *práxis* dominadora com o véu da forma definitiva da verdadeira sociedade, onde não existe mais ricos e pobres, apenas quem aproveita e quem desperdiça as oportunidades livre a igualmente acessíveis a todos. Seu caráter grotesco é disfarçado pela luminosidade da nova moralidade. Um sagrado às avessas (ZABATIERO, 2008, p. 18-20).

O estudo de Zabatiero está ancorado no campo da hermenêutica. Apesar de não ser nosso foco neste trabalho, é a interpretação que move a prática. Por isso, partimos do pressuposto de que o que move a relação da Igreja Batista da Lagoinha com a sociedade e, conseqüentemente, suas ações, é a estética fundamentalista por trás da interpretação que ela faz do texto bíblico. Como estética, ela tem o poder de ultrapassar as fronteiras da teologia. Com essa ideia em mente, o próximo capítulo será uma apresentação da eclesiologia messiânica de Jürgen Moltmann. Iremos privilegiar alguns aspectos do seu pensamento, principalmente no que diz respeito à relação com a sociedade.

O teólogo alemão desenvolve uma *práxis* condizente com o contexto em que a comunidade de fé está inserida. Com isso, ele apresenta uma igreja que precisa estar ciente do que ocorre na sociedade e dela fazer parte com um alto grau de comprometimento e inserção significativos nos grandes temas provocados pela cultura contemporânea. Por considerar que a reflexão de Moltmann pode contribuir para a perspectiva eclesiológica da Igreja Batista da Lagoinha, faremos uma comparação dos principais aspectos desenvolvidos por ele com o fundamentalismo presente na IBL.



## 2 A RELAÇÃO ENTRE IGREJA E SOCIEDADE NA ECLESIOLOGIA DE J. MOLTMANN

Neste segundo capítulo, não pretendemos oferecer uma análise sistemática da eclesiologia do teólogo e pastor alemão Jürgen Moltmann. Nosso objetivo é considerar a relação entre igreja e sociedade proposta por ele na obra *A Igreja no poder do Espírito*, no intuito de discernir critérios a partir dos quais oferecer uma leitura crítica da teologia (ou a estética fundamentalista) identificada na Igreja Batista da Lagoinha.

Vimos no capítulo anterior quão difícil é elaborar uma teologia que mova a igreja em sua postura, presença e ação na sociedade. E esta dificuldade se torna ainda maior pela existência de uma estética fundamentalista, um modo próprio de interpretar a Bíblia que perpassa diferentes teorias, movimentos e instituições. Esse estilo que não está ancorado em nenhum método ou teoria, mas perpassa todos, provoca um relacionamento esquizofrênico com a sociedade. Pois, de fato, não se percebe uma relação inclinada ao diálogo, o que a torna resistente a qualquer posição contrária; trata-se de uma relação fechada em si mesma, que se opõe ao enriquecimento de outras ciências e saberes críticos e que, portanto, enxerga a vida de maneira “literal” assim como a interpretação do texto Bíblico, em uma espécie de “copia e cola” sem reflexão e contextualização. Trata-se, enfim, de uma relação sempre com forte tendência radical à militância (e até terrorismo) na busca efetiva dos seus fins (cf. PAINE, 2010, p. 14).

Antes, porém, apresentaremos aspectos teo-biográficos de Moltmann, que serão considerados como *experiência* que o provocou e o introduziu na teologia e na vida cristã. A partir desta experiência, o teólogo construiu uma sólida teologia. O caminhar teológico de Moltmann é trilhado na *esperança*, categoria importante para compreender seu pensamento. A partir de uma experiência pessoal, durante e após a Segunda Guerra Mundial, ele teve sua experiência de Deus. É daí que nasce sua teologia.

### 2.1 Na guerra, esperança: a experiência de Jürgen Moltmann

Jürgen Moltmann é um teólogo bastante conhecido e pesquisado no ambiente acadêmico. Qualquer exposição da sua história será repetitiva. Porém, para o possível leitor que não esteja tão familiarizado assim com o teólogo, faremos uma breve introdução, principalmente, a partir de sua experiência de (pós) guerra que culminou em todo o seu caminhar teológico.

J. Moltmann é alemão. Nasceu em 8 de abril de 1926, em Hamburgo. Apesar de estar em um país hegemonicamente cristão, não teve uma formação diretamente cristã. Tinha pais “esclarecidos”, que assumiam posturas indiferentes em relação ao cristianismo e à igreja. Cresceu admirando os números e grandes nomes como Albert Einstein, Wener Heisenberg e Max Planck. Até pensou em estudar física e matemática. O plano foi forçado a mudar, quando aos 17 anos recebeu a intimação para se alistar como ajudante da *Luftwaffe*<sup>9</sup>, aeronáutica alemã. Em 1943, a *Operation Gomorrah* protagonizou um dos momentos mais marcados do jovem Moltmann. Ele presenciou sua cidade ser bombardeada pela *Royal Air Force* britânica e provocar a morte de cerca de 40 mil pessoas. J. Moltmann e seus companheiros haviam sido destacados para uma bateria antiaérea no centro da cidade. Um deles foi extirpado pela bomba.

Em fevereiro de 1945 foi levado como prisioneiro britânico para o campo de concentração de *Norton Camp*. O regresso para a Alemanha se deu em 1948. Foram três anos refletindo sobre os terrores sofridos durante a guerra e sobre os crimes contra a humanidade praticados pelos alemães em Auschwitz. “Eu buscava por uma certeza na vida, pois tinha perdido a minha” (MOLTMANN, 2004, p.18). Na Bíblia e na benevolência imerecida de cristãos escoceses e ingleses, encontrou consolo. Em Cristo, Moltmann descobriu um irmão na necessidade, por meio da sua paixão, e por meio da ressurreição, uma *esperança viva* despertou no coração do alemão. As experiências de guerra e pós-guerra o colocava diante da reflexão sobre a condição humana e despertavam a pergunta sobre Deus, que até então, não o havia preocupado.

As minhas experiências de morte final da guerra, meus períodos de depressão por causa da culpa do meu povo e os perigos interiores da resignação completa atrás do arame farpado foram, para mim, o primeiro *locus theologicus* e continuaram sendo-o no recôndito da minha alma. Quando, em 1948, retornei do cativeiro, não sabia nem a que igreja me dirigir nem que profissão exercer. Estudei, então, teologia e filosofia em Göttingen, para descobrir se existe alguma verdade em Cristo e, em caso afirmativo, qual seria ela (MOLTMANN, 2004, p. 18).

No ano de 1948, Moltmann retorna dos campos de prisioneiros já se identificando enquanto cristão, porém sem relação com igreja alguma. Tempos depois, ingressou na formação pastoral influenciado pela sua esposa, Elisabeth, e seu orientador de tese. Em 1953, começou a pastorear uma pequena comunidade rural composta por cerca de 400 pessoas, em Bremen-Wesserhorst. Tanto ele como sua esposa eram pós-graduados e se defrontaram na pequena cidade com a vida simples. Foi ali que tomou conhecimento da *teologia do povo*, despertada na “luta por suas famílias e seu sustento diário, nas memórias de seus mortos e nos cuidados com

---

<sup>9</sup> Nome dado ao exército do ar alemão reconstituído sob a direção de Herman Goering a partir de 1934.

as crianças” (MOLTMANN, 2004, p.18). Moltmann desenvolveu sua teologia pastoral a sua própria maneira, principalmente, circulando pelas casas e nas visitas aos doentes.

Do percurso na comunidade, nasce um novo *círculo hermenêutico*: “não mais aquele entre a interpretação do texto e a auto-interpretação privada, como Bultmann, mas aquele entre a interpretação do texto e a experiência de comunhão das pessoas nas suas famílias, na vizinhança e no seu trabalho” (MOLTMANN, 2004, p. 18-19). Era uma teologia comum daqueles que creem, mas também duvidam, daqueles que são oprimidos, porém também consolados. Como pastor em Bremen-Wesserhorst permaneceu por 5 anos.

Em 1958 começou a dar aula na *Kirchliche hochschule Wuppertal*, uma Escola Superior fundada pela Igreja Confessante, que resistia ao regime nazista para oferecer uma teologia livre em relação ao Estado. A escola tinha seu espírito e sua *práxis* voltada para a Igreja Evangélica da Alemanha. Foi nessa Escola que, em 1964, Moltmann lança seu livro *Teologia da Esperança*. Um ano antes, 1963, ele entra para a universidade de Bonn, fazendo uma teologia de forma mais científico-sistemática. Quatro anos depois, é convidado a lecionar na Universidade de Tübingen. Fica ali até sua aposentadoria, tornando professor emérito nessa universidade. Também entre os anos de 1967 e 1968 foi convidado na condição de professor visitante pela *Due Universiy*, nos Estados Unidos (MOLTMANN, 2004, p.20-21).

A teologia de Jürgen Moltmann é conhecida e respeitada em todo o mundo contemporâneo. A forma de refletir do teólogo é inovadora desde sempre e influência outros tantos pensadores. Principalmente, no âmbito europeu por se vincular mais à história e a seu tempo do que normalmente o fazia a teologia europeia. Buscou sempre manter um diálogo com as teologias emergentes da América Latina. Em sua visão, a teologia é sempre contextual. A fé cristã está fundamentalmente ligada à experiência de uma situação existencial particular. Essa experiência, por sua vez, é igualmente uma situação social. Visto de fora, tudo aquilo que pode parecer ser apenas individualidade particular está, desde o início, sempre relacionado às experiências coletivas. Por isso, a teologia cristã é uma tarefa comunitária do “ministério teológico geral de todos os crentes” (MOLTMANN, 2004, p. 23). O acesso teológico à verdade do Deus triúno é dialógico, comunitário e cooperativo.

Além disso, para ele a teologia é, prioritariamente, pastoral. Não há dissociação entre uma e outra. Moltmann entende que a teologia acadêmica precisa ser vista para além da contribuição sistemática:

A teologia em seu conjunto é mais do que teologia sistemática ou dogmática. Teologia sistemática é apenas uma contribuição a um todo maior, comum, da teologia. Por isso, ela não pode constituir um sistema fechado, mas deve mostrar os pontos de conexão dialógicos com as demais disciplinas teológicas (MOLTMANN, 2004, p.11).

Karl Barth foi um grande influenciador da teologia de Moltmann. Mesmo tendo assimilado a teologia de Barth, como um estudante de Göttingen do pós-guerra que foi, ele viu a necessidade de ir além do pensamento barthiano. Inspirado pelos seus professores Otto Weber, Ernst Wolf, dentre outros, traçou novos rumos. Os teólogos Gerhard Von Rad e Ernst Käsemann exerceram papel importante no campo exegético do Antigo e Novo Testamento, respectivamente, em todo pensamento moltmanniano..

Dois grandes momentos marcam a produção acadêmica de Moltmann. O primeiro deles, entre 1964 e 1975, com uma trilogia que desenvolve três perspectivas da teologia cristã: revelação e história (*Teologia da Esperança*, 1964), a doutrina da cruz (*Deus Crucificado*, 1972) e a eclesiologia (*A Igreja no poder do Espírito*, 1975). O segundo momento (1980-1991) é conhecido por sua contribuição sistemática. Em 1980, J. Moltmann publica a *Trindade e reino de Deus* (1980), onde desenvolve sua percepção da doutrina social. Cinco anos depois, em *Deus na criação* (1985), ele enfatiza o significado ético da doutrina de Deus nas suas posições trinitárias e escatológicas. Em 1989, lança a obra *O caminho de Jesus Cristo* (1989) para começar a discutir o messianismo. Dois anos mais tarde, 1991, Moltmann publica *O Espírito da vida* (1991), trazendo concepções contemporâneas da pneumatologia. Ao longo de todo esse período, o autor também lança outros títulos de reflexões teológicas pontuais.

Quanto à hermenêutica, o filósofo neomarxista Ernst Bloch exerceu grande influência na construção teológica de Moltmann, com sua *filosofia da esperança*. Bloch era leitor e pesquisador de Karl Marx e discordava do método tradicional de análise da história, que parte do passado. O futuro é quem provoca impulsos para sua filosofia da esperança. A esperança, para Bloch, é a mediadora das relações humanas. Ela é um movimento antecipador do futuro. Aquele que espera (o ser), projeta o seu *ainda-não-ser* para esse futuro *ainda-não-realizado*. O esperar, porém, não é um fator de imobilidade. Pelo contrário, impulsiona a ação. A religião é parte substancial do seu sistema filosófico, como a esfera na qual o ser humano ainda incompleto projeta sua ânsia por uma existência reconciliada. Sendo assim, onde há esperança, há religião. É dentro desta perspectiva que Moltmann encontra o aporte hermenêutico para construir a sua *teologia da esperança*. A iniciativa é olhar para frente e procurar idealizar um futuro mais humano, colocando Deus e sua promessa no cenário do discurso moderno (GONÇALVES, 2014, p. 40-41).

Em Moltmann, passado e presente são condicionados pelo futuro. Neste sentido, a Igreja também é escatológica, ou seja, tem esperança no futuro, no reino vindouro e na vinda de Jesus. A eclesiologia que ele apresenta oferece esperança à Igreja e ao mundo. No entanto, essa oferta



de esperança só é possível a partir de uma reforma no modelo eclesial. Em *A Igreja no poder do Espírito*, publicado em 1972, ele quis apresentar um modelo de renovação da Igreja que, ainda hoje, permanece bastante atual.

Este breve resumo da história de Moltmann fez-se necessário. Toda sua teologia é feita a partir do seu caminhar, da sua experiência de fé que vai se descortinando a partir do contato com os símbolos teológicos. Mesmo de tradição luterana, é possível estabelecer uma conexão da experiência do alemão com a experiência pentecostal. Ambas são provocadas pelo Espírito, porém tem resultados diferentes. Por ser amplamente pentecostal, a Igreja Batista da Lagoinha valoriza a experiência com o Espírito.

Os temas esperança, promessa e escatologia precisam ser considerados para entender a teologia de Moltmann. Principalmente a esperança, perpassa todos os seus escritos. O teólogo foi o que mais se debruçou sobre o tema na atualidade. Segundo ele, a esperança é ingrediente indispensável para a vida cristã. Sua reflexão teológica é alicerçada pela sua experiência de cativo num campo de concentração, e as demais experiências de guerra e pós-guerra, principalmente, os massacres de vidas humanas realizados em *Auschwitz* durante o *holocausto*. A pergunta que move o seu pensamento, nesta época, é também feita por Emanuel Lévinas e Hans Jonas<sup>10</sup>: “Como falar de Deus depois de Auschwitz?” ou “Como não falar de Deus depois de Auschwitz?”. Não há como imaginar Deus lá, mas também não se compreende sem Ele.

*Auschwitz* sempre está no preâmbulo das reflexões de Moltmann sobre Deus. A experiência é a raiz de todos os seus esforços. Porém, como atribuir ligação entre o que aconteceu em *Auschwitz* com uma experiência divina capaz de gerar esperança? Cesar Kuzma vai responder a essa pergunta teologizando a partir do pensamento do próprio autor:

Se o preço do pecado é a morte e, neste caso, a morte vem com violência, por que, então, Cristo morreu? Este pensamento, infelizmente é comum. Um Deus que não se move contra o sofrimento humano, aparentemente, é um Deus que quer o sofrimento. E, este pensamento é mais comum do que se imagina. Mas não pode ser esta a compreensão cristã. Pelo ensinamento, prática, vida e obra de Jesus de Nazaré, sabemos que, a consistência do Deus anunciado por Ele se concentra no amor. “Deus é amor”, dirá a primeira epístola de João (1Jo 4,16). É o conteúdo da Boa Nova, como *dom gratuito* da abertura de Deus em relação à humanidade, porém, está se recusa a aceitá-la, rejeitando, com isso, o amor de Deus. Contudo, a eternidade de Deus consiste no amor que é eterno, ele não muda. Por isso Jesus, que é a visibilidade concreta deste amor, assume a decisão de caminhar até as últimas conseqüências, chegando inclusive a ser morto, morto por causa do amor (KUZMA, 2007, p.65-66)

Em Dostoiévski, Moltmann encontra aporte para explicar o amor que decide sofrer. Na novela *Demônios*, o autor russo diz que um Deus que não pode sofrer é mais desgraçado do que

---

<sup>10</sup> *O Conceito de Deus após Auschwitz: uma voz judia*. Ed. Paulus, 2016.

qualquer homem. Um Deus incapaz de sofrimento é um ser indolente, pois a injustiça e o sofrimento não o afetam (KUZMA, 2007, p.66).

Para compreender a esperança por trás do todo sofrimento, Moltmann afirma que é preciso reacender em nós a chama da ressurreição e buscar nas promessas de Deus uma justificação para o mundo, de forma a transformá-lo pela força e presença de Deus em nós. Assim, a fé em Cristo transforma a esperança em confiança e certeza, e a esperança torna a fé em Cristo ampla e dá-lhe a vida. Esperança é companheira inseparável da fé. Crer significa transpor, com esperança antecipatória, os limites que foram rompidos pela ressurreição do crucificado (MOLTMANN, 2005, p. 35).

Na teologia moltmanniana, a esperança é o elemento que conecta presente e futuro, trazendo este futuro como realidade escatológica. O futuro, garantido por um passado de promessas, assume o presente e o transforma. Ter esperança implica em dizer sim para o futuro. A esperança se relaciona e se alimenta das realidades concretas da vida vivida em opressão, miséria, exploração e alienação. Na hermenêutica da esperança, a promessa e o futuro estão interligados. A promessa convida o ser humano para dentro de sua própria história. A esperança, por sua vez, modela sua existência de acordo com a direção que ela mesma (a esperança) aponta.

Caminhamos agora para analisar aspectos do título *Igreja no poder do Espírito*. O propósito é estabelecer alguns pontos importantes para pensarmos sua eclesiologia em contraposição a estética fundamentalista da IBL. Vale ressaltar que nosso propósito não é analisar sistematicamente a eclesiologia de Moltmann. Mas, ela nos serve para estabelecer bases no relacionamento entre igreja e sociedade.

## **2.2 Igreja no poder do Espírito: a relação entre igreja e Sociedade**

O livro *Igreja no poder do Espírito*<sup>11</sup> desenvolve o testemunho de Moltmann no meio de uma crise na Igreja Alemã, que queria assumir o controle da sociedade e, ao mesmo tempo, tornar-se cada vez mais secularizada. É um texto bastante sistemático. Para ele, é necessário que as igrejas irrompam em novidade em meio as crises, reformando sua estrutura e suas políticas. Por isso, busca tratar das mais diversas áreas do discurso teológico, visando um

---

<sup>11</sup> No Brasil a obra é traduzida como *A igreja no poder do Espírito*, apesar de o título da obra em alemão trazer a palavra força (*Kraft*) e não poder (*Macht*), uma vez que *Macht*, geralmente indique *potência*, ou seja, poder soberano, e, por outro lado, *Kraft* denota energia, esforço e força. (...) Monika Ottermann, a tradutora da obra para o português, relatou-me de que foi uma opção da editora transliterar “força” (*Kraft*) por “poder” (*Macht*) visando um público mais amplo para a obra em português (GONÇALVES, 2014, p. 32). Vale lembrar que, no Brasil, a obra só foi lançada em 2013, mesmo sendo escrita e publicada em 1975.

resgate da esperança futura aliada a tradição para se orientar “nas crises de sua tradição e nas chances de sua esperança, em seu fundamento, seu futuro e sua missão” (MOLTMANN, 2013, p. 14).

O principal ponto, segundo ele, é que a Igreja precisa redescobrir seu fundamento único, Jesus Cristo, e aprender a confiar novamente no Espírito Santo. Só com este regresso é que a Igreja conseguirá ser uma Igreja de esperança, ecumenismo, carisma, missão e política. J. Moltmann, vai discutir tanto elementos conservadores como progressistas. Por isso, é possível considerar sua eclesiologia bastante dinâmica. Sua visão da Igreja é extraída tanto da fé das formas comunitárias primitivas como das suas próprias experiências pastorais e pessoais, até mesmo em outros países. Ele mesmo afirma que as páginas do livro *A Igreja no poder do Espírito* foram escritas no dia a dia de sua vida como pastor:

Fui por cinco anos pastor na comunidade rural de Wasserhorst, perto de Bremen, e viagens de palestras e conferências ecumênicas me levaram nos últimos dez anos a conhecer Igrejas em outros países e outras situações. Fiquei profundamente marcado – provavelmente e modo mais profundo do que estou percebendo conscientemente – pelas experiências dos cristãos na Coreia, sua paixão missionária e seu sofrimento na resistência política; pelas experiências carismáticas das Igrejas independentes no Quênia e em Gana, por suas orações e animadas danças; pelos trabalhos das comunidades cristãs nas favelas de Manila e nos povoados dos camponeses na América Latina, por sua vida com o povo e suas perseguições pela política. Em todo caso, tudo isto me mostrou as limitações da Igreja na Alemanha (MOLTMANN, 2013, p. 15).

O livro está dividido em sete capítulos: no capítulo um, ele fala das dimensões de uma doutrina sobre a igreja hoje, sua conexão imprescindível com Cristo, sua tarefa missionária, sua condição ecumênica e sua *práxis* política. No capítulo dois, o autor faz uma leitura da igreja a partir da história, onde a própria igreja está inserida. No terceiro, o mais extenso deles, ele trata de Jesus ser o fundador da igreja, sua condição de comunidade do êxodo, sua relação com a cruz, com o Reino de Deus e sobre os membros desse reino. O capítulo quatro é dedicado apenas ao Reino de Deus. No quinto capítulo, ele traz a discussão sobre a presença do Espírito Santo na igreja ou a igreja na presença do Espírito. No sexto, Moltmann trabalha a dinâmica da comunidade da fé com seus ministérios a partir dos dons e vocações no poder do Espírito Santo. E, no último capítulo, ele trata das notas da igreja relacionada a unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade.

Para introduzirmos especificamente o conteúdo da obra que será tratado aqui, usaremos como base o que Moltmann desenvolve no primeiro capítulo do livro *A Igreja no poder do Espírito*, intitulado “Quais são as dimensões de uma doutrina sobre a igreja hoje?”. É obrigação da igreja chegar a uma clareza acerca da sua missão, sua situação e seu objetivo em qualquer tempo (ou em todos eles).

A igreja é o povo de Deus e, em todos os tempos, ela terá que prestar contas àquele que a chamou para o êxodo, que a libertou e a congregou. Portanto, ela terá que refletir sua vida, suas formas de vida, seu discurso e seu silêncio, sua atuação e sua omissão diante do fórum de Deus. Ao mesmo tempo, porém, ela é também uma devedora aos seres humanos (Rm 1.14). Portanto, em todos os tempos, ela terá que prestar contas diante das pessoas acerca da missão de sua fé e a realização dessa missão. Ela terá que refletir sua vida e a expressão de sua vida no fórum do mundo. (...) ela está diante do mundo em prol de Deus e diante de Deus em prol dos seres humanos (MOLTMANN, 2013, p. 19).

Moltmann observa três dimensões sobre a doutrina teológica da igreja: diante de Deus, diante dos seres humanos e diante do futuro. Ela está aberta para Deus, aberta para o ser humano e aberta para o futuro de Deus e dos seres humanos. Se abandonar uma dessas aberturas ela atrofiará (cf. 2013, p. 20). Estas aberturas permeiam toda a reflexão do autor sobre a eclesiologia.

As rápidas transformações das sociedades atingem sempre a totalidade da forma reconhecível da Igreja. Tensões e conflitos entre pessoas conservadoras e as que se julgam conservadoras, entre pessoas progressistas e as que se julgam progressistas marcam hoje o sofrimento na Igreja, e, para muitos, elas marcam o sofrimento por causa da Igreja. Neste tempo, a Igreja é desafiada a se lembrar radicalmente de sua origem, de assumir firmemente sua missão e de converter-se de sua forma em deterioração e desaparecimento para o futuro de Cristo. É necessária uma abertura para os tempos que mudam, reconfigurando sua linguagem, seu culto, suas formas de viver e de se organizar. Porém, a reforma da Igreja também está ligada a uma agitação que ela carrega dentro de si, a de ser “nova criação”, e não apenas por fatores externos. A doutrina da Igreja precisa ser conduzida também por esta inquietação interior para ser o “novo povo de Deus, para testemunhar ao mundo o futuro do ‘novo céu e da nova terra’”. Nesta perspectiva ela deve ser percebida quando se fala teologicamente da “Igreja de Jesus Cristo”, da “Igreja do Reino de Deus” e da “Igreja na presença e no poder do Espírito Santo” (cf. 2013, p. 21).

É com base nestas perspectivas que damos sequência ao nosso trabalho, analisando essas três “esferas” teológicas da Igreja.

### **2.2.1 A Igreja de Jesus Cristo**

A eclesiologia de J. Moltmann é escatologicamente fundada na cristologia. Para ele, duas afirmações são fundamentais sobre a fundação e a origem da Igreja: “sem Cristo não há

Igreja” e “assim como se pensa sobre Cristo, assim se pensa também sobre a Igreja”<sup>12</sup>. Isso demonstra uma relação inseparável entre cristologia e eclesiologia.

Sem Cristo não há igreja. A igreja existe na medida e enquanto Jesus de Nazaré é crido e confessado como o Cristo de Deus. A doutrina sobre a Igreja está numa relação indissolúvel de justificativa e também de condição com a doutrina sobre Jesus, o Cristo de Deus. Cristo é o sujeito e quem orienta a vida da Igreja. Neste sentido, a eclesiologia que Moltmann apresenta só pode ser desenvolvida a partir da cristologia, como consequência e em correspondência com ela.

Moltmann vai dizer que existe uma ideia entre os cristãos de que Jesus fundou o cristianismo. No entanto, para discutir a fundação da Igreja é preciso refletir a respeito de alguns questionamentos sobre a compreensão de Jesus de Nazaré pela comunidade. A importância se dá na correlação entre a existência e a missão da Igreja com a pessoa e os ensinamentos de Jesus Cristo. A história da fé cristã mostra que os títulos cristológicos, nos quais as comunidades expressam sua fé e sua esperança, são historicamente condicionados, temporalmente variáveis e materialmente modificáveis. A imagem de Cristo e a imagem da Igreja sempre conjecturam também o “espírito do tempo”, as situações político-econômicas e as categorias socioculturais nas quais as comunidades vivem. Por isso, a teologia, para Moltmann, é sempre contextual.

A proposta moltmanniana é de uma cristologia que tem como ponto de partida a cruz. Com isso, ela pode ser acolhida tanto por cristãos como por não cristãos. A morte de Jesus foi ao mesmo tempo um fato histórico e também teve um propósito escatológico. O reconhecimento pelos primeiros cristãos de Jesus como o Cristo que se originou de Deus só foi possível porque eles aceitaram o fato de que ele morreu numa cruz. Eles tiveram que confiar na fé para serem capazes de reconhecê-lo como Aquele que veio de Deus, morreu e ressuscitou. Uma graça que os estimulava a lembrar e interpretar a vida de Jesus, desde a sua ressurreição até os primeiros anos da sua vida. Jesus era uma figura histórica e, ao mesmo tempo, divina, que se torna objeto de pregação.

Somente à luz da ressurreição é que a proclamação de Jesus se tornou a proclamação do Cristo, que se tornou a pregação de Jesus Cristo pela Igreja. Porém, foi preciso olhar para trás e reinterpretar o que Jesus fez e anunciou à luz da ressurreição para reconhecer o Cristo. “Por isto não existe diferença fundamental entre a proclamação de Jesus e a proclamação da comunidade. Por causa de sua própria história, o evangelho de Jesus sobre o Reino de Deus tornou-se o evangelho da comunidade sobre Jesus, o Cristo de Deus” (cf. 2013, p. 119).

---

<sup>12</sup> MOLTSMANN, 2013, p. 99.

A Igreja vive em tensão entre a história de Cristo e a história de seu tempo. Moltmann (2013, p. 100) afirma que se ela quisesse se compreender somente a partir de sua inteligência da história de Cristo, ela se tornaria "ortodoxa" no sentido de tomar como absoluta a imagem de Cristo e da Igreja dos tempos passados e de esquecer o condicionamento histórico dela. Se ela quisesse se compreender somente a partir da história de seu tempo, ela se tornaria o reflexo religioso das situações e dos movimentos existentes e “deveria ter a honestidade de eliminar de seu título o nome de Cristo”.

Quando a Igreja se designa como "Igreja de Cristo", ela também terá que partir em sua autocompreensão de Cristo. No entanto, qual é a relação da Igreja com Cristo e, segundo sua fé, de Cristo com a Igreja? As respostas dadas são muito diversificadas. A expressão mais clara encontra-se no Catecismo de Heidelberg, na Pergunta 54, que reza: "O que crês sobre a Igreja santa, universal, cristã?" A surpreendente resposta indireta é: "Que o Filho de Deus congrega, guarda e preserva dentro de todo o gênero humano uma comunidade eleita para a vida eterna, por seu Espírito e sua palavra e na unidade da verdadeira fé, desde o princípio do mundo até sua consumação e da qual eu mesmo sou e permanecerei sempre um membro vivo" (MOLTMANN, 2013, p. 101).

O teólogo não fala abertamente sobre qual é o fundamento da Igreja deixado por Jesus, se é que ele deixou algum. Ele também não comenta a respeito do texto de Mateus 16, 18<sup>13</sup>, considerado um dos mais explícitos quanto ao fundamento da Igreja. Não é possível saber se Moltmann omite involuntariamente o versículo ou o faz intencionalmente. Porém, ele comenta que, se Jesus tivesse lançado o alicerce da Igreja, esse alicerce não teria durado já que não deixou nenhum regulamento quanto à sua estruturação e administração.

No entanto, ao citar o Catecismo de Heidelberg, Moltmann está afirmando que pergunta pelo ser da Igreja (de cunho eclesiológica) recebe uma resposta na confissão de Cristo e daquilo que ele faz (ou seja, cristológica). Os atos de Cristo de congregar, guardar e preservar descrevem a própria comunidade. Segundo o autor, nessa explicação do catecismo falta o aspecto mundano positivo do envio/missão de Cristo e do envio/missão da comunidade. A totalidade do gênero humano é mencionado como se a humanidade existisse para a Igreja, mas não a Igreja para a humanidade. Falta também a vocação para o serviço ao mundo, e a visão da esperança pelo novo céu e nova terra (cf. 2013, p. 102-103).

Podemos intuir que Moltmann afirma que Jesus é o fundador da Igreja no sentido de que ele “lança a primeira pedra, sem deixar determinações sobre o que e como se terá que construir sobre ela” (cf. 2013, p. 103). Neste sentido, pode-se continuar construindo a Igreja na mesma fundação. O autor chega a dizer que a memória de Jesus de Nazaré não pode atrapalhar

---

<sup>13</sup> Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela ([Mt. 16,18](#) – ACF).

o desenvolvimento histórico posterior da Igreja. Com esta perspectiva, a Igreja pode mudar-se em função dos diversos contextos, desde que mantenha sua missão, fé e esperança. Quando elementos se tornam ineficientes, eles podem ser descartados.

Do ponto de vista da pregação, os Evangelhos Sinóticos apresentam toda a manifestação e toda a história de Jesus a partir de sua missão, seu envio messiânico. Suas palavras e vida tinham como preferência os pobres e convocavam as pessoas a se converterem. Podemos afirmar, de acordo com Moltmann, que a particularidade do Evangelho de Jesus está em proclamar "hoje" o início do tempo messiânica. Por isso, suas palavras, nas quais se torna poderoso o reino de Deus e a libertação dos oprimidos, relacionam-se a sua pessoa e à sua influência. Tanto quanto sabemos, toda a existência de Jesus coincide com a sua proclamação.

J. Moltmann vai dizer que, por estar indissolivelmente vinculado a sua pessoa, o Evangelho de Jesus entra também em sua história e assume os traços da sua Paixão e sua morte na cruz. Assim, o Evangelho do Reino que está vindo e da libertação presente encarna-se no sofrimento de Jesus e assume por último a forma do crucificado.

Com base na identificação de sua mensagem com sua pessoa, Jesus pode ser chamado a "promessa encarnada" do Reino. Exatamente por isto, a proclamação do Reino de Deus por Jesus pode ser continuada após sua morte e à luz de sua ressurreição somente como proclamação de Jesus o Cristo de Deus, o libertador crucificado e ressuscitado dos seres humanos. Por isto, não existe diferença fundamental entre a proclamação de Jesus e a proclamação da comunidade. Por causa de sua própria história, o evangelho de Jesus sobre o Reino de Deus tornou-se o evangelho da comunidade sobre Jesus, o Cristo de Deus. Por outro lado, isso não pode levar ao estreitamento da pregação do Reino por Jesus, pois a proclamação de Cristo pela comunidade é *in nuce* o evangelho do Reino, e a palavra da cruz contém *in nuce* o chamado de conversão para a liberdade (MOLTMANN, 2013, p. 119).

A missão messiânica de Jesus só pode ser completada em sua morte, e somente por meio de sua ressurreição pode ser totalmente eficaz. Ao longo de sua história, tornou-se a missão da comunidade e, junto com sua história, seu evangelho se tornou o evangelho da comunidade para o mundo. Quando a comunidade participa de sua missão, ela também experimenta na "comunhão com seus sofrimentos" a "força da ressurreição". A missão profética provoca um conflito entre ela e a sociedade em que vive e gera agitações entre os poderes do passado e as forças do futuro, entre opressão e libertação.

Moltmann enfatiza a vinda a vinda de Cristo como parte da vida de Jesus com referência à fundação da Igreja. Nesta concepção, a Igreja não tem que se vincular a uma condição temporal do passado, mas pode e deve viver para o presente e para o futuro. Por isso, a esperança recebida do Jesus ressuscitado torna-se essencial para a vida da Igreja. Foi só depois da morte e ressurreição de Jesus que aqueles que nele acreditam se reúnem em comunidade, tomando ele

e seus alicerces como fundamento para a Igreja. Jesus Cristo tornou-se para eles o autor de sua fé. Para o teólogo a Igreja existiu desde o momento em que os primeiros cristãos tiveram fé em Cristo Jesus. Se a fé da Igreja em Cristo se expressa na proclamação de Jesus, que é a palavra de Deus encarnada, então a fé e o conteúdo do querigma são um.

Nesse caso, o nome de Jesus designa a origem, o início ou a instituição da proclamação cristã. Também não é diferente quando se coloca no lugar do querigma a fé. Assim, a fé torna-se o início histórico e a imagem arquetípica produtiva da fé dos cristãos. Com a fé que Jesus despertou começa a história contínua da fé como tal. Aqui, a cristologia e a eclesiologia coincidem na doutrina sobre a fé, e o fundamento da fé e o surgimento da fé são identificados de maneira que sua distinção lógica se torna difícil (MOLTMANN, 2013, p. 105).

O Evangelho de Cristo torna presente o reino de Deus, que vem na e pela palavra de Deus. O mundo fechado abriu a porta para a vinda de Deus. Em Cristo, o Reino chega e pessoas se convertem, voltam e caminham ao encontro dele. Portanto, a comunidade de Cristo também é o povo do Reino. Não um povo alheio ao mundo, mas um povo que se fixa agora no mundo propiciado pelo futuro de Deus, seguindo o chamado à liberdade. Ela entende seu movimento como o novo êxodo escatológico. Por isso, Moltmann define a comunidade de Cristo como: a "comunidade do êxodo". Isso significa sair do exílio, do gueto para a liberdade.

A missão da Igreja está relacionada à história da Paixão de Cristo. Nela, o sofrimento e a morte de Cristo ganham significado explicitado por Moltmann em três dimensões. A primeira é a dimensão da libertação da escravidão do pecado. De acordo com a compreensão da lei pelo seu povo, Jesus foi rejeitado e declarado blasfemador, porque declarou o Reino aos pobres e a graça aos pecadores. Na morte do Filho de Deus, a nova justiça foi revelada. Os rejeitados foram aceitos, os injustos foram justificados e o que não tinha direitos, recebe. Esta é a nova justiça de Deus revelada no Evangelho. Os afetados por isso vivem a partir do "perdão dos pecados" pelo "sangue de Cristo". Por meio da entrega de Cristo na cruz, eles renasceram com nova vida e nova justiça (cf. 2013, p. 125-127).

A segunda dimensão é a libertação da idolatria do poder. O apedrejamento era a sentença prevista para blasfemadores. Jesus, porém, não sofreu esta pena. Foi além. Os motivos políticos o levaram a ser crucificado como agitador e revoltoso. Na época, a crucificação era a pena para escravos foragidos e para revoltosos contra a *Pax romana*. Pilatos representa diante de Jesus uma política religiosa ou uma religião política. Existe, então, no processo de Jesus o conflito entre sua mensagem messiânica e sua entrega, por um lado, e a realidade político-religiosa, por outro. Moltmann chama isto de a alternativa "*aut Christus- aut Caesar*" (ou Cristo - ou César). Opção, que segundo ele, é muito presente na Igreja que recorre ao crucificado no atual conflito com as religiões políticas das sociedades nas quais ela existe. A adoração do poder político e a



legalização religiosa de dominações econômicas, sociais e políticas são transtornos dos quais nenhuma sociedade é capaz de escapar. A idolatria do poder, o fetichismo do dinheiro e das mercadorias e o messianismo político são antigos e, ao mesmo tempo, modernos. Eles permanecem vivos enquanto os corações das pessoas são "fábricas de ídolos". A igreja não é exceção (cf., 2013, p. 127-132).

No entanto, na medida em que a fé cristã nasce da morte do "agitador Jesus, a religião política de sua sociedade é-lhe "crucificada", e ela, para a mesma. Entre ela e a idolatria política se interpõe a memória do Crucificado. Ela a faz reconhecer os "bens mais sagrados" de seu povo como ídolos. Ela defenderá o iconoclasmo da cruz no âmbito das religiões políticas. No sentido das nações, classes ou raças idolatradas, ela será considerada "blasfema". Na medida em que a Igreja de Cristo em sua totalidade nasceu "da chaga do lado de Cristo", ela se tornará também em sua totalidade um fermento da dissolução da idolatria política, por meio de sua existência e de seu modo de vida. Ela insistirá na dessacralização do poder político e na democratização do domínio político. Como fermento crítico de dissolução do fetichismo econômico, ela divulgará liberdade em solidariedade. Para os cristãos no Império Romano foi perigoso confessar um Deus politicamente crucificado. Os mártires que negaram o culto ao imperador suportaram as consequências de sua confissão e assim divulgaram liberdade. Igrejas que esquecem seus mártires, que são neste sentido "políticos", correm o risco de se adaptar à religião política de sua sociedade (MOTLMANN, 2013, p. 129).

A terceira dimensão é a da libertação do abandono de Deus. Jesus morre na cruz também como abandonado por Deus. Esta dimensão seria a teológica e a mais íntima da sua morte. O que diferencia essa morte de tantas outras na história da humanidade é que no abandono, Cristo revela o mistério da cruz e da Trindade. O Filho é entregue pelo Pai ao abandono de Deus. O Novo Testamento caracteriza esse ato como um evento de amor de Deus, que alcança todo e qualquer abandono sofrido. Deus toma a morte de cruz do Filho para si para dar vida eterna aos perdidos.

Somente nesta dimensão teológica da Paixão de Jesus torna-se inteiramente claro por que a comunidade de Cristo vive, crê e espera a partir da entrega na cruz. Ela é a comunidade daqueles sem-Deus que encontraram a comunhão com Deus através do abandono por Deus de Jesus. Ela é a comunidade daqueles pecadores que alcançaram a justiça através daquele que foi feito pecado para ela. Ela é a comunidade dos malditos que foram abençoados através da morte maldita vicária de Jesus e que se tornou uma benção. E já que o Pai, pela morte do Filho, reconciliou "o mundo" consigo, sua nova vida se dirige ao mesmo tempo ao serviço da reconciliação no mundo (MOLTMANN, 2013, p. 135).

É este Evangelho da entrega, vivido na cruz, que faz nascer a Igreja. A cruz é a força da Igreja. Os primeiros cristãos sentiram que carregar cruz era naturalmente a condição de serem discípulos de Jesus. O crucificado manteve-se solidário nos seus sofrimentos. No centro da Igreja estão a "palavra da cruz" e a eucaristia. Da cruz de Cristo nasce a comunhão que os sem-

Deus tem com Deus. É a reconciliação “no sangue de Cristo” e sua própria entrega pela reconciliação do mundo que faz da igreja, Igreja.

Com isto, a Igreja de Cristo é simultaneamente Igreja sob a cruz. A comunhão de Cristo é experimentada ali onde cristãos tomam sua cruz. Na resistência comum contra a idolatria e a desumanidade, no sofrimento comum por causa da opressão e perseguição, esta comunhão será experimentada. Nesta participação na Paixão de Cristo e na Paixão do povo manifesta-se na Igreja “a vida” de Cristo e sua liberdade. A comunhão cristã comprova-se em tribulação e resistência. Finalmente, a comunhão com o Crucificado é praticada ali onde cristãos entram solidariamente na fraternidade dos seres humanos que vivem em sua sociedade visivelmente na sombra da cruz: pobres, deficientes, excluídos, presos e perseguidos (MOLTMANN, 2013, p. 137).

Moltmann aplica a teologia da cruz na vida cotidiana dos cristãos, no contexto do sofrimento da sociedade. Portanto, apela para a solidariedade e a libertação. Para ele, a comunhão com o sofrimento de Cristo envolve a comunhão e a solidariedade com aqueles estão enfrentando adversidades. Quando o cristão age a partir da fraternidade está praticando comunhão com o Jesus crucificado. É participando da missão e do sofrimento de Cristo que a Igreja encontra e compreende sua origem. Ela participa na história do tratamento de Deus com o mundo. Deus usa a Igreja como um elemento de todo o seu movimento no mundo, e a Igreja descobre seu papel quando participa da relação de Deus com o mundo. Por isso, a Igreja não pode se considerar o centro da história da salvação de Deus.

A Igreja é fundada com o propósito de prestar serviço ao plano salvífico de Deus. Em suma, a Igreja é fundada na história do relacionamento de Deus com o mundo e só pode encontrar a sua origem na participação na cruz de Jesus Cristo e na solidariedade com o mundo sofredor.

### **2.1.2 A Igreja do Reino de Deus**

Quando J. Moltmann vai tratar da Igreja do Reino de Deus, o faz a partir da dimensão relacional da esperança. Isso quer dizer que ela entra em uma relação tanto vertical quanto horizontal. Ela espera em Deus e espera pelos outros. Nenhuma vida pode ser compreendida somente a partir do seu fundamento, enquanto vive, existe em relações vivas com outra vida, ou seja, em horizontes de tempo e com perspectivas de esperança. Também é necessário rever o horizonte de tempo dentro do qual ela manifestará sua vivacidade, desenvolverá suas relações com outros seres vivos e desenvolverá suas atividades.

Reino de Deus é para Moltmann a consumação escatológica do *domínio histórico-libertador de Deus*. É Deus quem reina de modo claro, universal e inquestionável. Este reino é

manifestado na história por meio da palavra da promessa e do espírito da liberdade. Ele projeta sua luz já antecipadamente nos conflitos da história. Por isto, o domínio libertador de Deus pode ser compreendido como a *imanência* do Reino escatológico, e o Reino que está vindo pode ser compreendido como a *transcendência* do domínio de Deus crido e experimentado no presente (cf., 2013, p. 251).

São as promessas e a proclamação do Evangelho que manifestam a potência libertadora do Reino. Enquanto as promessas convocam as pessoas para fora e as colocam no caminho rumo à liberdade, a proclamação do evangelho tira pessoas da servidão do pecado, da Lei e da morte, transpondo-as para a justiça e a liberdade da vida eterna. Além disso, “o Reino de Deus está presente também em fé e obediência, em nova comunidade e nos poderes do Espírito” (cf., 2013, p. 252). O Espírito é aquele que faz nova todas as coisas no Reino.

O Espírito de Deus torna o impossível possível: ele cria fé onde, de outra maneira, não haveria nada para crer, ele cria amor onde não há nada amável; ele cria esperança onde não há nada de se esperar. Contudo, como diz a doutrina paulina dos carismas, ele desperta também possibilidades dormentes, recalçadas ou orientadas para de outra coisa e as ativa para o Reino de Deus. O Espírito de Deus age na história como criador de novo futuro e como recriador do que está morto em prol desse futuro. Nenhuma realidade e nenhuma possibilidade da criação no início é reprimida pelo Espírito. Como o poder plenificado de Deus, ele torna a criação oprimida viva e o preenche com as forças da nova criação. Por isto, também as possibilidades subjetivas e objetivas da história que são assumidas em fé e obediência fazem parte da história da nova criação de todas as coisas. Não é indiferente e sem importância se portas se abrem e chances se oferecem, assim como não é indiferente se pessoas passam pelas portas e se elas assumem as possibilidades objetivas no sentido do Reino de Deus que liberta (MOLTMANN, 2013, p. 252).

O autor discerne os horizontes de esperança que dão sentido às situações concretas da Igreja no mundo, ou, mais concretamente dos cristãos e do cristianismo no mundo. Em cada relação com outra vida, trata-se do futuro dessa vida e do futuro da relação mútua que uma vida constrói com outra vida. A esperança só se concretiza nas relações e nos relacionamentos, que são desenvolvidos a partir de uma linha do tempo. Sem um ambiente abrangente de esperança, as relações ficam sem sentido, se tornam contradições, levam a conflitos e morrem. Moltmann propõe uma espécie de relação tripla da Igreja: com Israel, com outras religiões e com o mundo.

Ao falar de esperança, a Igreja fala do futuro de Israel, pois a Igreja nasceu de Israel. Ao falar de esperança, o cristianismo fala do futuro dos povos, de toda a humanidade, pois ele existe para os povos, e por causa da humanidade lhe foi dada esperança. Ao falar de esperança, o cristianismo fala do futuro do mundo, da humanidade e da natureza, com cuja história ela se mescla na prática. A esperança viva é sempre relacionada a situações. Mesmo onde se entende a esperança de modo puramente pessoal, ela se refere à relação do ser humano consigo mesmo e nisto se refere a sua relação com Deus. A escatologia só pode ser concreta como escatologia relacional (MOLTMANN, 2013, p. 180).

Um aspecto bastante respeitável trazido por Moltmann na sua ecclesiologia é o de a Igreja da esperança precisar encontrar suas raízes no Antigo Testamento e na sua relação com Israel. Sem esta relação, a Igreja perderia de vista sua missão, bem como a sua relação com o mundo e com a sociedade.

A história da Igreja segue um caminho de “uma comunidade de judeu-cristãos para uma comunidade de judeus e gentios e dali para uma comunidade de gentios” (cf., 2013, p. 190). O que Jesus possibilitou foi a comunhão entre discípulos e não, necessariamente a fundação da Igreja. Sua comunhão com pecadores rompeu a Lei. Primeiramente, isso ocorre dentro do povo de Israel, mas depois atinge aos de fora. Os doze apóstolos representam o povo das doze tribos que messianicamente estão renovados. De acordo com J. Moltmann “a missão aos gentios foi rejeitada, porque os gentios deveriam vir à Sião e ao direito de Deus somente depois da renovação de Israel. Isto não excluía prosélitos, a missão ativa às nações” (cf., 2013, p. 192).

A comunidade cristã foi autodesignada *ecclesia* pela primeira vez em Antioquia. O termo significa a assembleia dos cidadãos livres da *polis*. Portanto, ela possui um caráter política que confronta a Lei e rejeita o culto no templo de Jerusalém. Todavia, Moltmann vai afirmar que a missão aos gentios não representava um abandono da expectativa da volta iminente ou a rejeição de uma escatologia mais concreta. A missão aos gentios representava uma reversão da ordem da esperança judaica praticada. Isso se comprova quando gentios chegam à fé cristã e judeus rejeitam o evangelho. “Na fé no Cristo Jesus, gentios glorificam já agora o Deus de Israel como o Deus de todos os seres humanos. Com isto, “os últimos”, a saber, os gentios, tornam-se na Igreja “os primeiros”, enquanto os “primeiros”, a saber, os judeus, tornam-se devido a sua rejeição os “últimos””. (MOLTMANN, 2013, p. 192).

A missão aos gentios e a Igreja de gentios são sinais e maravilhas escatológicas:

Enquanto se preserva a estrutura da ordem salvífica para "judeus e gentios" também na reversão temporal "gentios e judeus", o cristianismo e o judaísmo ficam vinculados. Somente quando eles se separam, os "primeiros" passam a ser os "últimos", os únicos. Contudo, Paulo tem plena convicção de que Israel vai se converter quando a plenitude dos gentios estiver ganha para Cristo. Portanto, ele inverte a promessa profética, segundo a qual os gentios vêm e adoram quando, no tempo escatológico, Sião estiver redimida de sua vergonha terrestre. A missão do apóstolo é um enorme desvio para a salvação de Israel, e nele, os primeiros tornam-se os últimos. A própria Igreja é esta missão da esperança e seu cumprimento inicial pela fé dos gentios. Por isto, a própria Igreja é este desvio para a salvação de Israel, um desvio cujo fundamento interior é a entrega de Cristo para a reconciliação do mundo, mas cuja ocasião exterior é a rejeição do evangelho por Israel. Se a Igreja entender sua origem, seu caminho histórico e seu futuro desta maneira, então ela mesma é esperança vivida para Israel, e Israel é esperança vivida para a Igreja (MOLTMANN, 2013, p. 193).

Através da missão cristã aos gentios, a esperança messiânica de Israel alcança o mundo inteiro. A reconciliação do mundo com Deus pelo evangelho é o caminho histórico para a redenção do mundo, por isto, também o caminho histórico para a redenção de Israel. “Pois ‘já que sua rejeição é a reconciliação do mundo, o que será sua aceitação senão a vida a partir dos mortos’, declara o judeu Paulo, que foi por Cristo aos gentios para salvar Israel (Rm 11.15)” (MOLTMANN, 2013, p. 194).

Sob constante orientação sobre esta relação, da Igreja de Cristo com Israel, Moltmann procura verificar as relações da fé cristã com as religiões universais. Visto que a Igreja é a Igreja de Cristo e está lá para o mundo, na vida e entre outras religiões, deve decidir a forma de relação que deve ter com elas. O diálogo será marcado pela “origem permanente da Igreja em Israel, a orientação permanente pela esperança de Israel e a consequente vocação particular da cristandade para preparar os caminhos do Reino que está vindo” (MOLTMANN, 2013, p. 201). Para isto, ele considera a circunstância global transformada na qual as religiões universais estão hoje e à qual elas se amoldaram.

Moltmann reflete que nos tempos modernos povos, culturas e religiões buscam a unidade da humanidade. A sensação de ser uma família com uma esperança de viver em paz, segurança e prosperidade é a que predomina. Apesar disso, as nações não irão sacrificar suas próprias identidades, desaparecer e se fundir em uma única nação. Muito menos as religiões se tornarão uma só. Mas significa que as diversas religiões e nações encontrarão seus fundamentos comuns e serão capazes, por conta disso, viver juntos em respeito mútuo e aspiração comum por um mundo melhor. A necessidade de unidade e a esperança no futuro são esses fundamentos: “ou os povos desvanecem por causa da sua separação, ou eles sobrevivem numa nova comunidade” (cf., 2013, p. 202). As “religiões universais”, entendidas como religiões elevadas (budismo, cristianismo, hinduísmo, islã e confucionismo), poderão se apresentar e sobreviver futuramente somente abertas para o mundo único que está surgindo e para a história universal comum que hoje ainda precisa ser criada. Esta é a nova situação para as religiões, inclusive o cristianismo.

Por muito tempo, os povos e Estados cristãos na Europa e na América eram baluartes do cristianismo contra outros povos e Estados, e também contra outras religiões. (...) As outras religiões eram vistas como inimigas ou como aquela superstição da qual o cristianismo aliado à civilização ocidental libertava as pessoas. Este tempo, da “missão ocidental” com suas perspectivas e com todo seu peso está irrevogavelmente terminando. Está começando o tempo da “missão universal” (MOLTMANN, 2013, p 203).

Ao cristianismo cabe desenvolver formas originárias, fazendo surgir um cristianismo autenticamente indiano, chinês, japonês, indonésio, africano e latino-americano com as

correspondentes teologias nativas. É a abertura para o diálogo inter-religioso. Pessoas de diferentes religiões vivem próximas umas das outras. Ignorar é estupidez. É necessário procurar conhecer a respeito da fé e da cultura de cada um. As religiões e, conseqüentemente as pessoas, não podem lutar umas contra as outras, pelo contrário, devem se unir para ajudar a encontrar uma solução para as crises da terra e da humanidade. Esse esforço comum é o que Moltmann chama de nova comunidade. A partir dele, as ameaças podem ser superadas.

Diante de tal cenário, o autor questiona: “Qual tarefa o cristianismo pode ter diante das outras religiões universais?” (MOLTMANN, 2013, p. 203). A resposta está na missão, que é capaz de despertar a fé, batizar pessoas, fundar comunidades e moldar a nova vida no reinado de Cristo até “os confins da terra”. No entanto, existe outra meta da missão, que Moltmann chama de “contaminação” das pessoas, seja qual for sua religião, com o espírito da esperança, do amor e da responsabilidade pelo mundo. Ela acontece no diálogo.

No diálogo, religiões, inclusive o cristianismo, se transformam, assim como mudam em conversas privadas as opiniões, posturas e perspectivas dos parceiros. O diálogo das religiões universais é um processo para o qual podemos nos abrir somente se nos tornamos vulneráveis na abertura e quando saímos dele transformados. Não se perderá a própria identidade, mas se ganhará diante do parceiro um novo perfil. As religiões universais sairão dos diálogos com novos perfis. Podemos verbalizar como esperança dos cristãos que estes serão perfis voltados para o bem do ser humano que sofre e para seu futuro, para a vida e para a paz (MOLTMANN, 2013, p. 204).

Para ser capaz de coexistir com as demais religiões do mundo, o cristianismo precisa sintonizar-se ao processo de diálogo, abertura e mutabilidade. É uma dupla exigência: reconhecer aspectos positivos em outras religiões e desistir de sua própria reivindicação de absolutismo. Preceitos e preconceitos em relação a outras religiões precisam ser desconstruídos. O absolutismo exclusivo da Igreja tornou o cristianismo invulnerável, imutável e agressivo (cf., 2013, p. 205). O absolutismo da fé também precisa ser revisto. Outro ponto de desconstrução é relativismo religioso herdado do Iluminismo, que para Moltmann parece apenas disfarçar um novo absolutismo, pois ambos contemplam tudo de uma posição superior e não histórica (cf., 2013, p. 208).

Quando o cristianismo em sua relação com outras religiões renuncia à reivindicação da verdade absoluta e também à arrogância de reivindicar integrações, apresenta-se como possível novo modelo para sua era pós-absolutista o modelo do catalisador crítico. Um catalisador gera ligações entre elementos por meio de sua mera presença. A simples presença de cristãos em ambientes de outro caráter religioso gera tais efeitos, na medida em que cristão vivem, pensam e agem diferentemente (MOLTMANN, 2013, p. 211).

O caminho é o diálogo, que anseia expressar o amor, fazendo da verdade uma agente criadora. Para Moltmann, de diálogos bilaterais entre cristãos e judeus, cristãos e muçulmanos, etc. surgem diálogos multilaterais, e de diálogos multilaterais é que gera a comunhão universal das religiões. Especialmente para o cristianismo, “os diálogos e as relações com outras religiões não são um meio para algum fim, mas tem sentido em si mesmos como uma expressão de sua vida no amor. Pois o cristianismo vive diante de um Deus que é amor e quer amor” (cf., 2013, p. 214).

Com isso, a Igreja reconhece teologicamente os aspectos positivos e a possibilidade de salvação em outras religiões e culturas, reconhecendo que também há esperança em outras religiões. Portanto, a missão da Igreja tem uma abordagem diferente, acompanhada do respeito por todas as culturas e religiões. A missão de aperfeiçoar o mundo é a mesma. Ao mesmo tempo, a Igreja deve continuar a afirmar a sua missão de levar a Boa Nova a todas as nações, batizando e fundando novas Igrejas. No cumprimento da sua missão, a Igreja pensa sempre no reino de Deus tanto em qualidade como em quantidade. “O diálogo é um sinal de esperança para o povo somente quando é realizado no interesse de sua vida e sua libertação” (cf., 2013, p. 216).

Diálogo significa não só falar, mas também ouvir, não só comunicar, mas também receber. Portanto, engajando-se no diálogo inter-religioso, a Igreja pode ouvir e estar aberta ao que outras religiões podem oferecer. A Igreja também reconhece suas próprias limitações e pecaminosidade no passado e também no presente e no futuro, até que o reino de Deus seja realizado.

A partir disto, é preciso também se perguntar pela posição do cristianismo no que Moltmann chama de “ordens seculares”.

O cristianismo não existe para si mesmo, mas sim para o Reino que está vindo. Os cristãos esperam esse Reino como futuro de toda a criação, portanto, ele pode ser preparado somente em conjunto com outras pessoas. Pois a esperança do cristianismo não está voltada para um “outro mundo”, mas sim para o mundo transformado dentro do Reino de Deus. (...) A Igreja não pode entender a si mesma quando não entende sua missão dentro dos processos globais e sua esperança para eles (MOLTMANN, 2013, p. 218-219).

O teólogo vai distinguir o processo global em três dimensões: o processo da vida econômico, que se desenrola nas lutas econômicas e na exploração da natureza. Aqui se faz necessária a libertação econômica do ser humano e da natureza em relação a sua exploração pelo ser humano; o processo de vida político, que se desenrola nas lutas pelo poder e pelo controle do poder. Aqui se faz necessária a libertação política do ser humano em relação a sua opressão pelo ser humano; o processo de vida cultural, que se desenrola nas lutas pelos

privilégios de educação, raça e gênero. Aqui se faz sentido a libertação cultural do ser humano em relação a sua alienação do ser humano (MOLTMANN, 2013, p. 219).

Outro ponto levantado por Moltmann é o abalo na vontade de viver dos seres humanos diante das crises contemporâneas. Por isto, exige-se do cristianismo não só o engajamento ético pela libertação desse círculo vicioso em que a humanidade se encontra, mas, com o mesmo peso, a presença de sua fé. Isso afetará também sua relação diante do processo econômico, político e cultural.

O processo da economia é um modelador global. Os mercados mundiais não estão mais sob o controle de governos e instituições. O dinheiro é o único universal na sociedade contemporânea. A economia redefiniu a humanidade em “trabalhador e comprador”. Não existe, segundo Moltmann, outras categorias como amor, dignidade, relacionamentos, porque elas não são quantificáveis pelo dinheiro. Os valores que impulsionaram grande parte da economia atual têm a ver com a demanda do mercado, que levou a conflitos e catástrofes em escala global. A forma como a Igreja deve se relacionar diante do processo econômico é reconhecendo que as necessidades e valores humanos estão sempre à frente do acúmulo. Também é necessário acabar com a corrida entre a demanda e a satisfação por meio de uma reavaliação de valores.

O caminho é a busca por justiça social. O cristianismo deve exigir o reajuste do desenvolvimento das nações industrializadas mais ricas em favor das nações mais pobres. Moltmann vê que os cristãos devem iluminar o caminho para novos valores que substituam os antigos: estes devem ser descobertos na comunidade global e na simbiose de pessoas com pessoas, nação com nação e cultura com cultura', onde as ideias de privilégio estão descartadas. Essa participação igualitária e distribuição igualitária de bens dá a todos uma chance de sobrevivência. Tais simbioses, afirma Moltmann, "devem ser vistas como correspondendo e antecipando o reino de Deus na história". A humanidade está diante da tarefa de desenvolver mecanismos sociais e estruturas políticas que promovem a independência e a comunhão, para superar mecanismos e estruturas que mantêm a dominação e a servidão (MOLTMANN, 2013, p. 231-232).

Em relação ao processo da vida política, Moltmann vai dizer que como membro de uma sociedade, o ser humano é um ser político. “Sua participação dos processos públicos e deliberação que dizem respeito à toda coletividade faz parte inalienável de sua vida e de sua dignidade como pessoa” (MOLTMANN, 2013, p. 233). Assim, conclui ele, o processo da política é um assunto para os direitos humanos. O governo político deve ser para e do povo, baseado na soberania popular e na democracia. As mudanças no processo político não devem



ser razão para não se envolver com ele. Já que a tarefa do cristianismo não é simplesmente viver em uma ordem política já existente, mas participar de sua formação. O prumo para a tarefa política do Cristianismo é o conceito básico dos Direitos Humanos, fundado no princípio de que Deus tem um direito de graça libertadora para cada pessoa. Este direito não pode ser dominado ou bloqueado por outro ser humano, pois resultaria no bloqueio da graça e do propósito do Criador: a imagem de Deus na terra não é um rei. É o ser-humano como tal.

Diante dos conflitos culturais, a fé cristã e a comunidade cristã são desafiadas a prestar contas deles. O racismo, por exemplo, é um problema global. Isso coloca a humanidade diante da tarefa de desenvolver bases para a convivência de pessoas racialmente desiguais. Em sua forma concreta, Moltmann vai dizer que o racismo sempre tem dois lados: é mecanismo psicológico de autojustificação e um mecanismo ideológico de subjugação. Por isto, ele só é superado quando seres humanos alcançam uma identidade libertada e não agressiva. Ou seja, quando se alcança uma redistribuição do poder social, econômico, político e cultural dos poderosos para os sem poder.

Outro conflito cultural é o sexismo. A dominação masculina com base em supostos privilégios e à submissão da mulher ao homem. Também o sexismo tem os mesmos dois lados do racismo. Para ser superado, a consciência de identidade masculina precisa ser substituída por uma consciência de identidade humana, “que já não requer a autojustificação com base nas particularidades do sexo” (cf. 2013, p. 245). Um terceiro conflito cultural mencionado por Moltmann é a relação entre pessoas sadias e pessoas doentes. No cerne desses conflitos está sempre a pergunta pela identidade humana. A fé cristã é fé na justificação, isto é, confiança de que o ser humano já é justificado diante de Deus. Conseqüentemente, todas as tentativas de autojustificação são supérfluas e contradizem a vida aceita por Deus desde sempre. A liberdade da fé que justifica é uma realidade pessoal, mas ela também possui uma dimensão social. Pois quem é justificado e já não precisa se afirmar por meio de prerrogativas de raça, sexo ou outras mais está livre para reconhecer o outro ser humano em sua dignidade humana e seu direito humano.

A história de Jesus Cristo, que morreu e ressuscitou dos mortos, dá esperança a toda a sociedade humana. Embora cada crente, como indivíduo, receba justificação, ele pertence a uma comunidade à qual Jesus Cristo também pertence. Não há indivíduo fora de uma comunidade, e um processo de se tornar um ser humano justificado acontece no processo de se tornar uma comunidade justificada. Visto que o Reino já está presente, embora ainda não esteja completo, é necessário que a Igreja participe do processo de seu aperfeiçoamento.

Tanto a Igreja como entidade como cada cristão desempenham um papel importante na esperança da sociedade humana. Eles são chamados a participar ativamente do processo. Quando os cristãos contribuem para o Reino, eles precisam ter em mente que participam não apenas de um processo local ou regional, mas também de um processo mundial de desenvolvimento. É ainda mais importante para todas as igrejas perceberem que este é o processo mundial em que a Igreja está se engajando.

A Igreja, o cristianismo e os cristãos entendem sua própria existência e suas tarefas na história de modo messiânico. Por isto, sua vida é determinada por antecipação, resistência, entrega e representação. (...) A Igreja no poder do Espírito ainda não é o Reino de Deus, mas já é a sua antecipação na história. O cristianismo ainda não é a nova criação, mas já é o efeito do Espírito da nova criação. Os cristãos ainda não são a nova humanidade, mas já são sua dianteira na resistência contra o enclausuramento mortífero, em entrega e representação em prol do futuro dos seres humanos (MOLTMANN, 2013, p. 258).

### **2.2.3 A Igreja na presença e no poder do Espírito**

A Igreja vive sua história baseada na ressurreição do Cristo crucificado. Jesus como Cristo é o gerador da fé da comunidade. A memória sempre viva deste fato guia a esperança da Igreja em direção ao Reino. É o futuro do Reino que desperta esta esperança. Memória e esperança são aspectos dinamizados pelo poder do Espírito Santo. O entendimento que a Igreja tem dessa fé e dessa esperança se dá na presença do Deus Espírito, que opera a nova criação. A comunhão com Cristo é fundamentada na experiência do Espírito. É ele que manifesta, une e glorifica Cristo nos seres humanos. A comunhão no Reino também, porque é o Espírito que conduz o povo para a verdade e a liberdade. Por isso, é necessário que a Igreja se compreenda na fé em Cristo e na esperança pelo Reino para, então, entender o seu caminho no Espírito Santo.

A Igreja de Jesus Cristo ressuscitado, vivendo no Espírito da ressurreição, torna a vida uma celebração constante. O Espírito Santo guia esta Igreja e concede-lhe os dons do Espírito. Moltmann vai dizer que a variedade de dons é tamanha assim como o número variado de pessoas, tão colorido quanto a própria criação. Com isso, a Igreja é a comunhão messiânica no mundo e para o mundo.

Trata-se por um lado, dos “meios de salvação”, como anúncio, batismo, ceia do Senhor, culto, oração, bênção e o estilo de vida das pessoas individuais e da comunidade. Trata-se, por outro lado, dos carismas, as funções, dons e tarefas, também chamadas de ministérios, no interior dessa comunidade e dessa comunidade para a sociedade. (...) como mediações e poderes do Espírito Santo, levam a Igreja para além dela mesma, para os sofrimentos do mundo e para o futuro de Deus (MOLTMANN, 2013, p.).

J. Moltmann vai chamar a Igreja de carismática no sentido de que ela e os cristãos recebem os dons do Espírito e devem ser usados de maneira eficaz com vistas ao Reino e a glória de Deus. Quando a Igreja é a Igreja das pessoas e não para as pessoas, ela cria oportunidades para cumprirem suas missões de acordo com seus talentos e dons. Neste sentido, Moltmann não exclui as manifestações carismáticas na Igreja. Porém, esta Igreja precisa estar baseada em três características fundamentais: reconhecimento do senhorio de Jesus Cristo, experiências dos poderes do Espírito e antecipação do Reino. Ao cumprir sua missão de acordo com estes três fundamentos, a Igreja permanece aberta ao Espírito que concede dons diversamente a Igreja e aos cristãos (cf., 2013, p. 375-380).

A missão da Igreja segue o Jesus messiânico. Isso quer dizer que ela está orientada para o Reino vindouro, como uma comunidade messiânica que participa da própria missão de Cristo rumo ao seu futuro. Ela oferece sacramentos e adoração como meios de salvação. Ao receber a graça de Deus por meio dos sacramentos, os cristãos tomam consciência de seus dons e tarefas para com a comunidade e o mundo. Por isso, o envio do Espírito é visto por Moltmann como sacramento do Reino. O termo “sacramento” é ambíguo devido ao desenvolvimento de várias tradições teológicas. Atualmente, há nas três grandes Igrejas Cristãs (Católica, Ortodoxa e Protestante) tendências de relacionar a maioria dos sacramentos com um fundamento uniforme e de perguntar por um “sacramento primordial”.

Na teologia protestante mais recente foi principalmente Karl Barth quem desenvolveu um conceito cristológico dos sacramentos. A encarnação é, para ele, “o grande mistério ou sacramento cristão”. A humanidade de Jesus Cristo é o primeiro sacramento. A tese de que Cristo é “o” sacramento ou o “primeiro” sacramento visa ainda fundamentar os demais. Barth defendeu um uso exclusivamente cristológico do termo. Surge daí a necessidade de optar por outros termos para indicar os atos tradicionalmente preconizados por este. Nessa situação, a proclamação, o batismo e a ceia do Senhor são “atestações”, “celebrações” ou “respostas” do ser humano ao sacramento uno e único de Deus que é Cristo (cf., 2013, p. 264).

Em contraponto, Karl Rahner prefere fundamentar os sacramentos eclesiais na Igreja como “sacramento fundamental da salvação e esse sacramento fundamental, no sacramento primordial da autopromessa de Deus” (cf., 2013, p. 265). Moltmann expõe que Karl Barth pensa a partir desse sacramento primordial e, assim, conserva a primazia qualitativa de Cristo em relação a sua Igreja por meio do uso unicamente cristológico da palavra “sacramento”.

Esta "virada cristológica" em ambos os lados esclarece efetivamente a origem uniforme e o conteúdo singular dos atos eclesiais, mas não toca na pergunta sobre por que justamente essas formas e não também outras são atestações de

Cristo e transmissão da salvação. As diversas tradições teológicas existentes permanecem intocadas e são apenas interpretadas de forma nova, a saber, cristológica. Entretanto, isto é, de enorme importância, tanto para a renovação da Igreja a partir de seu próprio fundamento como para a comunhão ecumênica de confissões separadas. Devemos perguntar, porém, se isto leva para algo além de uma melhor compreensão mútua das respectivas particularidades. Para observadores ortodoxos dessas convergências evangélico-católicas pode surgir a impressão de que as Igrejas ocidentais passassem agora do perigo de um positivismo do direito sagrado para um perigo de “cristomonismo”. Será que essa diferença permanente na convergência evangélico-católica - Cristo como o sacramento exclusivo de Deus ou a Igreja como sacramento fundamental e Cristo como o sacramento primordial - não poderia ser superada pela compreensão trinitária do dom escatológico do Espírito Santo como o sacramento? (MOLTMANN, 2013, p. 265)

Na Igreja, por meio do batismo, todo crente recebe dons e tarefas. Embora sejam diferentes para cada cristão, todos são necessários. Na comunidade carismática não há distinção entre clero e leigo. Todo o povo carismático está encarnado religiosa, pessoal, política e socialmente no movimento de libertação de Deus. Guiados pelo Espírito, os cristãos assumem a direção correta para se tornarem ativos no serviço ao Reino. É também o Espírito que ativa nossas capacidades e possibilidades para o Reino de Deus, para a libertação do mundo. Todo carisma é um poder da nova criação.

A “graça escatologicamente vitoriosa” de Deus leva a Igreja para além de sua existência para o mundo e a impele em direção ao Reino de Deus consumado” (cf., 2013, p. 269). A presença do Reino e a revelação do mistério escatológico de Deus residem no dom escatológico do Espírito Santo. É o que Moltmann chama de doutrina inclusiva da Trindade. É o Espírito que revela Cristo, cria a fé e dinamiza a proclamação, a comunidade e os atos simbólicos messiânicos. Moltmann vai apresentar o Espírito como “o poder do futuro de Deus e o consumidor da história de Deus”, que “glorifica Cristo nos crentes e é o poder da nova criação do mundo” (cf., 2013, p. 269).

Não Cristo em si, mas Cristo no Espírito Santo; não a Igreja em si, mas a Igreja de Cristo no Espírito Santo devem ser chamados de mistério ou “sacramento”. Este conceito trinitário dos sacramentos abrange também a história escatológica de Deus com o mundo nos “sinais e milagres” do Espírito Santo e nos “sinais do fim”. (...) No dom escatológico do Espírito Santo, “palavra e sacramento”, “ministérios e carismas” tornam-se compreensíveis como revelações e poderes de Cristo e de seu futuro. Como revelações simbólicas de Cristo, são as mediações messiânicas da salvação. Como glorificação de Cristo, são ações de esperança em direção ao Reino. Por isto entendemos no contexto do conceito trinitário dos sacramentos a proclamação, os “sacramentos” e os carismas como os “sinais e milagres” da história do Espírito Santo que opera salvação e faz surgir a nova criação/que une com o Pai por Cristo e o glorifica (MOLTMANN, 2013, p. 269-270).

A Igreja no poder do Espírito para Moltmann é um fenômeno, onde a prática e a expressão da Igreja são experiências enquanto a comunidade de serviço ao e do Reino de Deus.

Ela só encontra sua identidade e sua força, o que é e o que pode fazer, na presença e no poder do Espírito. O Espírito renova-a na comunhão com Cristo. O Espírito a preenche com as forças da nova criação, com sua liberdade e sua paz.

Neste livro, a perspectiva pneumatológica é considerada longamente por Moltmann. O autor une a história de Cristo e a história do Espírito Santo na história do tratamento de Deus com o mundo. Por meio da união com Cristo no Espírito Santo, a glória vindoura já se torna eficaz na vida presente. A Igreja de hoje e de amanhã continua a existir herdando sua identidade da Igreja apostólica, cumprindo sua missão apostólica, mas deixando-se sempre aberta à orientação do Espírito. Ela não deixa suas raízes, porém adapta-se a novas situações e ambientes. Os seus ministérios podem ser diversificados de acordo com cada época para servir a sua missão.

O chamado da Igreja e a comissão que Jesus atribui a cada cristão por meio do batismo são o que fundamenta esses ministérios. Os vários ministérios pressupõem o ministério comum da Igreja, que se origina em Cristo. A comunidade é chamada a continuar o que Jesus começou prestando serviço ao Reino de Deus. Isso necessita da participação e cooperação de todos os membros da Igreja e, portanto, de todos os dons. A vocação particular do cristão em uma comunidade procede da vocação da comunidade como um todo. Embora ele assuma uma tarefa específica, o cristão deve dar testemunho dentro da unidade de todo o povo de Deus.

Moltmann, vai dizer que a eclesiologia se torna uma hierarquiologia se não partimos do fato de que cada crente, portador de ministério ou não, é membro do povo messiânico de Deus. Quando isso acontece, o ministério é transformado em um funcionalismo desprovido de “espírito”. É o que acontece com o fundamentalismo na expressão pentecostal. Para ele, muitos problemas podem ser resolvidos quando entendemos ministério e comunidade, ministério e carisma dentro da história escatológica de Deus com o mundo. Antes que alguém fale e aja numa Igreja ou em seu nome, ela já falou e agiu por meio de sua existência, sua organização visível e suas funções públicas. É o testemunho existencial. Por meio de seus ordenamentos, ministérios, organizações, a Igreja confessa ou nega a causa que ela deve defender.

Como Igreja de Cristo, a comunidade procurará realizar as possibilidades sociais, políticas e culturais de um respectivo tempo de uma maneira que corresponda a sua causa, para que também seu perfil corporal e público sirva para confrontar as pessoas com a liberdade de Cristo e convidá-las para o Reino messiânico. A compreensão da Igreja no processo do Espírito não pode se tornar espiritualista e levar ao desprezo de sua forma vivencial pública.

Por isso, o Espírito Santo guia a Igreja em todas as situações históricas. Moltmann vai dizer que os cargos (ministérios) são funções de libertação messiânica no mundo. Em cada

período e em cada circunstância “os cargos a serem realizados por uma comunidade dependem dos dons do Espírito que estão vivos numa comunidade e são determinados segundo as tarefas que se apresentam a comunidade” (cf., 2013, p. 387).

A comunidade carismática pensa em eventos concretos para sua missão no mundo. Podemos observar em Moltmann três citações de principais ministérios: o da proclamação do evangelho, o de batizar e celebrar a Ceia do Senhor, e o de realizar trabalhos de caridade. Cada Igreja, sob a direção do Espírito Santo, decide por si mesma o que é o centro de sua vida. Alguns podem considerar a pregação da palavra de Deus, outros a oração comum, outros a cura dos enfermos ou a obra de caridade. No entanto, “onde for que uma comunidade descubra seus poderes e suas tarefas, o importante é sempre que os cargos considerados essenciais e centrais sejam assumidos pela comunidade inteira” (cf., 2013, p. 388). Essa acolhida se dá porque os encargos fazem parte da comissão da própria comunidade.

Destes três ministérios muitas outras tarefas derivam, mas não somente deles. J. Moltmann vai dizer que a Igreja deve permitir que uma variedade de encargos sejam ativos, mesmo não os considerando fruto dos ministérios essenciais. É porque a Igreja continua a missão de Jesus e os cristãos participam nesta missão por meio do batismo que as comissões são essenciais e não os ministros. Cada cristão recebe dons e tarefas particulares que são importantes para a comunidade. Todos são chamados com a mesma dignidade e os mesmos direitos. Porém, ministérios especiais precisam ser conferidos a alguns membros para que possam ser cumpridos com eficiência. Estes ministros, por sua vez, devem sempre servir tendo em vista a unidade da comunidade. Assim, a unidade da Igreja carismática encontra-se na única missão e na diversidade dos ministérios (MOLTMANN, 2013, p. 389-390).

O princípio da relação entre os ministérios especiais e a comunidade é que os ministérios especiais são cumpridos em nome e dentro da comunidade. A comunidade designa os ministros para realizar esses serviços essenciais, buscando sempre a unidade da comunidade. Deus, por meio do profeta Joel, prometeu que o Espírito seria derramado sobre toda a humanidade<sup>14</sup>. Segundo a profecia veterotestamentária, o Espírito é o dom do tempo escatológico. Isto significa a nova criação do povo de Deus e de todas as coisas. Uma criação do Espírito.

O Espírito faz criar o povo; o Espírito empodera-o para a missão; o Espírito opera suas forças de vida e seus respectivos serviços; o Espírito une, ordena e preserva o povo. Por isto, a comunidade entende a si mesma, seus dons e suas tarefas a partir e na história escatológica do Espírito. Nisto, ela não só experimenta quem ela é, mas também onde está seu lugar. Ela descobre na história mais abrangente do Espírito o futuro redentor do mundo (MOLTMANN, 2013, p. 374).

---

<sup>14</sup> Joel 3, 1-2.

O novo povo de Deus entende-se em sua existência e sua forma como criatura do Espírito. Os dons nascem da graça criadora de Deus e não são designações que expressam relações de dominação. O Espírito para Moltmann é o “poder da ressurreição” e como tal o poder divino da criação e nova criação. É o Espírito que “vivifica” tudo que é mortal. Como resultado, os dons são compreendidos como poderes vitais criativos. Cada membro da comunidade messiânica é um carismático na dispersão cotidiana e na solidão no mundo. Os cristãos estão em todos os lugares diante da face do Senhor do mundo que vem, não somente em suas reuniões, mas também em sua dispersão (MOLTMANN, 392-393).

O Espírito, que habita todos os membros da comunidade, faz deles ministros. Não há diferença entre pessoas que possuem cargo dos demais. A viúva age com misericórdia de modo carismático igual a um bispo. No entanto, existem diferenças funcionais, mas o que domina a comunidade é a liberdade, o pluralismo e a fraternidade. No alvorecer da era messiânica, não há mais tempo "sem o Espírito Santo".

A comunidade nesse processo do Espírito precisa buscar alguns aspectos. O primeiro apontado por Moltmann é o da “ordem de paz”. O Novo Testamento chama de paz não qualquer ordenamento do caos e não só a eliminação de contendas, mas a “nova ordem” escatológica de todas as coisas, portanto, a salvação escatológica da criação. A vida e obra da comunidade deve corresponder à paz de Deus neste mundo de discórdia e antecipá-la porque a comunidade vive da paz de Deus e dos ministérios de Cristo. Então, as ordens da vida e dos ministérios dessa comunidade não obedecem aos princípios da ordem geral do direito da respectiva sociedade, mas aos princípios dessa paz de Deus. Pela entrega de Cristo, a ditadura e a opressão são abolidas na comunidade de Cristo. A paz do Reino vindouro é vivida no seguimento de Cristo e no serviço em prol da liberdade. A ordem de paz da comunidade torna-se assim o sinal e o ponto de partida para a superação das situações antidivinas e desumanas de dominação e opressão na sociedade (cf., 2013, p. 370-371).

Segundo aspecto é a “ordem de liberdade”. A Igreja é comunidade dos livres e deve perseverar na liberdade que Cristo conquistou. Ela deve, já aqui, representar a redenção dos seres humanos do pecado, lei e morte. Na comunhão com Cristo, as pessoas são libertas da opressão que as separa de outras pessoas para uma convivência livre. Por isto, aqui não há “nem judeu nem gentio, nem servo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos são um em Jesus Cristo”. Supera as faltas de liberdade geradas pela luta histórica pelo poder. Revela-se o novo ser humano, não apenas internamente, mas externamente. Assim, ela abolirá na comunidade as constituições da injustiça e os privilégios da dominação (cf., 2013, p. 371).

O “domínio de Cristo” também é um aspecto a ser observado na comunidade dentro do processo do Espírito. A comunidade vive do Reino de Cristo. O domínio não é uma teocracia que legitima uma hierarquia ou a validade de um valor, restrita para a religião e para a intimidade. O domínio carismático de Cristo na comunidade é essencialmente a libertação da violência e da opressão dos “poderes deste mundo”. Os dons e as tarefas que o Cristo exaltado confere e institui são os poderes da vida liberta da escravidão. A comunidade que é repleta com as diversas forças do poder libertador de Cristo não é uma comunidade exclusiva de pessoas salvas, mas ela é a materialização inicial e inclusiva do mundo liberto pelo Cristo ressuscitado (cf., 2013, p. 372-373).

Como “comunidade carismática” ela é o lugar da manifestação do Espírito numa abundância transbordante de dons espirituais. O Espírito é, segundo a profecia veterotestamentária, o dom do tempo escatológico. No tempo messiânico, não só profetas e reis escolhidos, mas o povo de Deus inteiro será repleto com a força de vida e com o poder recriador de Deus. Os carismas servem para a edificação da comunidade escatológica. Paulo elenca para este fim os poderes carismáticos, entre eles apóstolos, profetas, evangelistas, mestres e consoladores ou admoestadores. Contudo, entre eles estão também inspirações e êxtases. Ele elenca poderes diaconais que abarcam diáconos e diaconisas, pessoas encarregadas das esmolas e que cuidam dos enfermos. Entre eles estão também as curas milagrosas e os exorcismos de demônios. Finalmente, ele elenca também as experiências apostólicas de sofrimento. Assim, não só a ação opera de um modo carismático, mas o sofrimento também. A unidade de todos os carismas é preestabelecida em Cristo (cf., 2013, p. 373-380).

Quando a comunidade se reúne a mesa, quando entende seu próprio encargo e quando emite cargos especiais, surge a comunhão. Essa “nova comunhão” deve ser entendida através da amizade. A Igreja cristã é a comunidade de irmãos. Na comunidade de irmãos, os privilégios sociais, culturais, raciais e sexuais não têm vigor. Todos são um em Cristo Jesus e herdeiros segundo a promessa (Gl 3.28,29).

Motlmann prefere a expressão amizade do que fraternidade. Para ele, fraternidade supera a linguagem de dominação e privilegiados, mas se refere somente ao sexo masculino, embora seja obvio que quer ir além dele e que significa a comunidade de todas as pessoas que creem, homens e mulheres. A expressão amizade funciona melhor já que é uma associação voluntária. É uma nova relação que vai além dos papéis sociais. É uma relação aberta que difunde amabilidade, porque vincula o afeto com o respeito. Amigo alguém se torna por livre decisão, e as pessoas escolhem seus amigos pessoalmente. Vistos em termos humanos, a amizade pode ser cancelada. Porém, a vida na amizade de Jesus tem suas raízes na livre entrega



de sua vida por seus amigos. Por isso, a liberdade da qual nasce essa amizade é libertação para a própria nova vida sem a qual todas as outras liberdades não podem existir. Entendido bem, o amigo é quem “ama em liberdade”.

Da comunhão de Cristo surgiu a Igreja. Da comunhão, ela nasce de novo. Da fraternidade, ela ganhará nova forma. Da amizade de Jesus vivem os irmãos. Do espírito da amizade, eles se formarão de novo.

As reformas necessárias da evangelização e da administração dos sacramentos, bem como a reforma inevitável dos ministérios na Igreja partirão do renascimento da comunhão e da amizade na base. É verdade que um não pode acontecer sem o outro, mas o ponto de partida está na comunidade e em sua forma de comunhão. Comunhão em palavra e sacramento, comunhão na confissão, comunhão da instituição e da hierarquia tornam-se privados de sentido e estarrecem para formalidades com as quais as pessoas não se identificam mais quando se perde a comunhão na base e quando a amizade não é recuperada a partir de baixo (MOLTMANN, 2013, p. 400).

Segundo sua destinação e sua natureza, a *ekkelesia* é a comunidade que se reúne. No centro da Igreja está a reunião visível de seres humanos visíveis num lugar específico para uma atividade determinada. Sem o ato concreto e visível da reunião, a Igreja não existe. Onde a comunidade se reúne em torno do evangelho e da mesa do Senhor, ela se torna reconhecível no mundo e inconfundivelmente o povo de Cristo, a comunidade messiânica do Reino que está vindo. Na comunhão com Cristo, ela se torna uma comunidade capaz de agir. Sem reunião não há comunhão, sem comunhão não há liberdade, sem liberdade não há capacidade de ação. O convite do evangelho e o convite para a refeição messiânica estão abertos e vão além do círculo das pessoas reunidas. Por isto, este círculo não pode se tornar um círculo fechado. Se a comunidade reunida não fosse uma “Igreja aberta”, ela não seria a comunidade de Cristo e o povo do Reino que está vindo. No entanto, se ela não se reunisse mais por causa da sua abertura ao mundo, ela não seria uma comunidade e não seria um povo.

As pessoas concretas e as organizações eclesiais podem se encontrar verdadeiramente apenas em um só lugar: na comunidade reunida. Onde pessoas em comunidades de tamanhos razoáveis ouvem o evangelho, dialogam sobre ele e o confessam, onde elas se tornam amigos na mesa do Senhor e onde realizam suas tarefas em solidariedade mútua. Somente na comunidade reunida, o cristianismo torna-se capaz de ação e resistência. A comunidade reunida não é um evento sem instituição e tampouco uma instituição sem evento. Ela vive tanto na tradição com a comunidade de todos os tempos como em comunicação com a comunidade em todos os lugares. Não o cristão solitário e também não a Igreja de assistência. Mas a comunidade reunida devido à causa de Cristo que cada pessoa pode considerar sua

própria causa é nos conflitos da sociedade contemporânea a esperança que é viva porque é vivida e vivifica.

### 3 IGREJA BATISTA DA LAGOINHA E SOCIEDADE

Apresentamos, no primeiro capítulo, a história da IBL e, no segundo, as dimensões constitutivas da eclesiologia de J. Moltmann expostas no seu livro *Igreja no poder do Espírito*. Neste terceiro capítulo, analisaremos como a teologia da IBL, caracterizada anteriormente por nós como fundamentalista, tem influência direta no discurso da igreja em relação a temas importantes para a sociedade contemporânea, quais sejam: a política atual, os grupos minoritários e a pandemia da Covid-19. A IBL é uma instituição altamente midiática. Por isso, buscaremos na *mídia* a base para construir os discursos referentes aos temas propostos. Artigos, cultos disponibilizados nos canais da igreja e perfis de pastores que representam a IBL serão usados como instrumentos de pesquisa, partindo do pressuposto de que o que se encontra publicado nos canais oficiais da IBL e de suas lideranças expressa seu conjunto de crenças.

É importante considerar a multiplicidade de visões e posturas dentro da IBL. Muitos membros e líderes da igreja não se reconhecem em tais posições. Porém, ao evidenciarmos determinadas lideranças, dizemos que elas são representantes “oficiais” da IBL. Parafraseando Moltmann, esses líderes vêm da comunidade, ficam diante da comunidade e são encarregados pela comunidade a atuar em nome de Cristo. Assim, ao se intitular “pastores”, por exemplo, da IBL, eles são legitimados a falar em nome da instituição e a serviço das pessoas, da sociedade e de Deus. Por fim, recorreremos à eclesiologia de Moltmann como referencial básico para propor novos caminhos de esperança para a presença e missão da igreja junto à sociedade.

#### 3.1 A midiaticização da IBL

Antes de abordarmos os temas específicos, elencados acima, é necessário contextualizar a IBL na *mídia*. Em muitos casos, *mídia* é utilizada no mesmo sentido de imprensa, meios e veículos de comunicação. *Mídia* é o plural do termo latino *médium*, que significa *meio*. McLuhan (1964) dizia que o meio é a mensagem. Salvaguardando as implicações da palavra *mídia*, consideraremos aqui, a título de pesquisa, o seu uso mais amplo, esboçando o conjunto dos diversos meios de comunicação que tem a finalidade de transmitir informações e conteúdos variados. Esses meios abrangem diferentes plataformas (ou veículos) como jornais, revistas, televisão, rádio e internet, por exemplo.

A IBL está presente em todos estes veículos de comunicação. Atualmente, a instituição conta com uma Revista Digital, intitulada *Lagoinha Global*; uma emissora de TV, a *Rede Super*

de Televisão<sup>15</sup>, que conta também com um canal no *YouTube*<sup>16</sup>; uma emissora de rádio, a *Rádio Super*, transmitida na frequência FM (100.5FM) e pela internet (<https://radiosuper.minhawebradio.net>). Além disso, a IBL também possui canal próprio no YouTube e perfil nas principais redes sociais da internet: *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*. Como meio de divulgação da sua mensagem, a instituição também mantém uma livraria, a *Seara Livraria*, e uma editora de livros, a *Editora Profetizando Vida*.

Podemos dizer que o objetivo principal de uma igreja evangélica como a IBL é a salvação dos seres humanos. Isso se dá, basicamente, pela divulgação do Evangelho. Os meios de comunicação são usados para apregoar sua mensagem. A visibilidade que essas instituições alcançaram no espaço público é inegável. Mediante o cultivo de práticas religiosas, elas estão em evidência no dia a dia dos fiéis, na indústria cultural, nos segmentos do mercado de consumo, representação e participação política e, claro, no uso da *mídia* com aquisição de espaços em veículos de comunicação tradicionais e digitais, produção de conteúdo, midiaticização das linguagens religiosas e construção das suas próprias celebridades. Fazem-se presentes também no debate relacionado aos direitos civis como corpo, gênero, sexualidade, reprodução, biopolítica e liberdade de crença (CUNHA, 2019, p. 03).

A intensa ocupação dos espaços nas mídias tradicionais, TV e Rádio, das igrejas evangélicas se deu nos anos de 1990. Posteriormente, com o advento da internet, a facilidade de comunicação também levou essas instituições para o espaço digital. Já não é mais possível pensar religião sem considerar sua presença nos meios. Os estudos que relacionam mídia e religião tem aumentado consideravelmente desde os anos de 1970. A internet está mudando nosso modo de pensar e viver a fé na contemporaneidade. Conseqüentemente, a forma com que lidamos com experiências eclesiais também. Já foi o tempo em que a *rede* era apenas um instrumento. Ela se tornou um ambiente. Um tecido interligado da nossa experiência da realidade (SPADARO, 2014, p. 9).

A globalização permitiu a expansão de igrejas locais. A IBL é um grande exemplo disso. Com pouco mais de 60 anos, ela se tornou uma *megaigreja*<sup>17</sup> espalhada pelo mundo inteiro. O

<sup>15</sup> A emissora foi adquirida em 2002 e tem programação voltada principalmente para os cristãos. A *Rede Super* está em cerca de 230 cidades em todo o Brasil. O sinal está disponível em antena parabólica digital para todo o território brasileiro e também é transmitido pela internet, abrangendo assim, todo o mundo.

<sup>16</sup> YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos, criada em 2005. Hoje ela integra os serviços da empresa Google LLC.

<sup>17</sup> O tamanho médio de uma igreja brasileira é de 70 pessoas (IEMIF, 2014). O termo *megaigreja* surge nos EUA e se refere àquelas instituições que mantêm uma frequência semanal superior a duas mil pessoas. A matriz da IBL, em Belo Horizonte, tem capacidade para 7 mil pessoas. Em todas as unidades da igreja são aproximadamente 94 mil membros registrados (DÖHLER, Bruno Feder Antônio. *Gestão Estratégica de Pessoas no Terceiro Setor: O caso da NOVA Igreja*. Rio de Janeiro: UFRJ/Escola Politécnica, 2015.)

reconhecimento que ela conquistou entre os evangélicos (e até mesmo fora dele) foi, principalmente, por meio da presença na *mídia*. Essa presença foi consolidada com a atuação do *Ministério Diante do Trono*, voltado para a produção musical. O *Diante do Trono* produziu uma extensa discografia, inúmeros DVDs gravados em diferentes regiões do mundo, vídeos de apresentações na Igreja e em outros ambientes, conferências, congressos, livros, roupas e acessórios. Tudo com a marca *Diante do Trono*.

Além disso, as celebridades criadas a partir do fenômeno das redes sociais proporcionaram visibilidade a nomes da IBL. Como é o caso da pastora Ana Paula Valadão, líder do ministério *Diante do Trono*; de seu irmão, pastor André Valadão, cantor *gospel* e que atua hoje na *Lagoinha Orlando*, nos EUA. Só em uma das redes sociais mais populares do Brasil, o *Instagram*, os dois já acumulam mais de 7 milhões de seguidores.<sup>18</sup>

Para compreender melhor essa relação, é necessário voltar atrás em algumas décadas e falar sobre a explosão do que ficou conhecido como *movimento gospel*. Na base da sua caracterização, encontram-se elementos da música, do consumo e do entretenimento. Essa explosão se manifestou na configuração de um novo modo de ser nas igrejas (cf. CUNHA, 2007, p. 9). Diferentes formas de culto, expressões verbais e não-verbais e de comportamento que identificam os fiéis, a ampla produção fonográfica e os espetáculos de promoção destes produtos são alguns elementos que passaram a permear a relação dos fiéis com Deus em todo segmento evangélico.

O termo *gospel* surge nos Estados Unidos. Ele é usado comumente para classificar a música religiosa moderna. Originalmente, porém, dizia-se *gospel* de um tipo de música nascida no início do século XX em comunidades protestantes negras: “As raízes deste gênero musical encontram-se nos “*negros spirituals*”, que estão na base de toda música negra estadunidense, no *blues*, no *ragtime* e nas músicas religiosas populares do movimento urbano do *revival* (CUNHA, 2007, p. 27). Ainda de acordo com Cunha, os *negros spirituals* nasceram da experiência de escravidão e eram inspirados na clássica hinologia protestante. Diferentemente, o *gospel* era mais emocional e espontâneo, com grandes influências avivalistas com letras que enfatizavam a obediência a Deus e o distanciamento do pecado com vistas à recompensa do Reino dos Céus. A partir dos anos de 1950, o *marketing* e os novos estilos musicais provocaram significativas mudanças na música *gospel* negra.

A *cultura gospel*, que nasce destas transformações, se tornou um modo de vida de evangélicos, especialmente, brasileiros. O avanço do capitalismo globalizado e a consolidação

---

<sup>18</sup> Números contados até julho de 2021.

das culturas midiática e urbana contribuíram (e ainda contribuem) para a proliferação desta cultura. O *gospel* pode ser classificado como uma cultura híbrida, que entrecruza aspectos tradicionais do modo de ser protestante com aspectos modernos, presentes nas propostas pentecostais, no fenômeno urbano brasileiro, no avanço da ideologia de mercado de consumo e na cultura das mídias.

O sectarismo que marca grande parte da construção protestante no Brasil tem contribuído para que essa *cultura gospel* vá cada vez mais ganhando forma e força dentro do segmento evangélico, criando uma espécie de “mundo paralelo”. “A relação crítica entre igreja e sociedade determinou um afastamento das igrejas evangélicas dos movimentos sociais, tornando quase nula a presença protestante efetiva na política e na vida comunitária e cultural do País” (CUNHA, 2007, p. 44).

A IBL é fruto do movimento de renovação da metade do século XX. O que acontece com as igrejas protestantes tradicionais nos anos de 1950 e 1960 é resultado da divulgação ampla de movimentos avivalistas que chegam ao Brasil. Eles trouxeram o (tele) evangelismo de massa que se apropria de mídias como Rádio, jornais impressos, revistas, panfletos, TV e, até mesmo, a utilização de praças públicas, teatros e cinemas para realizar cruzadas de evangelização. As pregações, desta que foi chamada segunda onda pentecostal, eram bastante populares e enfatizavam a cura divina, libertação espiritual e outras ações atribuídas ao Espírito Santo. Os métodos bastante midiáticos de divulgação e evangelização foram considerados inovadores diante de outras religiosidades pouco expressivas. Por ser algo novo, quanto à mensagem e à forma, o movimento se adaptou ao estilo cultural da sociedade urbana brasileira.

Desde sua fundação, nessa efervescência religiosa, a IBL tem marcado presença junto aos meios de comunicação. O primeiro pastor da igreja, José Rego Nascimento, inaugurou em 1958, cerca de um ano após a fundação da comunidade, um programa radiofônico pela Rádio Inconfidência. O nome era *Renovação Espiritual* e podia ser ouvido em várias regiões do Brasil. A apropriação do rádio para disseminar sua mensagem era característica do movimento pentecostal da segunda onda. Até então, o mais usual era se servir de jornais de baixa tiragem. Durante os anos em que esteve à frente da IBL, Nascimento promoveu cultos (de “poder”, para mulheres), inaugurou departamentos com distintas propostas e objetivos, fez reuniões e vigílias para “buscar a experiência do batismo com o Espírito Santo”, manteve programas de rádio, conferências evangelísticas, visitas a hospitais, presídios e escolas (CINTRA, 2007, p. 30).

Em 1972, Márcio Roberto Vieira Valadão assume a IBL contando 23 anos de idade. Na época, a igreja tinha aproximadamente 300 membros. Com Valadão iniciou-se uma fase mais dinâmica, próspera e venturosa da IBL. Crescimento vertiginoso de fieis, expansão

evangelístico-missionária, ampliação do patrimônio imobiliário e visibilidade midiática são alguns dos desdobramentos da “era Valadão” (PEREIRA, 2011, p. 96).

A mídia foi um dos grandes instrumentos para o crescimento da Igreja. O surgimento da IBL se deu em meio a transformações sociais, culturais e religiosas. Ao longo da sua construção, ela se tornou uma igreja flexível, dinâmica e, portanto, em constante mutação. Tudo de acordo com o tempo e, principalmente, com os personagens religiosos que ganham destaques em nome da IBL. Pereira vai dizer que a “IBL negou a homogeneidade identitária do movimento batista, afirmou sua diferença e assumiu, em relação aos batistas tradicionais, uma identidade religiosa carismática e em constante atualização” (PEREIRA, 2011, p. 103).

Nesta perspectiva, há também uma mistura entre a trajetória da IBL com o seu líder mais expressivo, pastor Márcio Valadão, há quatro décadas à frente da instituição. A visão empreendedora e o carisma do líder religioso são alguns fatores essenciais no crescimento e na atuação da igreja. A partir dos anos de 1990, assim como outras igrejas neopentecostais, a IBL começou a usar o *marketing* e a gestão de negócios. A IBL participa de um processo que envolve a *mediatização* da religião e a sacralização do mercado (PEREIRA, 2011, p. 207).

*Mediatização* é diferente de *mediação*<sup>19</sup>. O processo de mediatização é reconhecido à medida em que as “mídias” se tornam elementos que constituem a conjuntura social e são formadoras de culturas. A religião também não se desliga do contexto em que se encontra. A vivência de uma experiência religiosa mediada pelo ambiente da mídia é o centro do processo de *mediatização*. A mediatização abrange dois movimentos simultâneos e dialéticos. De um lado, ela é fruto e consequência das relações, inter-relações, conexões e interconexões da utilização pela sociedade dos meios e instrumentos comunicacionais, potencializados pela tecnologia digital. De outro, ela significa um novo ambiente social que incide profundamente nessas mesmas relações, inter-relações, conexões e interconexões. Nesse ambiente se constrói a sociedade contemporânea. A sociedade é “em mediatização”. O ser humano é “em mediatização” (FAXINA; GOMES, 2016).

Resumindo, mediatização é a articulação entre o ambiente midiático e os processos sociais:

"Processos sociais", em linhas gerais, são as diferentes maneiras como as pessoas interagem entre si. Cada tipo de interação é um processo social diferente (...) A noção de "ambiente midiático", proposta originalmente por Joshua Meyrowitz, parte do princípio de que, no mundo contemporâneo, as diversas mídias, como televisões, smartphones, computadores e tablets estão ao nosso redor, gostemos delas ou não.

<sup>19</sup> Mediação é o uso de meios de comunicação por uma instituição religiosa para transmitir uma mensagem, sem que nenhuma prática religiosa seja alterada para isso, como, por exemplo, a transmissão de um culto religioso pela televisão, sem nenhum tipo de alteração nas práticas litúrgicas (MARTINO, 2017, p. 37).

Fazem parte do cotidiano, criando um "ambiente" (do latim *ambiens*, "aquilo que está ao redor"). Mas não é apenas a presença desses aparelhos que cria o "ambiente midiático". Os aparelhos, sozinhos, não vão muito longe. Esse ambiente só é formado porque nós interagimos com e através desses aparelhos. Eles fazem parte das nossas relações sociais e das nossas práticas cotidianas. Seja para mandar uma mensagem para alguém, seja para ver como estará o clima amanhã, as mídias formam um ambiente no qual circulam nossas ideias, conceitos e ações na interação com as outras pessoas (MARTINO, 2017, p. 34-35)

A grande movimentação da IBL na mídia demonstra esse processo. Como exemplo, podemos citar a transmissão dos cultos ao vivo pela emissora *Rede Super* e pelo canal da igreja no *YouTube*<sup>20</sup>. A igreja é adaptada a essa veiculação. Os pastores, líderes, ministros de louvor, são instruídos a como proceder diante das câmeras, enquanto o culto acontece. Em qualquer um dos vídeos disponibilizados no *YouTube* da igreja é possível perceber a interação com a mídia: na postura, no olhar, na transmissão da imagem, na referência ao “pessoal que nos assiste”, no jogo de luzes, e até mesmo na cor da igreja e das vestimentas de quem está à frente da celebração. Tudo é esquematizado, pensando na veiculação. Na página onde está sendo transmitido, comentários são respondidos por moderadores em nome da IBL. Nas redes sociais, simultaneamente, fotos, vídeos referentes a momentos do culto são postados e recebem milhares de “curtidas” e comentários de seguidores.

Difícilmente, dentro do ambiente evangélico o nome IBL passa despercebido. A presença da instituição atinge praticamente todas as demais denominações, principalmente, do segmento pentecostal. Se, porventura, a IBL não é conhecida em determinado local, alguns dos líderes e ministérios mais expressivos da igreja com certeza o são. *Diante do Trono*, Ana Paula Valadão, André Valadão, Pr. Lucinho Barreto, pastora Ezenete Rodrigues, são algumas das personalidades que representam a IBL. Tal expressividade é refletida nas redes sociais. Relacionamos a seguir alguns números com base no mês de julho de 2021, utilizando as redes sociais mais populares na internet.

Apenas no *Instagram* os seis perfis acumulam mais de 11 milhões e 300 mil seguidores. Obviamente que os seguidores se repetem em mais de um perfil. A relação do mais seguido para o menos seguido é a seguinte: André Valadão (4,4 milhões), Ana Paula Valadão (2,9 milhões), Pr. Lucinho Barreto (2,2 milhões), Diante do Trono (701 mil), IBL (627 mil) e Pra. Ezenete Rodrigues (520 mil). Outros cantores famosos membros da igreja, como a artista Nivea Soares (1,9 milhões), também são bastante conhecidos na grande mídia. Além disso, a emissora de TV da IBL, a *Rede Super de Televisão*, acumula mais de 130 mil seguidores na mesma rede social.

<sup>20</sup> <https://www.youtube.com/c/LagoinhaIBL/videos>



No *Twitter*, outra rede social, André Valadão possui 1,2 milhão seguidores, Ana Paula Valadão e o perfil do *Diante do Trono* tem 1,5 milhão, Pr. Lucinho 420 mil, o perfil oficial da IBL tem 301 mil, *Rede Super* 185 mil seguidores e a pastora Ezenete Rodrigues aparece com 45 mil. No *Facebook*, o perfil do *Diante do Trono* possui mais de 6 milhões de seguidores. André Valadão aparece como o segundo mais seguido, com quase 5 milhões. Ana Paula Valadão possui 3,5 milhões de seguidores na rede social e o pastor Lucinho Barreto acumula mais de 1,7 milhão. O perfil oficial da IBL é seguido no Facebook por mais de 400 mil pessoas. A pastora Ezenete Rodrigues e o canal da *Rede Super de Televisão* possuem 130 mil e 310 mil seguidores respectivamente.

O *YouTube* é um dos ambientes de divulgação da igreja mais movimentados. São mais de 520 mil inscritos no canal oficial da IBL, que acumula mais de 46 milhões de visualizações e mais de 4,3 mil vídeos publicados. Todos os nomes mais expressivos da IBL também possuem um perfil no site de compartilhamento de vídeos. O pastor Lucinho Barreto acumula mais de 1,2 milhão de inscritos. As visualizações ultrapassam os 100 milhões nos mais de 2,8 mil vídeos publicados. O canal do cantor e pastor André Valadão já publicou mais de 340 vídeos com estonteantes 179 milhões de visualizações e pouco mais de 760 mil inscritos. O canal no *YouTube* do *Ministério Diante do Trono* é um dos mais visualizados, com pouco mais de um milhão de inscritos conta com aproximadamente 215 milhões de *views* e cerca de mil vídeos publicados. Ana Paula Valadão não tem um perfil na rede social. Os vídeos onde ela aparece estão publicados no mesmo canal do *Diante do Trono*. O canal da *Rede Super de Televisão* também é bastante visualizado. São mais de 67 milhões de *views* e 645 mil inscritos. A pastora Ezenete Rodrigues tem um canal com pouco mais de 100 mil inscritos e 5 milhões de visualizações.

Os números, apesar de subjetivos, demonstram uma forte presença e atuação da igreja ou de representantes dela nos ambientes midiáticos. Nas postagens é possível também identificar alguns posicionamentos que ilustram o fundamentalismo presente na teologia da igreja. A seguir vamos expor alguns deles em perfis da IBL e de seus representantes mais expressivos quanto a temas como política, grupos minoritários e a pandemia da Covid-19.

### **3.2 O apoio político a Jair Bolsonaro**

Uma das grandes características do fundamentalismo cristão é o fato de que o movimento busca impor seus interesses pela força, seja ela física ou simbólica, subjugando a

sociedade a valores tidos como cristãos. A política, neste sentido, serve como grande instrumento. O envolvimento da IBL com a política faz parte de um fenômeno que acontece em parte do campo evangélico. Em uma pesquisa realizada por Magali Cunha e sistematizada no livro *Do púlpito às mídias sociais. Evangélicos na política e ativismo digital* (2017), os evangélicos são o grupo em maior evidência nos veículos da grande mídia quando se aborda a temática mídia, religião e política. O envolvimento político do segmento também se dá por causa da teologia fundamentalista. Nos anos de 1960 e 1970, nos Estados Unidos, a ampliação dos direitos civis e do respeito às minorias colocou em crise os valores tradicionais defendidos pelo fundamentalismo clássico (início do século XX). Os problemas econômicos também provocaram uma crise no capitalismo. A *contracultura* desviava jovens do protestantismo tradicional. A moral cristã rígida volta a ser a apologética das comunidades evangélicas. Estas, agora igrejas “eletrônicas”, amparadas por pastores televangelistas, que usam a grande mídia como instrumento de evangelização. Numa sociedade em crise, mais uma vez, os movimentos fundamentalistas são gerados e nutridos, mas agora com um rosto novo e muito mais participativo (ORO, 1996, p. 75).

As igrejas midiáticas fazem ressurgir com grande força esses novos grupos. Eles acusam o Estado de haver tolerado “demônios” que culminaram na crise social e no declínio da fé. Conservadores e fundamentalistas criticavam sobretudo as políticas de legalização do aborto, direitos aos homossexuais, influência do comunismo, dentre outras questões que alegavam ir contra a verdade presente na interpretação que faziam das Escrituras. Daí o sistema ideológico fundamentalista passa a ser um referencial válido e eficaz, segundo eles, para orientar indivíduos e sociedade. De acordo com Ivo Pedro Oro (1996), neste sistema ideológico há a crença de que os problemas sociais acontecem devido a uma infidelidade doutrinal. A única solução para combatê-los vem das Escrituras Sagradas. Por isso, a sociedade só consegue se desenvolver inspirada nos ensinamentos retirados do texto bíblico. Por conta disso, tornou-se frequente a participação de diversos membros de denominações religiosas (não só as evangélicas) em concentrações públicas, debatendo a moralidade e o papel do Estado.

Este é um trecho de uma oração feita por Ana Paula Valadão em culto público na IBL, em outubro de 2014:

“ [...] Perdão, Senhor! E que todas as esferas da sociedade sejam invadidas pela Igreja do Senhor. [...] Queremos ser esse sal que vai salgar. E nesta noite, de maneira especial, estamos aqui como mídia. Envia teu povo para toda parte dessa sociedade. E nós ousadamente declaramos que iremos, sim, para aquela área mais temida pelas trevas, para que nossa invasão venha mudar a história. Nós estamos indo, Satanás,

para a política brasileira! E as portas do inferno não prevalecerão contra a igreja do Senhor! Sai!”.<sup>21</sup>

Ele reflete o que Rosas (2015, p. 69) chama de uma invocação da *Teologia do Domínio*. Nela “crê-se que os crentes, verdadeiros receptáculos da graça de Deus, ao ocuparem os altos postos de poder, farão com que todo o país receba as bênçãos advindas do alto”. Esta concepção é bastante presente nos “novos” movimentos fundamentalistas que surgem nas igrejas evangélicas estadunidenses a partir dos anos de 1970, que possuem uma centralidade maior no poder político. Eles acreditam que o caminho para a construção de uma sociedade cristã só acontece por meio da atuação de evangélicos na política, que legislam em favor das igrejas. Os grupos, diferentemente do fundamentalismo do início do século, rompem com a sociedade neoliberal em favor de uma sociedade conservadora baseada em princípios cristãos estabelecidos pela sua interpretação dos textos sagrados. As igrejas que chegam ao Brasil a partir dos anos de 1970 são portadoras dessas características. A grande maioria delas pertencente ao que ficou conhecido posteriormente como *neopentecostalismo*, que tem a teologia da prosperidade<sup>22</sup> como sua principal interpretação de fé.

As igrejas “renovadas” tendem a ser influenciadas pelas novas teologias que surgem, especialmente, a partir do viés pentecostal (mas não somente). A teologia da prosperidade ganha novos contornos dentro das igrejas de renovação. Na IBL não é diferente. Ela foi introduzida a partir da vivência de líderes como André Valadão e Ana Paula Valadão nos seminários norte-americanos. O pastor André, depois de alguns anos estudando no Seminário RHEMA, nos Estados Unidos, abriu na IBL um seminário ministerial (atualmente chamado de Seminário Teológico Carisma) para ensinar aos fiéis o que aprendeu lá. Uma das grandes bases teológicas do Carisma é o movimento da “palavra da fé”, que ajudou a expandir entre as comunidades norte-americanas a teologia da prosperidade<sup>23</sup>.

<sup>21</sup> Disponível em: [https://youtu.be/4cK-Gr\\_pj7o](https://youtu.be/4cK-Gr_pj7o). Acesso em: 20 junho. 2021.

<sup>22</sup> A Teologia da Prosperidade tem origem nos EUA a partir dos anos de 1960. Na confluência de vários movimentos religiosos que enfatizavam a cura divina, a prosperidade econômico-financeira e o poder da fé para a superação das fragilidades humanas, conhecidos majoritariamente como *Health and Wealth Gospel*, destacaram-se, sobretudo, as pregações e escritos de Kenneth Hagin. A Hagin está associado o Movimento da Confissão Positiva, de forte apelo nos EUA e também no Brasil. Em suma, neste movimento, as palavras ditas com fé impelem Deus a agir. Hagin terá de Oral Roberts, conhecido televangelista norte-americano, o pólo de influências sobre o tema da prosperidade, em especial as promessas de retorno material e financeiro a partir das contribuições e ofertas dos fiéis. A utilização dos meios de comunicação de massa será fundamental para a propagação da Teologia da Prosperidade nos EUA (RIBEIRO, 2006, p. 50-52).

<sup>23</sup> O movimento de “confissão positiva” ou da “palavra da fé” ensinava que um cristão com fé pode tornar algo que fala em realidade, desde que seja consistente com a vontade de Deus. Kenneth Hagin, fundador do RHEMA Bible Training Center, onde André Valadão estudou, é creditado como o maior expansionista do movimento da “palavra da fé” e da teologia da prosperidade (ROBINS, 2010, p. 131).

No dia 28 de outubro de 2018, Jair Messias Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil com 57,8 milhões de votos (55,13%) e assumiu o poder em 01 de janeiro de 2019, para um mandato de quatro anos. A crise econômica, a demanda por uma “nova política”, o antipetismo foram alguns fatores da época que convergiram em benefício de Bolsonaro. Almeida (2019, p. 210) vai dizer que diante deste quadro, o candidato conseguiu construir um discurso que atendia a demanda securitária, a moralidade dos costumes, a desqualificação do Estado por ser corrupto e a intolerância pessoal. Além disso, sem dúvidas, o apoio de grupos, lideranças e igrejas evangélicas foi decisivo para a vitória do político.

Vale ressaltar que não houve unanimidade em favor de Bolsonaro entre as múltiplas igrejas do segmento. Prova disso é que, durante a campanha, também surgiu um movimento no meio evangélico, inclusive no pentecostal, contra Bolsonaro e em favor do voto em outros candidatos, como o do Partido dos Trabalhadores, Fernando Haddad, no segundo turno das eleições. A alegação era de que o discurso de Bolsonaro incitava à violência e era contrário ao pregado por Jesus nos evangelhos.

No dia 05 de abril de 2020, o presidente Jair Messias Bolsonaro fez uma convocação para um “jejum nacional”. Dias antes, na entrada do Palácio da Alvorada, Bolsonaro recebeu a sugestão de um grupo de pastores reunidos ali. Segundo os líderes, como chefe do Executivo, ele teria autoridade para tal chamamento. A convocação era um ato (de interpretação mágica da fé) contra o novo Coronavírus. No mesmo dia, o presidente deu uma entrevista para a rádio Jovem Pan, em que dizia: *“Sou católico e minha esposa evangélica. É um pedido dessas pessoas. Estou pedindo um dia de jejum para quem tem fé. Então a gente vai, brevemente, junto com os pastores, padres e religiosos anunciar aí. Pedir um dia de jejum para todo o povo brasileiro em nome, obviamente, de que o Brasil fique livre desse mal o mais rápido possível”*<sup>24</sup>. Ao final da entrevista o presidente ainda disse que tiveram outras gripes vencidas sem *“esse alarmismo todo”* e reiterou *“paz, calma e tranquilidade para quem tem fé”*.

Logo depois da declaração, passou a circular pelas redes sociais um vídeo de pouco mais de quatro minutos, no qual se dizia: *“Os maiores líderes evangélicos desse país atenderam a proclamação santa feita pelo chefe supremo da nação, o presidente Jair Messias Bolsonaro, e convocam o exército de Cristo para a maior campanha de jejum e oração já vista na história do Brasil”*. Ao todo, 34 líderes religiosos aparecem no vídeo convocando os fiéis. Todos de igrejas evangélicas. Três deles são da IBL: pastor Márcio Valadão, atual presidente; André

---

<sup>24</sup> Jair Messias Bolsonaro, em entrevista à rádio Jovem Pan, no dia 02 de abril de 2020.

Valadão, filho de Márcio e pastor na *Lagoinha Orlando*; e Ezenete Rodrigues, pastora e líder da Estância Paraíso, ministério da IBL.

São alguns dos líderes mais influentes da IBL que aparecem apoiando a decisão do atual presidente. De certa maneira, isso também demonstra o apoio da igreja, enquanto instituição, a Jair Bolsonaro. Desde sua campanha para a presidência, lideranças do pentecostalismo e do protestantismo histórico mais conservador levantam a bandeira do político.

No ano de 2018, em suas redes sociais, o pastor André Valadão declarou apoio ao ainda candidato Jair Messias Bolsonaro. Questionado por um seguidor em quem votaria e o porquê, ele responde que seu voto era para Bolsonaro, que seria “o melhor candidato”, “o cara do momento que o Brasil precisa”. No mesmo vídeo, o pastor fala que a maior preocupação para ele era a violência no país e que “estar protegido e se proteger” era algo de extrema importância<sup>25</sup>.

Antes mesmo da sua candidatura à presidência, Bolsonaro atraía a atenção por suas declarações bastante polêmicas. Da oposição aos direitos humanos ao apoio à ditadura militar. O tom da campanha do político era sempre de combate ao que considerava “ideologias nefastas”<sup>26</sup>, que dividiam os brasileiros. Em um dos seus discursos no dia da posse presidencial, ele afirmou que o “*Brasil voltará a ser um país livre de ideologias*”. Bolsonaro já defendeu torturadores, disse em público que preferia um filho morto do que um filho gay, fez gesto apontado com arma de fogo e defendendo o armamento em massa da população, disse que a deputada Maria do Rosário “não merecia ser estuprada”. Ainda assim, no mesmo discurso de posse, em janeiro de 2019, reafirmou seu compromisso de “*construir uma sociedade sem discriminação ou divisão*”. Ele mesmo já havia dito ser “as palavras” a sua “arma”.

Aqueles que apoiam os discursos de Bolsonaro se auto intitulam “cidadãos de bem”, “cristãos conservadores”, “defensores da vida” e da “família tradicional”. Para defender tais “valores” se agarram a falas de ódio contra minorias e tudo que se mostra diferente. Frases como “bandido bom é bandido morto”, “não tem que dar direito algum a vagabundo” e “quem defende criminoso é vagabundo” são algumas das utilizadas para confrontar tentativas de assegurar direitos básicos, civis, políticos, econômicos, sociais a qualquer cidadão.

Também em suas redes sociais, o pastor André Valadão defendeu o uso da agressão por parte de policiais. Um usuário fez a seguinte pergunta: “*Pastor, sou policial militar, cometo pecado educando os bandidos com uns tapinhas?*”. Ao responder, André disse que não era

---

<sup>25</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/SomostodosJairMessiasBolsonaro/videos/752406628424292/>  
Acesso em: 13 jun, 2020.

<sup>26</sup> Discurso de posse de Jair Messias Bolsonaro.

pecado e que “*tem que dar tapão no meio da cara mesmo. Se não apanhou em casa, vai apanhar da polícia. Pode sentar o tapa de com força*”<sup>27</sup>. A postagem reflete a total correspondência entre o discurso do pastor e os valores defendidos por Bolsonaro. Em 2020, ele recebeu o deputado federal e filho de Jair Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, em um culto na *Lagoinha Orlando* e o chamou até o palco. Orou por Eduardo e declarou: “*Vamos sempre orar pelas autoridades. Sempre! Que nosso Brasil seja mais e mais levantado em toda a Terra*”<sup>28</sup>.

Outro representante da IBL que apoia massivamente o presidente Jair Bolsonaro é o pastor Lucinho Barreto. Nas redes sociais, Lucinho se declara pastor de jovens da IBL Matriz, bacharel e mestre em Teologia e autor de mais de 40 livros.<sup>29</sup> Na época das eleições, em outubro de 2018, o pastor postou um vídeo em seu canal do *YouTube* com o título “ELE SIM”<sup>30</sup>, expressando abertamente “a sua opinião política”. No minuto 1:28 do vídeo, Lucinho afirma que até bandidos e assaltantes têm levantado a bandeira do “ele não” contra um certo candidato porque ele vai “*tirar as regalias dos bandidos*”. Ele declara também que “*fica muito triste*” quando entra na internet e vê “*pessoas sem princípio moral nenhum*” se posicionar em relação a tudo. E “*as pessoas do bem*” apenas curtindo, mas não comentando. O que faz parecer que os “*maus tem voz e os bons estão calados*”. Citando passagens do texto bíblico, o pastor afirma que os fiéis também precisam se posicionar politicamente sem medo. No final do vídeo, ele cita Dietrich Bonhoeffer, que se posicionou “frontalmente” contra Adolf Hitler, durante o nazismo na Alemanha, enquanto toda a Igreja havia declarado apoio ao líder nazista.

Em uma entrevista ao site *pleno.news*<sup>31</sup>, também no ano das eleições presidenciais, o pr. Lucinho afirma que Bolsonaro “*preza por família, Deus e pátria*” e esses são “*princípios que devem nortear nossa sociedade*”. Anos antes, em 2013, o pastor causou polêmica quando disse em um vídeo do seu programa *Nunca É Tarde*, exibido na *Rede Super de Televisão*, que policiais seriam “*instrumentos de Deus para dar tiro na cabeça de bandido*”<sup>32</sup>.

Na rede social *Twitter*, Lucinho fala abertamente do seu apoio ao presidente da República e a pautas defendidas por ele. “*Eu to #FechadoComBolsonaroAté2026*”, “*Até agora os crimes do Bolsonaro são os mesmos da Dercy Gonçalves e dos funkeiros*” e

<sup>27</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/grupojovemconservador/videos/443760906840918/> Acesso em: 13 jun, 2020.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://rd1.com.br/andre-valadao-leva-filho-de-bolsonaro-ao-palco-do-culto-e-toma-atitude-polemica/> Acesso em: 22 jun, 2021.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/prlucinho> Acesso em: 01 ago, 2021.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pcTwyMbQM7Y> Acesso em: 22 jun, 2021.

<sup>31</sup> Disponível em: <https://pleno.news/comportamento/pr-lucinho-voce-pode-ter-uma-opiniao-mas-nao-brigar.html> Acesso em: 01 ago, 2021.

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/tem-gente-que-precisa-tomar-tiro-a-loucura-do-novo-pastor-que-se-autodenomina-referencia-da-juventude/> Acesso em: 03 ago, 2021.

“#BolsonaroReeleito mais 3 mandatos!” são alguns *tuítes* que expressam diretamente tal adesão. Nas pautas, o aborto ganha destaque nos *posts* do pastor. Em um deles, ele pede para que seus seguidores ajudem a subir a *tag* “#AbortoNão”, no dia 23 de abril de 2020, próximo à votação do Supremo Tribunal Federal que iria decidir se abortos podem ou não acontecer no país, justificando “*Se você é pró-vida suba essa comigo*”.

A inserção de igrejas evangélicas na política – a IBL está incluída nesse espectro – é um movimento de mão dupla. Por um lado, os evangélicos tentam exercer uma influência de princípios e valores morais na política, principalmente, ligados à família e à sexualidade, a par de uma teologia cristã conservadora. Por outro lado, a classe política se articula ao se dar conta de que os evangélicos resultam em muitos votos. Começam, então, a incluir em suas chapas e agrupamentos partidários alguns nomes fortes do evangelicalismo, de preferência pastores, cantores e líderes expressivos do movimento. Assim, a cada eleição cresce o número de candidaturas de figuras evangélicas para cargos públicos. Além disso, organizações religiosas promovem apoio a candidatos que estejam alinhados com suas diretrizes morais e espirituais.

Apesar de institucionalmente a IBL não publicar nenhuma nota oficial de apoio ao presidente Bolsonaro, é possível perceber que há um claro favorecimento ao candidato, principalmente por parte dos líderes da IBL. O pastor Márcio Valadao, quando foi anunciada a também pastora da IBL, Damares Alves, para o cargo de ministra das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos, orou pelo presidente em uma “noite de oportunidade”. A foto foi postada nas redes sociais de Márcio. A oração pelas autoridades é um hábito da igreja<sup>33</sup>. Na mesma época, a futura primeira dama, Michelle Bolsonaro, também foi convidada para ser a entrevistada especial do programa *Sempre Feliz*, da *Rede Super de Televisão*, emissora da IBL<sup>34</sup>.

No site da IBL, a nomeação de Damares Alves foi noticiada, com aspas do pastor presidente: “*Para nós é motivo de alegria e uma grande honra saber que a pastora da nossa amada Igreja da Lagoinha Damares Alves assumiu o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos no Governo Federal. Isso representa um sinal de esperança para um Brasil mais justo e para todos*”<sup>35</sup>.

Damares Alves causou polêmica com declarações controversas. Algumas delas antes mesmo de assumir a pasta no governo Bolsonaro. Um de seus vídeos que viralizou na internet

---

<sup>33</sup> Disponível em: <https://portaldotrono.com/lagoinha-bolsonaro-marcio-valadao/> Acesso em: 22 jul, 2021.

<sup>34</sup> Disponível em: <https://youtu.be/qTNAj34AL54> Acesso em: 23 jul, 2021.

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.lagoinha.com/ibl-noticia/pastora-da-lagoinha-damares-alves-assumiraministerio-de-direitos-humanos-familia-e-mulheres-no-proximo-governo-federal/> Acesso em: 25 jun, 2021.

é de 2013, quando ainda era membro da Igreja do Evangelho Quadrangular. Em palestra que durou mais de uma hora, a pastora alertava os presentes quanto à série de acontecimentos que deveriam ser preocupações para a igreja evangélica. O vídeo foi exibido em inúmeros perfis nas redes sociais e, muito provavelmente, foi um dos principais conteúdos que construiu o imaginário popular do “*kit gay*”. Já que, dentre as ocorrências citadas que contrariavam o cristianismo, estão as cartilhas que incentivavam (ou até mesmo forçavam) crianças a experimentarem o sexo e “desabrocharem nos meninos seu lado feminino e nas meninas seu lado masculino” e o projeto completo de erotização infantil promovido pelo PT e pelo movimento LGBTQIA+.<sup>36</sup>

Em outra ministração, agora já como membro e líder de um ministério na IBL em 2016, Damares alega que professores da rede pública estariam ensinando doutrinas do satanismo e compartilhando artefatos relacionados à magia negra para alunos. Isso porque se tornou obrigatório o ensino da cultura afro dentro das escolas. No mesmo vídeo, a pastora afirma que o Estado é laico. Porém, de maneira contraditória assegura “*essa é uma nação cristã*”. A “ideologia de gênero” também é apontada por Damares como uma arma usada por Satanás para desconstruir a família cristã e anunciou do púlpito que era chegada a hora “*de a igreja governar*”<sup>37</sup>.

A ministra é um dos maiores elos da IBL com o atual governo. O apoio de alguns dos maiores líderes da igreja a Jair Bolsonaro também reflete a contraposição institucional a políticos e a partidos de esquerda, que não são apenas adversários políticos, mas inimigos de todo povo evangélico. Quase todas (para não dizer todas) as referências feitas dentro da IBL aos partidos, líderes e movimentos da esquerda encontradas em vídeos e textos divulgados pelos canais da igreja as colocam na posição de “adversários do povo de Deus”. Em contrapartida, apoiadores da direita conservadora sempre aparecem nos mesmos espaços como aliados e “instrumentos usados por Deus”.

Recentemente, o programa *PodCrer*, da *Rede Super*, entrevistou o vereador de Belo Horizonte, Nikolas Ferreira. Na descrição do vídeo no canal do *YouTube* da emissora, Nikolas é descrito como “cristão, conservador e defensor da família”<sup>38</sup>. Nas redes sociais, o vereador é bastante popular devido a inúmeras polêmicas em que se envolveu. No *Instagram* acumula 855 mil seguidores e mais de 1300 publicações entre fotos, vídeos e reportagens. A grande maioria em apoio ao presidente Bolsonaro e ridicularizando a “esquerda brasileira”. No *Twitter* são mais

---

<sup>36</sup> Disponível em: <https://youtu.be/NauhvD1JZaw> Acesso em: 23 jul, 2021.

<sup>37</sup> Disponível em: [https://youtu.be/9\\_PSmCR\\_r\\_o](https://youtu.be/9_PSmCR_r_o) Acesso em: 23 jul, 2021.

<sup>38</sup> Disponível em: <https://youtu.be/pgkUzplw5zY> Acesso em: 23 jul, 2021



de 300 mil seguidores. Em uma de suas publicações, ele posta um vídeo onde segura um fuzil. Ao abrir a caixa da arma ele faz um questionamento: “já imaginou ganhar de natal nada mais nada menos do que um fuzil?”. A arma era de um amigo que aparece ao lado do vereador. Em outro trecho do vídeo ele afirma que isso é resultado do que o “governo de Jair Bolsonaro está fazendo porque o preço da liberdade é a eterna vigilância”.<sup>39</sup>

Ainda na descrição do vídeo de sua entrevista à *Rede Super*, Nikolas disse ser bastante hostilizado na faculdade onde cursava Direito, a PUC Minas, por seus posicionamentos contrários à esquerda, ao feminismo e à ideologia de gênero. O texto termina afirmando que o vereador “se posiciona de forma contrária a qualquer pauta progressista que for defendida no parlamento”. O pr. Lucinho gravou um vídeo onde também declarava o voto dele ao então candidato Nikolas Ferreira, justificando que era um “menino crente, servo de Deus, conservador, de direita e que põe pra quebrar. É um louco por Jesus”.<sup>40</sup>

Deltan Dallagnol, coordenador da força-tarefa da Operação Lava Jato, que investigava crimes de corrupção na Petrobrás e em outras estatais, esteve por duas vezes, a convite de André Valadão, no Culto Fé, que acontece todas as terças-feiras no templo principal da IBL e é transmitido para todo Brasil e mundo pela *Rede Super* e pelo *YouTube*. Em uma das ocasiões, em 2017, a atitude do público provocou uma reação desgostosa no pastor André. Muitos se mostraram insatisfeitos com o caráter político do culto e deixaram o local antes do término. Na semana posterior, o pastor trouxe o ocorrido ao púlpito e chamou os presentes de “tolos”, pedindo para “que isso nunca mais aconteça”.<sup>41</sup>

O site da IBL também traz alguns artigos em relação ao apoio as pautas conservadoras e a Bolsonaro. Em um deles, intitulado “O Brasil mudou: o verdadeiro estado laico”, defende com grande ânimo uma fala do recém-eleito presidente durante o evento evangélico “*The Send Brasil*”, em Brasília. Diz o texto:

Ali nosso Presidente disse a todos que estavam presentes ou acompanhavam ao vivo pela Rede Super e internet que: “O Brasil mudou! Palavras antes proibidas começaram a se tornar comum: Deus, família e pátria. Vocês foram o ponto de inflexão decidindo mudar o destino do Brasil. Devo a Deus a minha vida e a vocês a missão de dar um norte no país”; E completou seu breve discurso dizendo: “O estado pode ser laico, mas Jair Bolsonaro é cristão”. (...) O laicismo e a laicidade almejam, por definição etimológica e histórica, a construção de uma sociedade em que qualquer grupo social dominante, não possa se impor de forma autoritária aos demais elementos que a integram, estabelecendo sobre todos e em nome do Estado seu próprio padrão ético/moral, quer seja ele de matriz histórica, racial, religiosa, linguística, estética ou mesmo econômica. Portanto, quando o Jair Bolsonaro se confessa cristão, ele de maneira alguma está impondo sobre toda sua matriz religiosa, nem tão pouco está

<sup>39</sup> Disponível em: [https://twitter.com/nikolas\\_dm/status/1341881328044822528](https://twitter.com/nikolas_dm/status/1341881328044822528) Acesso em: 25 jul, 2021.

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/nikolasferreiradm/videos/obrigado-pelo-apoio-pr-lucinho/816938472478458/> Acesso em: 25 jul, 2021.

<sup>41</sup> Disponível em: [https://youtu.be/JoT5MVgrA\\_A](https://youtu.be/JoT5MVgrA_A) Acesso em: 25 jan. 2021.

estabelecendo o cristianismo como religião oficial do Estado, tal como já foi aqui durante o Brasil império. (...) O Brasil de fato mudou e palavras como Deus, família e pátria estão de volta na esfera pública exatamente porque o grupo social que antes dominava nosso país feria diariamente a laicidade do Estado, sendo que faziam isso sob o falso pretexto de defenderem o Estado Laico. Em nome do “Estado Laico” violavam a laicidade impondo sobre todos uma ideologia política que essencialmente é anti-religiosa. É absurdo, mas era exatamente isso que estava acontecendo e eu oro para que a Igreja agora tome posição em defesa do verdadeiro Estado Laico (c. 2019).

Magali Cunha escreve que a máxima “crente não se mete em política” começou a ser sepultada a partir do Congresso Constituinte de 1986, quando foi formada a primeira bancada evangélica.

Depois de altos e baixos numéricos, decorrentes de casos de corrupção e fisiologismo, a bancada evangélica se consolidou como força, o que resultou na criação da Frente Parlamentar Evangélica (FPE) em 2003. Até 2010, esses parlamentares não eram identificados como conservadores do ponto de vista sociopolítico e econômico. Seus projetos raramente interferiam na ordem social: se revertiam em “praças da Bíblia”, criação de feriados para concorrer com os católicos, benefícios para templos. O perfil dos partidos nos quais a maioria desses políticos está afiliada reflete isto, bem como recorrentes casos de fisiologismo (CUNHA, 2016, p. 149).

Ainda de acordo com Cunha, foi em 2011 que um forte conservadorismo moral passou a marcar a atuação da FPE. Ele trouxe o mandato da defesa da família e da moral cristã contra a plataforma dos movimentos feministas e de homossexuais. Tais defesas são justificadas e embasadas na leitura fundamentalista do texto bíblico. Grande parte das lideranças evangélicas conduzem reflexões teológicas que defendem a existência de um Deus guerreiro e belicoso, e incentivam a discriminação a quem lhe faz oposição ou tenha posição diversa, como agentes do diabo.

A pastora Ezenete Rodrigues é conhecida pelos seus seminários de intercessão e de batalha espiritual. Em *lives* quase diárias nas redes sociais, Ezenete e outros ministros convidados oram, profetizam, “batalham” e decretam a queda daqueles que se opõem ao “senhorio de Cristo, dono do Brasil”<sup>42</sup>. Em um dos vídeos publicados no canal da pastora no *YouTube*<sup>43</sup>, ela lê alguns versículos de Isaías 62<sup>44</sup> e declara que essa é a “*vontade de Deus para o Brasil*”. Em seguida, clama para que “o Senhor entre em Brasília e em todas as decisões tomadas”. Ezenete também foi uma das líderes da IBL a declarar abertamente seu voto e apoio a Bolsonaro. Na publicação em que assume tal postura, ela fala que a “*mudança do Brasil está nas nossas mãos*” e para isso é preciso tomar “*consciência dos valores da nação brasileira para*

<sup>42</sup> Disponível em: <https://youtu.be/h86pjGQmh4M> Acesso em: 05 ago, 2021.

<sup>43</sup> Disponível em: <https://youtu.be/E-cQj1ymmb0> Acesso em: 04 ago, 2021.

<sup>44</sup> 1Por amor de Sião eu não sossegarei, por amor de Jerusalém não descansarei enquanto a sua justiça não resplandecer como a alvorada, e a sua salvação, como as chamas de uma tocha. 2As nações verão a sua justiça, e todos os reis, a sua glória; você será chamada por um novo nome que a boca do Senhor lhe dará. 3Será uma esplêndida coroa na mão do Senhor, um diadema real na mão do seu Deus.

votar certo”. Segundo ela, Bolsonaro tocou seu coração ao demonstrar valores que a Bíblia ensina<sup>45</sup>.

No vídeo, esses valores não são expostos. Contudo, as pautas fundamentalistas que unem lideranças do segmento evangélico com a política do atual governo são embasadas na moralidade sexual e na demonização do diferente, seja ele de qualquer estirpe. Até mesmo indígenas e afrodescendentes são inferiorizados. Magali Cunha fala da concepção de uma configuração de *fundamentalismos políticos-religiosos*.

Nesse sentido, escapando do uso do termo que denota acusação e rótulo de contrários, o resultado mostra que os fundamentalismos podem ser entendidos como uma visão de mundo, uma interpretação da realidade, com matriz religiosa. Esta é combinada com ações políticas decorrentes dela, para o enfraquecimento dos processos democráticos e dos direitos sexuais, reprodutivos e das comunidades tradicionais, num condicionamento mútuo. (...) Elas servem ao sistema econômico neoliberal ao apregoarem a redução de políticas públicas (ação do Estado, portanto), relegando à “família” o cuidado com educação, saúde, trabalho, aposentadoria, e ao facilitarem as conquistas de terras de populações tradicionais pelo agronegócio e por mineradoras. Por isso a classificação “**fundamentalismos político-religiosos**”. São identificados como inimigos, movimentos sociais, sindicatos, partidos que buscam defender esses direitos e essas populações (CUNHA, 2021).<sup>46</sup>

### 3.3 A contraditória relação com grupos minoritários

Outra pauta social de bastante relevância é a dos grupos minoritários. As chamadas *minorias* nada têm a ver com número menor de pessoas, e sim com uma situação de desigualdade e, por conseguinte, de desvantagem social com respeito às relações de dominação na sociedade. A grande maioria das pesquisas relacionadas ao tema são das áreas da antropologia e da sociologia<sup>47</sup>.

Nos anos de 1970, a teóloga alemã Dorothee Söller definiu o que chamou de “cristofascismo”. Produto dos cristianismos alemães, o cristofascismo ajudou a promover a construção e a aplicação de táticas nazistas no Terceiro Reich. O teólogo Fábio Py resgatou o termo para o contexto brasileiro, afirmando que a aliança entre igrejas cristãs e bolsonaristas para a implantação de um governo autoritário, expressa em posturas fascistas, racistas, misóginas, é o que podemos chamar de “cristofascismo à brasileira”. Em entrevista publicada

<sup>45</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/EzeneteRodrigues/videos/287955475264046/> Acesso em: 03 ago, 2021.

<sup>46</sup> Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/609069-fundamentalismo-religioso-galvaniza-massa-de-apoio-de-catolicos-e-evangelicos-ao-governo-bolsonaro-e-coloca-a-democracia-em-crise-entrevista-especial-com-magali-cunha> Acesso em: 15 ago, 2021.

<sup>47</sup> CAVALCANTI, 2008.

no site da Universidade Estadual do Norte Fluminense, onde atua como docente do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais, Py explicou a utilização do termo:

O cristofascismo é um termo que eu utilizo a partir de uma teóloga luterana chamada Dorothee Sölle. Ela usa o termo pela primeira vez para fazer referência à vivência dela no nazismo. Doutora em Teologia, foi professora em um seminário de Nova York, onde teve acesso a grupos supremacistas brancos, percebendo o vínculo desses grupos com o fundamentalismo e a luta deles contra os direitos humanos, as mulheres, os negros etc. Dorothee afirma que há uma conexão entre o nazismo e esses setores. E é essa conexão que ela vai chamar de cristofascismo. Esses sujeitos supremacistas brancos americanos, em nome de Cristo, discriminam e constroem um maquinário de ódio contra os setores heterodoxos: mulheres, negros, LGBTQIA+ e, no caso dos EUA, os latinos. Então o cristofascismo surge assim. E aí eu faço uma diferenciação com a terminologia da Dorothee. Eu reconheço a importância do fundamentalismo para a construção do governo Bolsonaro, principalmente das grandes corporações evangélicas e católicas conservadoras. O cristofascismo brasileiro, a que eu estou me referindo, é a conexão destas grandes corporações evangélicas e católicas com o governo cerceador de Bolsonaro. Elas ajudaram a construção dele, e agora dão as mãos e ajudam a composição, a manutenção dele no poder, construindo uma indústria muito pesada de signos cristãos de ódio a diferentes pessoas, como os professores, os setores LGBTQIA+, negros indígenas e quilombolas. Então, cristofascismo é uma larga composição hoje entre as grandes corporações religiosas cristãs e o bolsonarismo. Eles fazem isso a partir de uma linguagem comum: a linguagem do movimento dito fundamentalista. Bolsonaro chega a utilizar desde jargões e até textos bíblicos nas suas falas políticas (PY, 2021).<sup>48</sup>

Em outro artigo publicado pelo Instituto Mosaico, Py resume a conceituação que apropria de Sölle: “aqui, atualmente, o cristofascismo seria um dispositivo ativado por meio de um vocabulário e táticas de combate aos inimigos da fé e da nação, que supostamente atentariam contra o “projeto da família” ou colocariam em xeque uma “paz social” da classe média (PY, 2018).

O texto bíblico “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (Jo 8,32), muito usado por Bolsonaro, também foi tido como uma espécie de jargão por Hitler em eventos promovidos pelas igrejas cristãs da Alemanha. Interessante perceber que, em época de campanha, Bolsonaro participava de várias celebrações religiosas em diferentes igrejas como Assembleia de Deus, Igreja Universal, Igreja Mundial do Poder de Deus e Igrejas Batistas e Presbiterianas, principalmente as de renovação. Isso demonstrou uma espécie de “politicagem”. Mais do que compartilhar valores destas instituições, ele estava buscando ampliar o seu diálogo com a sua base eleitoral.

Ainda em seu artigo, Fábio Py afirma que o discurso do Deus cristão no “cristofascismo” se faz sob os “perigos” que assolam o país, impregnado de LGBTfobia e contra minorias em

---

<sup>48</sup> Disponível em: <https://uenf.br/portal/noticias/bolsonaro-e-o-cristofascismo-brasileiro-relacao-cristianismo-e-politica/> Acesso em: 29 ago, 2021.

geral. Envernizado pelo fundamentalismo evangélico, a defesa da “família tradicional”, o confronto à “ideologia de gênero” e a necessidade da evangelização de índios aparecem como “valores cristãos” sustentados pelo grupo. Este olhar fundamentalista divide o mundo em dois: sagrado-profano, bem-mal, certo-errado. Quem não compartilha dos mesmo ideais são excluídos.

Em recente publicação no perfil pessoal da rede social *Instagram*, o pastor da *Lagoinha Orlando*, André Valadão se mostra bastante fechado em relação à pauta LGBTQI+. Ao comentar a questão sobre possível expulsão de um casal homossexual da igreja, o pastor escreve:

“Entendi. São gays. A igreja tem um princípio bíblico. E a prática homossexual é considerada pecado. Eles podem ir para um clube gay ou coisa assim. Mas na igreja não dá. Esta prática não condiz com a vida da igreja. Tem muitos lugares que gays podem viver sem qualquer constrangimento. Mas na Igreja é um lugar para quem quer viver princípios bíblicos. Não é sobre expulsar. É sobre entender o lugar de cada um” (CARTA CAPITAL, 2020).

A postagem foi apagada no dia seguinte após repercutir negativamente. A fala foi apurada pela OAB de Minas Gerais por ser considerada homofóbica. Ana Paula Valadão, outra filha do pastor Márcio Valadão, também foi denunciada por declarações homofóbicas. Durante um culto, em 2016, transmitido pela *Rede Super*, canal de televisão da IBL, e pelo canal da igreja no *YouTube*, Ana Paula afirmou que as relações homoafetivas não são normais e associou casais homossexuais à HIV. “*Tá aí a Aids para mostrar que a união sexual entre dois homens causa uma enfermidade que leva à morte, contamina as mulheres, enfim...Não é o ideal de Deus*”, afirmou Ana Paula durante o congresso<sup>49</sup>.

Um caso que ganhou repercussão em dezembro de 2020 foi de Cláudia Baccile. Segundo reportagem publicada pelo site do jornal *Correio Braziliense*, ela foi expulsa do *Centro de Treinamento Ministerial Diante do Trono* (CTMDT), da IBL. O caso aconteceu em 2009, na época ela tinha 19 anos e queria ser ministra de louvor igual Ana Paula Valadão. Cláudia conta que deixou a família em Brasília para estudar no seminário. Dois anos depois, no dia do baile de formatura, mesmo tendo sido aprovada em todas as disciplinas, ela foi expulsa e impedida de pegar o diploma por ser lésbica. Segundo o trecho da reportagem:

“O pastor líder disse que o nome do ministério não podia ser associado a pessoas como eu”, lembra. Era o desfecho de uma sequência de experiências traumáticas no ambiente religioso, que causaram na jovem danos psicológicos permanentes. Para “curar” a homossexualidade, ela relata que foi isolada em um sítio, submetida a exorcismos, e fez sessões de terapia com psicólogos da própria Igreja Batista da Lagoinha (...) Desde os 5 anos, a designer se reconhece como lésbica. Mas não tinha

<sup>49</sup> Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/05/4922149-ana-paula-valadao-e-denunciada-apos-declaracoes-homofobicas.html> Acesso em: 23 jun, 2021.

ficado com mulheres até se apaixonar por uma aluna do seminário. Elas tiveram um caso quase platônico, sem relações sexuais, porque achavam que a homossexualidade era pecado. Movida pela culpa, ela revelou seus sentimentos à liderança da escola, que impôs o afastamento total das duas como condição para a continuidade dos estudos. "Tive que ler um versículo da Bíblia para ela na frente dos pastores. O texto falava que a homossexualidade é abominação para Deus. Ela saiu da sala chorando. Foi horrível", lembra. Conforme seu relato, professores vigiavam os movimentos das estudantes e expunham o caso para outros alunos. Ela diz que teve o computador pessoal confiscado por uma das líderes, que vasculhou o dispositivo para achar trocas de mensagens dela com a outra aluna.<sup>50</sup>

O local mencionado na reportagem é a Estância Paraíso, que tem como líder a pastora Ezenete Rodrigues. Apesar das falas de dois grandes representantes da IBL, e de casos envolvendo o público LGBTQIA+, o núcleo da Igreja no bairro Savassi, em Belo Horizonte, mantém um projeto específico para acolher a comunidade LGBTQIA+ dentro da Igreja. O Movimento Cores foi fundado por Priscila Coelho, líder da IBL e autodeclarada homossexual.

Em entrevista, a fundadora Priscila Coelho contou que a ideia de criar o movimento surgiu após, segundo seu relato, ter recebido uma revelação do próprio Deus. Ela acredita que de acordo com a mensagem revelada, através do deus cristão, teria que trabalhar com esse público no contexto da igreja evangélica. Ela conta também, que a dificuldade inicial foi o receio de o público alvo achar que não iriam ser bem recebidos, e que o objetivo do movimento seria impor uma 'cura gay'. "Essa questão LGBT e igreja é muito complicada, porque é quase dividida, então as pessoas têm um pensamento equivocado acerca de quem Jesus é! Até mesmos os gays e os heterossexuais, eles acham que, por exemplo, uma igreja evangélica, e eu não estou dizendo que não tenha igrejas que são assim, vão condenar o cara antes mesmo dele chegar. Então ele tem que chegar heterossexual e totalmente modificado. E não foi essa proposta de Jesus... Jesus diz que as pessoas têm que ir até ele da forma que elas estão, se são heterossexuais, se são homossexuais, se são pedófilos, médicos, advogados tem que vir para Jesus com suas dificuldades.", relatou Priscila (MARINHO, et. al., 2016, p. 446)

Na época da declaração de André Valadão de que "lugar de gay não é na igreja", Priscila, líder do movimento, postou um vídeo no perfil oficial do *Instagram* do Movimento Cores<sup>51</sup> respondendo, de maneira indireta, à fala do pastor. Na publicação ela fala "*o lugar de vocês estarem é dentro da igreja sim, o lugar de você se relacionar é dentro da igreja com cristãos, pessoas de verdade que vão te amar, acolher*". A sequência de vídeos termina dizendo: "*saiba que aqui na nossa comunidade, Lagoinha Savassi, você é bem acolhido, recebido, amado, você pode vir do jeito que você é, sendo quem você é. É um privilégio na verdade pra gente, ter vocês*".

A líder em um dos núcleos da IBL, que fica no bairro Savassi, em Belo Horizonte, e a própria comunidade (principalmente, por aceitar membros LGBTQIA+) acabam se tornando

<sup>50</sup> Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2020/12/4897168-para-curar-a-homossexualidade-jovem-teria-sido-submetida-a-isolamento-exorcismos-e-terapia-em-seminario-evangelico.html> Acesso em: 14 jun, 2021.

<sup>51</sup> Disponível em: [https://youtu.be/DZaFdg6u\\_1M](https://youtu.be/DZaFdg6u_1M) Acesso em: 14 jun, 2021.

um contraponto à teologia disseminada pelo discurso dominante presente nas lideranças mais expressivas da igreja. Em um trabalho de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, Thales Rafael de Moura relaciona outras falas de Priscila que divergem das declarações preponderantes na igreja a qual faz parte.

De modo pouco perceptível, um *stories* foi publicado no dia seguinte às eleições no *Instagram* do Movimento Cores, em resposta à eleição de Jair Bolsonaro: “*Deus não solta nossa mão! Vamos juntos!*”. O mesmo fazia referência à campanha “*Ninguém solta a mão de ninguém*”, uma frase de resistência – que viralizou – em relação ao governo que viria.

Já em suas redes pessoais, no mesmo dia, Priscila foi um pouco mais explícita. Em uma das publicações, ela escreve: “*Resistiremos espalhando o Amor! (...) Os tempos são difíceis, mas Deus segue no controle de TUDO!*”. Dias antes, Priscila repostou em suas redes pessoais textos de Antonio Carlos Costa: “*A Agenda Moralista da Igreja em Época de Eleição*”, o qual fazia duras críticas à forma como a igreja cristã brasileira, de acordo com o autor do conteúdo, “*concedeu seu apoio institucional ao então presidente eleito e como a pauta moral seguida pela mesma é insensata ao tentar subtrair as liberdades das pessoas homoafetivas*” (MOURA, 2019, p. 38)

No site oficial da IBL estão destacados 46 ministérios que a igreja possui. O Movimento Cores não é mencionado. O pensamento de Priscila não é compartilhado por outros líderes da IBL. Os já citados Pr. Lucinho, André Valadão e Ana Paula Valadão figuram na internet com postagens polêmicas envolvendo a comunidade LGBTQIA+. Em um compilado de pregações em comemoração à Reforma Protestante, por exemplo, ministrado na Igreja da Lagoinha Matriz, Lucinho declara: “*(...) Eu tenho dois filhos: um menino e uma menina. A Emily e o Davi. Se um dia o Davi aparecer em casa com o papo de que não é menino e a minha filha de que não é menina... aí meu querido, a coisa vai ficar feia*”<sup>52</sup>.

Recentemente, em reação à campanha lançada pelo restaurante de *fast food* *Burger King* celebrando o Dia Internacional do Orgulho Gay, o pastor publicou dois tuítes na sua rede social. Em um deles disse: “*Isso nunca foi sobre o direito de ser Lgbtq mas sempre foi pelo direito das crianças não serem doutrinadas sobre sexo! #BurgerKingLixo*”. Ao longo do filme publicitário<sup>53</sup>, crianças e pré-adolescentes compartilham sua visão real sobre a diversidade, sempre acompanhados por seus responsáveis. Na outra postagem o pastor ordena: “*Todas as empresas e marcas que começarem a empurrar a agenda Lgbtq PRA CRIANÇAS, devem ser boicotadas por todos os cristãos só até a volta de Jesus. Depois tá liberado*”.

No ano de 2016, Ana Paula Valadão também protagonizou um caso de grande repercussão. Ela lançou a *tag* “*#SantaIndignação*” no *Twitter* para propor o boicote à loja de

<sup>52</sup> Trecho transcrito por MOURA (2019, p. 37). O vídeo completo está no site do pastor: A Falsa Reforma | Série Reforme-se | Pr. Lucinho (07/10/2017). Disponível em: <http://prlucinho.com.br/videos/a-falsa-reforma-serie-reforme-se-pr-lucinho-07102017/> Acesso em: 02 jun, 2021.

<sup>53</sup> Disponível em: <https://youtu.be/301GMPHt7M> Acesso em: 27 jul, 2021.

departamentos C&A por sua campanha do Dia dos Namorados, onde homens aparecem vestindo, supostamente, roupas femininas e mulheres roupas masculinas como lançamento de uma coleção de roupas sem gênero definido.<sup>54</sup>

A pastora também é conhecida na internet pelas falas em relação ao comportamento feminino. Nina Rosas comenta algumas das declarações em sua tese de doutorado em Sociologia. A noção de feminilidade e a diferença entre homens e mulheres são algumas características bastante acentuadas nas pregações de Ana Paula, especialmente, em congressos feitos apenas para mulheres. Rosas (2015, p. 193) destaca o seguinte trecho coletado em pesquisa de campo:

“Por que eu fui criada como uma mulher? [...] Tenho abraçado o propósito criado por Deus de ser uma auxiliadora para o homem? Estou disposta a sacrificar minhas próprias ambições a fim de cumprir o meu papel principal e chamado, como ajudante para o meu marido? [...] Eu reconheço e aceito que Deus criou a mulher para completar, complementar e ajudar o homem? [...] Será que eu aceito meu chamado criado por Deus para ser uma portadora e nutridora da vida? [...] Este é um dom de Deus dado a você mulher. Não negue o dom que o Senhor te deu. Ele te fez mulher e vai te capacitar para ser mãe” (Ana Paula Valadão, 1º Congresso Mulheres Diante do Trono, agosto de 2011).

A maior defesa de Ana Paula em relação à mulher é que ela é forjada a partir da existência masculina. Por isso, ela é vista como uma ajudadora do homem e não deve se sentir menosprezada por isso. Boa parte desse discurso de subserviência nasce do imaginário de que Eva, a primeira mulher a existir segundo o relato de Gênesis, teve papel central no pecado original. Como consequência deste primeiro pecado, a mulher sofre as dores do parto e tem um desejo de projeção dominador e autônomo, que desequilibra a ordem natural e imutável estabelecida por Deus, a saber, a da superioridade hierárquica do homem. Por isso, é preciso uma negação de poder ao gênero feminino para salvaguardar as mulheres de tal pecado (ROSAS, 2019, p. 194).

Nina escreve ainda que em relação ao que se espera do “ser mulher”, é ensinado que “a fonte de gozo, amor e auto realização feminina não está no consumo, nos estudos, na carreira, nem mesmo na obtenção de marido e filhos” (2019, p. 194). A identidade da mulher está em Deus. Durante um dos cultos de mulheres, realizado em 2012, Ana Paula Valadão, segundo Rosas, canta em tom irreverente uma famosa música sertaneja que diz: “encosta tua cabecinha no meu ombro e chora”, referindo-se a um suposto pedido divino para que as mulheres pudessem em Deus encontrar consolo.

---

<sup>54</sup> Disponível em: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2016/05/ana-paula-valadao-pede-boicote-loja-por-campanha-sem-generos.html> Acesso em: 27 jul, 2021.



As relações de poder na Igreja Protestante, em grande parte, se basearam na dominação masculina em relação à mulher. Nas igrejas mais históricas, mulheres são proibidas de exercerem cargos de pastoras ou ministras. O pentecostalismo, principalmente o da “segunda onda”, contribuiu para o sacerdócio de mulheres no seguimento protestante. O empoderamento de identidades marginalizadas foi uma das grandes características do movimento pentecostal. Por incrível que pareça, as denominações neopentecostais foram as que deram mais voz às mulheres nas assembleias eclesiais. Porém, as transformações em relação ao papel da mulher encontraram resistência vinculadas às ideias patriarcais, enraizadas na cultura. Além disso, a demonização por parte de conservadores religiosos, da extrema direita e, principalmente, do atual governo das lutas de grupos minoritários, fizeram com que movimentos que lutam por direitos das minorias fossem ridicularizados.

Mais uma vez, nas redes sociais, o Pr. Lucinho Barreto escreve que o feminismo “*não serve para defender as (todas) mulheres mas só para as que não forem cristãs e conservadoras*”. Em outro *post*, o pastor escreve: “*Me perguntaram ontem se é possível ser totalmente feminista e ser totalmente cristã. Aí eu fiz como Jesus e respondi com outra pergunta: É possível ser machista e ser totalmente cristão? Ainda não recebi a resposta*”. No comentário, Lucinho demonstra desconhecer o assunto quando relaciona feminismo e machismo como termos similares. Feminismo não é o contrário de machismo.

O machismo é um preconceito, expresso por opiniões e atitudes, que se opõe à igualdade de direito entre os gêneros, favorecendo o gênero masculino em detrimento do feminino. Ou seja, é uma opressão, nas suas mais diversas formas. O feminismo é um movimento social e político que visa uma sociedade com igualdade de direitos entre os gêneros. Pelo fato de ter como objetivo o combate de tal preconceito, muitas pessoas acusam grupos feministas de almejam uma sociedade onde as mulheres oprimam os homens<sup>55</sup>. O termo que melhor definiria essa problemática seria o *femismo*<sup>56</sup>.

A ministra e pastora voluntária na IBL, Damares Alves, também utiliza os púlpitos para pregar contra as pautas feministas e de outros grupos minoritários. Nas palestras ou nas entrevistas, ela costuma criticar o que chama de “guerra” provocada pelo movimento contra os

---

<sup>55</sup> Disponível em: <https://www.politize.com.br/o-que-e-machismo/> Acesso em: 02 jun, 2021.

<sup>56</sup> O *femismo* pode ser considerado o oposto do machismo, pois trata-se de uma ideologia de superioridade da mulher sobre o homem. O femismo, assim como o machismo, prega a construção de uma sociedade hierarquizada a partir do gênero sexual; baseada em um regime patriarcal. Disponível em: <https://arteref.com/feminismo/qual-a-diferenca-entre-feminismo-e-femismo> Acesso em: 02 jun, 2021.

homens. Ela é contra o aborto, apoia a evangelização de grupos indígenas e afirma que “ninguém nasce gay”<sup>57</sup>.

Outro representante de IBL que já falou contra a igualdade de gêneros nas suas redes sociais e em pregações foi o pastor e cantor André Valadão. Em um *post* no *Instagram*, ele afirma que a igualdade entre homens e mulheres não tem lógica, pois a mulher sempre será o lado mais fraco. No mesmo *post*, André diz que só os homens têm força para aguentar a pressão do trabalho para sustentar a casa e pede para que eles sejam menos “afeminados”. Ele finaliza dizendo: “Homens, tá na hora de casar, assumir papéis masculinos, assumir relacionamentos, serem menos egoístas, menos meninos e mais homens”<sup>58</sup>. Em outra publicação, ele declara que tem se assustado com a “fragilidade porcelana” dos homens: “Não sou machista mas sei bem qual é o lugar do HOMEM! HOMEM TAMBÉM CHORA, MAS TEM QUE ENGOLIR O CHORO E LUTAR ATÉ O FIM! LUTAR ATÉ MORRER!”<sup>59</sup>.

Mesmo diante de tal constatação, as mulheres exercem papéis importantes na IBL. Muitas estão à frente de ministérios e pastoreios. Lideram equipes inteiras. Porém, é interessante perceber que, dentro do sistema desenvolvido pela IBL para a gestão das igrejas, não há mulheres entre suas mais altas lideranças. No site, as chamadas “Regionais” são descritas da seguinte forma:

Além do Pastor Presidente Márcio Valadão, a Convenção Lagoinha Global conta com pastores Presidentes das diferentes regiões que compõe nossa denominação, eles coordenam regionais e sub regionais para auxiliar no propósito e na visão das mais de 600 Lagoinhas espalhadas pelo Brasil e pelo mundo. (...) Hoje funcionamos como LAGOINHA GLOBAL, órgão para orientar de forma estratégica, dar cobertura para as nossas igrejas e auxiliar na implantação das próximas. A sede é em Belo Horizonte e conduzida por um conselho presidido pelo Pr. Márcio Valadão. Cada região é conduzida por um presidente regional para melhor promover os processos. Estes, por sua vez, terão pastores regionais, pastores sub regionais e pastores das igrejas para distribuir e delegar de forma equilibrada essa missão. Essas convenções regionais estão organizadas assim:

GRANDE BH: compreende Belo Horizonte, cidades geograficamente vizinhas e Distrito Federal, além de alguns campos transculturais, está na presente dada debaixo da responsabilidade do Pr. Richarde Guerra.

TERRAS DE MINAS: compreende toda parte superior do estado de MG, do Noroeste até a zona da Mata, é liderada pelo Pr. Isaac Zalton.

CENTRO-OESTE/ ESPÍRITO SANTO: compreende o Oeste de Minas, Triângulo Mineiro, Oeste de SP, toda região Centro-Oeste do país e o estado do Espírito Santo, é liderada pelo Pr. Rodinei Medeiros.

SUL de Minas e Leste de SP: compreende as regiões descritas e é liderada pelo Pr. Marco Túlio.

SUL: compreende o Sul do Brasil e é liderada pelo Pr. Charles Campos.

Rio: compreende o estado do Rio de Janeiro e é liderada pelo Pr. Felipe Valadão.

<sup>57</sup> Disponível em:

[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/12/07/interna\\_politica,723920/em-cultos-para-6-mil-pessoas-futura-ministra-faz-pregacao-contra-o-ab.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/12/07/interna_politica,723920/em-cultos-para-6-mil-pessoas-futura-ministra-faz-pregacao-contra-o-ab.shtml) Acesso em: 14 mar, 2021.

<sup>58</sup> Disponível em: <https://www.fuxicogospel.com.br/2019/05/declaracao-machista-de-andre-valadao-revolta-seguidores.html> Acesso em: 23 jun, 2021.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CPI5VS8hZIX/> Acesso em: 05 ago, 2021.

Norte Nordeste: compreende os estados do Norte e Nordeste do Brasil e é liderada pelo Pr. Emerson Caetano.

Nations: compreende Colômbia, Reino Unido, Portugal, Espanha, Itália, França, Alemanha e Japão e é liderada pelo Pr. Leonardo Capochim.

USA: compreende os Estados Unidos da América e Canadá e é liderada pelo Pr. André Valadão.<sup>60</sup>

Mais uma vez, fazendo o contraponto dentro da própria IBL, o núcleo Lagoinha Savassi realizou, em agosto de 2019, a Conferência Diálogos, com o tema “diálogos com a justiça social”. O evento discutiu temas como a igualdade entre homens e mulheres, o preconceito contra negros dentro das igrejas evangélicas e outras questões de vulnerabilidade social. Priscila Coelho, que é líder na comunidade e também apresentadora do programa Amplificador, da *Rede Super*, cobriu o evento.<sup>61</sup> Na abertura da reportagem ela diz “*aquela conferência cabulosa: diálogos sobre justiça social. Tema sensacional que provavelmente você não vai ouvir em outros lugares. Então, aqui na Lagoinha Savassi tem*”. Em um trecho do vídeo, ela entrevista uma das palestrantes do evento, a jornalista Nilza Valéria, que falou sobre negritude. Na sua fala, Nilza diz que “*talvez a igreja não tenha acompanhado o nível de desigualdade que a sociedade traz na questão racial*”.

O pastor responsável pela Igreja da Batista Lagoinha Savassi, Flavinho Marques, também foi entrevistado e afirmou que as discussões que foram propostas na conferência têm a ver com o fato de “*simplesmente ser cristão. Não tem como você verdadeiramente crer em Jesus, na obra da Cruz, sem possibilitar esse tipo de diálogo ou valorização*”. Outro palestrante foi Fellipe dos Anjos, pesquisador em Ciências da Religião e pastor na Igreja Batista de Água Branca, em São Paulo. Na sua entrevista a Priscila, ele diz que esses temas surgem da pastoral. Muitas mulheres, negros, pobres fazem parte das igrejas e precisam ser ouvidos pelas lideranças.

A valorização de um discurso fundamentalista por parte da liderança da IBL funciona como mecanismo de controle. Os cristãos que rejeitam ou não militam em favor de tais manifestações são mal vistos. Dentro da conjectura da Igreja Batista da Lagoinha dizem ser “liberais”, em alusão ao movimento do liberalismo teológico, do qual o movimento fundamentalista surge como reação, no início do século XX.

Em uma pregação recente na IBL Matriz, intitulada “Não seja um crente moderninho”<sup>62</sup>, o pr. Lucinho prega contra supostas “atualizações” teológicas. Os chamados “crentes moderninhos” são aqueles, segundo pastor, que duvidam da Palavra de Deus: “*ela entra pra*

<sup>60</sup> Disponível em: <https://lagoinha.com/pagina/13060/pastores> Acesso em: 05 ago, 2021.

<sup>61</sup> Disponível em: [https://youtu.be/\\_caOa5x--Ok](https://youtu.be/_caOa5x--Ok) Acesso em: 10 ago, 2021.

<sup>62</sup> Disponível em: <https://youtu.be/bjDbrlX5u7w> Acesso em: 15 ago, 2021.

*faculdade, começa a ouvir um monte de coisas e põe uma interrogação naquilo que Deus já tinha colocado um ponto final. E se... não foi Adão e Eva”, afirma o pastor. Em outro trecho Lucinho diz: “ele vai lá, uma pessoa do mesmo sexo, dá um beijo no outro: ‘poxa eu sou menino e estou amando um outro menino’”. E conclui: “aí vem a Bíblia e diz: Não! Mas a minha experiência...”. Para o pastor, o “crente moderninho” acha radical e fundamentalista tudo aquilo que é ortodoxia: “e sabe o que é (ortodoxia)? Bíblia. Palavra de Deus. Escritura. Satanás tá doido pra colocar uma interrogação na sua cabeça porque se ele colocar uma interrogação em cima desse livro aqui (apontando para a Bíblia) ele vai abrir um precedente para te destruir”.*

### **3.4 Um contraponto na pandemia**

As falas citadas nos tópicos anteriores refletem a teologia fundamentalista presente nas pregações e no discurso de principais líderes da IBL. Durante a pandemia do Coronavírus, em contraponto a grande maioria dos líderes e igrejas evangélicas do país, a IBL se manifestou a favor das medidas de isolamento social, do fechamento das igrejas, do respeito a quarentena e da vacinação. Tais orientações foram geradoras de situações bastante conflituosas. A *Coalização Pelo Evangelho*, entidade religiosa que reúne líderes evangélicos de diversas partes do país, divulgou um manifesto “*Pela pacificação da nação em meio à pandemia*”. No documento, criticam a politização do momento atual, a mídia e o “endeusamento da ciência”. O manifesto foi assinado por 17 lideranças religiosas de diferentes igrejas ou entidades evangélicas do país, entre elas a Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, a Convenção Batista Reformada do Brasil, Visão Nacional para a Consciência Cristã da Paraíba e o Seminário Reformado *Matin Bucer*, de São José dos Campos (SP). A Igreja Batista da Lagoinha não manifestou apoio ao documento, até porque ele foi de autoria das igrejas de Teologia Reformada.

No Brasil, o primeiro óbito oficial causado pelo novo Coronavírus foi notificado no dia 26 de fevereiro de 2020. A partir de março instalou-se uma crise sanitária, política e econômica. A pandemia da Covid-19 reforçou o alinhamento entre o presidente e os principais líderes evangélicos de tendência conservadora do país. Apesar dos milhares de óbitos, assim como o atual presidente, muitas dessas lideranças tendem a subestimar a pandemia. Como consequência, tendem a desconsiderar as orientações e os protocolos promovidos pelas autoridades sanitárias.

Declaradamente, desde o início da pandemia, o presidente Bolsonaro assume uma posição negacionista. A CPI da Covid no Senado levantou 200 frases que revelam tal posição de Bolsonaro. Entre as frases estão críticas ao isolamento social, outras propagandeiam o uso de medicação não comprovada para o tratamento da doença, e frases que minimizam o coronavírus apenas como uma “gripezinha”. Listamos alguma delas: “*Não há motivo para pânico*” (06/03/2020); “*Outras gripes mataram mais do que essa*” (11/3/2020); “*Depois da facada não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar*” (20/3/2020); “*infelizmente algumas mortes terão. Paciência*” (27/3/2020); “*E daí? Eu sou messias, mas não faço milagre*” (28/4/2020).

A crise provocada pela pandemia fez com que o apoio a Bolsonaro e às medidas de isolamento não gozassem de unanimidade entre as igrejas que o apoiam. Líderes da IBL, por exemplo, ao mesmo tempo que apoiaram o dia de jejum convocado por Bolsonaro “para que o país fique livre desse mal” fizeram cultos online, conclamando os fiéis a ficar em casa. A volta dos cultos presenciais seguiu os protocolos sanitários. No site, nas redes sociais e em outros canais midiáticos, a IBL divulgou os cuidados a serem tomados durante os cultos<sup>63</sup>.

Os líderes da igreja também se manifestaram em suas redes com respeito a temas ligados à pandemia. Em um dos *posts*, o Pr. Lucinho afirma “*Pesquisa sobre a vacina da China com pacientes de covid que já estão internados revela: 100% deles aprovam!*”. O pastor segue dizendo que “*só estamos debatendo sobre a vacina pq não estamos doentes senão tomaríamos até xixi de calango pra sarar! Então pare de encher o saco e tome a primeira que chegar*”. Em resposta a publicações, um de seus seguidores comenta: “*Tome por mim, valeu!*”. Mais abaixo, outro seguidor escreve: “*Amigo se tratando de notícia que vem de um país comunista eu não acredito em nada*”. Lucinho não respondeu aos comentários.

Em outras publicações, o pastor aproveita a crise econômica provocada pela pandemia para criticar a esquerda: “*O último ano da Dilma no poder teve maior queda no PIB do que a do ano passado!!!! Traduzindo: a esquerda no poder é pior que uma pandemia!!!!*” (03/03/2021). Alguns seguidores não aprovaram a postagem: “*Uma pandemia com mais de 255 mil mortes?*”, responde um deles. Outro responde com uma reportagem com título “*Com pandemia, PIB do Brasil cai 4,1%, pior queda em 24 anos*”. “*Milhares de pessoas morrendo é menos importante que o PIB?*”, rebate uma usuária da rede social.

Nas redes sociais, a pastora Ana Paula Valadão protagonizou uma discussão com o pastor Silas Malafaia, da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo. Na semana do episódio,

---

<sup>63</sup> Disponível em: <https://lagoinha.com/lagoinha-news/16564/nota-cuidados-nos-cultos-devido-ao-coronavirus>  
Acesso em: 10 ago, 2021.

em março de 2020, governadores começam a traçar estratégias para tentar frear o máximo possível a disseminação da doença no país. Algumas atividades, passíveis de causarem aglomerações, seriam mantidas, como o fechamento de igrejas e templos religiosos. Silas Malafaia usou as redes sociais para dizer que os governadores que quisessem fechar a sua igreja, teriam que “recorrer à justiça”. Como resposta, a pastora da IBL, também nas redes sociais, alertou para o perigo da “insensatez” de algumas lideranças que estariam “ameaçando o bom senso”, “não cancelando reuniões” e preocupadas tão somente com “arrecadações financeiras”.<sup>64</sup>

Durante boa parte da pandemia, os cultos na igreja foram *online*, transmitidos em todos os canais na internet da IBL. Vários deles com temáticas relacionadas à Covid: “Apostasia pandêmica”, “Como agradar a Deus no meio da pandemia”, “O poder da esperança x o poder da pandemia”, “Como enfrentar a pandemia e a quarentena”, são alguns dos títulos pregados. Nesta última, ministrada pelo pastor Márcio Valadão, ele recorre a vários versículos da Bíblia para ilustrar a vitória sobre a pandemia por meio da fé.

Em outra mensagem com o título “O Poder de nossas palavras”, Márcio fala de alguns versículos que nos ajudam a profetizar realidades no nosso dia a dia. Como por exemplo, “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fl 4,13) e “Preparas uma mesa na presença dos meus inimigos, unges minha cabeça com óleo e o meu cálice transborda” (Sl 23,5-6). O texto é seguido de uma exortação: “nesse período da pandemia, da quarentena, você pode ficar só reclamando, só xingando, pode ficar aí murmurando, mas quando você muda o foco: preparas uma mesa na presença dos meus adversários”. Ele retoma o texto para falar que os inimigos são Satanás, seus demônios, a pandemia, a quarentena que tem sufocado os fiéis.

Os trechos citados refletem bastante a crença na “palavra da fé”, teologia que amplia a potência da teologia da prosperidade e que está bastante presente nas igrejas neopentecostais. No universo do segmento neopentecostal as doutrinas são plurais, pelo fato de que cada denominação é autônoma para dar suas próprias ênfases a determinados temas, mesmo que exista, historicamente, uma dependência e uma filiação entre estes grupos. Porém, existem elementos que são comuns a todas elas. A cura de toda enfermidade, a libertação dos espíritos demoníacos, a crença na prosperidade como vontade de Deus, a autonomia da igreja em relação aos grupos tradicionais, as ferramentas sagradas e a autoridade espiritual. Algumas igrejas levam essas temáticas ao extremo. Outras, são mais cautelosas.

---

<sup>64</sup> Sobre a discussão entre as duas lideranças, ver: <https://portalovertube.com/famosos/ana-paula-valadao-manda-indireta-para-silas-malafaia-e-critica-pastores-que-nao-cancelaram-cultos/> Acesso em: 23 jul. 2021.

Burnett (2011, p. 179) vai dizer que a teologia da prosperidade poderia ser considerada uma versão pós-moderna do cristianismo. Isso porque ela é maleável. Pode ser ajustada para preocupações espirituais locais e aspirações sociais. O líder da igreja tem uma certa flexibilidade para modificar e reinterpretar dogmas da igreja. Sendo assim, ela ajusta os ensinamentos para adequá-los à sociedade de consumo.

### **3.5 Apontamentos de esperança: interpelações possíveis entre igreja e sociedade**

Apontar caminhos de esperança para a relação IBL e Sociedade é o propósito deste capítulo. Para isso, levaremos em consideração os desafios atuais, apontados anteriormente, e acolheremos as interpelações do pensamento de Jürgen Moltmann em relação à igreja. *A Igreja no poder do Espírito* é uma obra que examina a Igreja de uma perspectiva escatológica. Como o próprio autor a descreve no subtítulo do livro, é uma contribuição à eclesiologia messiânica. O ponto de partida é que a doutrina da Igreja precisa ser desenvolvida a partir da cristologia como sua consequência e em correspondência a ela. No entanto, a eclesiologia de Moltmann vai mais longe porque é capaz de desenvolver a partir da história trinitária de Deus com o mundo. O Espírito é o sujeito divino da história de Jesus. Portanto, a eclesiologia é crística e também pneumatológica, tornando a eclesiologia trinitária. A doutrina da Igreja é então uma derivação da cristologia, da pneumatologia e da escatologia.

Então, podemos afirmar que a eclesiologia de Moltmann procede de dentro da história trinitária da relação de Deus com o mundo. Nesta perspectiva, Deus tem um plano universal em sua relação com o mundo, da qual a Igreja participa. Uma cristologia que visa Jesus como o centro da Igreja se faz importante para a construção de Moltmann. Além disso, ele considera a escatologia cristã um olhar para o futuro. É o sentimento de desproporção e desarmonia evocado pela proclamação da promessa de Deus no evangelho que leva à preocupação e a ação no mundo. Há uma contradição expressa por Moltmann entre presente e futuro. É uma maneira que ele utiliza para enfatizar o futuro possível. O futuro de Deus, de Jesus e do Reino é a meta da esperança humana.

Dois conceitos que surgem da história trinitária de Deus e que são relevantes para pensar a Igreja: relacionalidade e abertura. A Igreja só pode se reconhecer verdadeiramente na sua missão e seu significativo papel e funções em relação aos outros (cf. 2013, p. 41). É no meio do relacionamento de Deus com o mundo que a igreja se encontra e se descobre, em todas as relações que abrangem a sua vida. O conceito de abertura exige da igreja três horizontes se ela

quiser se relacionar com a história trinitária de Deus com o mundo: horizontes da abertura para Deus, da abertura para os homens e para o futuro de Deus e dos homens.

A missão da Igreja é interpretada por Moltmann como antecipação e representação do futuro escatológico. Uma das principais obras desta missão é a renovação de si mesma e do mundo. Para compreendermos melhor a proposta de Moltmann, vamos reconhecer uma distinção na sua eclesiologia com base no conteúdo apresentado anteriormente: cristológica, escatológica e de libertação. Ao mesmo tempo em que apresentamos cada uma delas, faremos conexões com o comportamento fundamentalista presente na IBL.

### 3.5.1 Um Igreja centrada em Cristo

Ao longo de sua vida, Moltmann testemunhou duas tendências opostas na Igreja: a dependência excessiva da Igreja em relação ao Estado e a vida religiosa dos cristãos considerada totalmente privada. Essas são algumas das razões que levam Moltmann a argumentar a favor do retorno da Igreja ao seu fundamento, que é Jesus Cristo.

Moltmann foi bastante influenciado na sua teologia por Karl Barth. Em uma época em que a Igreja Evangélica Alemã perde sua identidade e torna-se intimamente relacionada ao Estado, a ponto de se tornar excessivamente dependente dele, Barth escreve o que ficou conhecido posteriormente como *Declaração Teológica de Barmen*, em 1934<sup>65</sup>. Na publicação ele argumentou que a Igreja precisava se reorientar para Deus como sua fonte de graça, e para *Sola Scriptura* e a fé como sua confirmação. Não era o estado, mas o senhorio soberano de Cristo que é o sujeito da Igreja. Barth influenciou Moltmann no ponto de que a Igreja não pode ser governada pelo Estado, mas deve estar sob o domínio exclusivo de Jesus Cristo.

Nessa perspectiva, a eclesiologia de Moltmann é centrada em Cristo, pois ele reitera e acentua que a Igreja é a Igreja de Jesus Cristo. Por seu turno, Barth pregou a necessidade de a Igreja se “desligar do mundo”. Moltmann discordou. Para ele, a igreja fundada no senhorio exclusivo de Jesus não pode evadir-se do mundo, mas deve envolver-se nele. Isso deve acontecer, justamente, porque ela é a Igreja de Cristo, não do Estado. Ela tem de cumprir a sua missão para e no mundo. Se antes era o Estado que controlava a Igreja, agora a Igreja tem por

---

<sup>65</sup> O texto rejeitava a influência do nazismo no cristianismo alemão ao argumentar que a fidelidade da Igreja ao Deus de Jesus Cristo deveria dar-lhe o ímpeto e recursos para resistir à influência de outros Senhores, como o *Führer* alemão, Adolf Hitler. Barth enviou esta declaração pessoalmente a Hitler. Este foi um dos documentos fundadores da Igreja Confessante onde Barth foi eleito membro do conselho de liderança.



missão assumir publicamente valores evangélicos que, muitas vezes, se contrapõem ao Estado, já que a fé não é um assunto privado. A Igreja e os cristãos, tendo fé, devem envolver-se para “melhorar” e transformar o mundo em que vivem, dando testemunho da sua fé e antecipando o Reino de Deus.

O que propõe Moltmann sobre o envolvimento das igrejas cristãs com as questões da vida e, conseqüentemente, com a política parece sugerir que posições políticas assumidas pela IBL, como visto anteriormente, em favor do atual governo não estariam em consonância com os princípios do evangelho. A IBL e os pastores citados apoiam o presidente com base em interesses econômicos, sociais e culturais alheios aos valores do Evangelho, justificados por uma teologia fundamentalista que promove uma leitura literalista do texto bíblico sem levar em consideração aspectos para além do texto. O teólogo alemão vai muito além. A Igreja, para ele, está intimamente relacionada com a dialética do sofrimento e da alegria. A alegria da ressurreição e o sofrimento de Deus no Gólgota. É o amor que participa da história do sofrimento de Deus como expressão de solidariedade para com o sofrimento dos seres humanos, criaturas suas.

Onde quer que pessoas humanas assumam sua cruz e, na entrega de si, se solidarizem com aquele que foi crucificado, onde quer que ouçam os suspiros do Espírito no clamor pela liberdade, aí se fará presente a Igreja. Mas, no sofrimento e sob a cruz, a igreja também participa da história da alegria divina. Ela se alegra com cada conversão e cada libertação, porque ela mesma é a comunhão dos convertidos e liberados. Onde quer que a alegria de Deus possa ser ouvida, aí também está a Igreja (MOLTMANN, 2013, p. 96). A referência fundamental é posta por Moltmann nos marginalizados, excluídos, dominados e escravizados por sistemas opressores e discursos de ódio.

Uma igreja como a Batista da Lagoinha, tem como objetivo evangelizar e converter pessoas às suas denominações. A ênfase que os batistas, no geral, dão as comunidades locais é bastante grande. No caso da IBL, as interpelações nos cultos, transmitidos online, para que qualquer pessoa em qualquer lugar do mundo se torne membro da igreja demonstra isso. A igreja mantém um departamento, chamado de “*Campus Online*”, onde atende essas pessoas, que são “disciplinadas” para se tornarem membros da IBL. “*E quem sabe nós não vamos começar uma igreja aí na sua região. Sonhamos em ver mil Lagoinhas até o fim deste ano*”, declara o pastor Lucinho Barreto no momento de avisos na celebração<sup>66</sup>.

---

<sup>66</sup> Disponível em: < <https://youtu.be/bjDbrlX5u7w> > Acesso em: 15 ago, 2021.

A preocupação maior, podemos assim intuir, da IBL não é tanto a libertação das pessoas escravizadas por sistemas opressores, mas sim aumentar o número de membros e abrir novos núcleos. Visto que o sonho, de acordo com a instituição é restrito apenas a números, mil igrejas abertas até o fim do ano. O *batismo*, então, passa a ser um modo de ingresso na membresia e não para “demonstrar o início do reino de Deus na vida de uma pessoa” (MOLTMANN, 2013, p. 294).

Este aspecto *batista* se confunde na IBL com outros de segmentos diferentes. A IBL tem uma identidade que podemos chamar de multifacetada. Dentro das inúmeras categorizações do campo protestante, ela transita por algumas delas. Como proposta inicial, ela era batista. Até porque, a dicotomia tradicionais/renovados não era tão expressiva na época da sua constituição. Porém os contornos avivalistas tornam-se mais fortes do que os tradicionais. No pentecostalismo uma classificação de seu desenvolvimento histórico ou de suas manifestações ao longo do tempo, feita por Paul Freston, categoriza o movimento em clássico, de primeira onda, de segunda onda e neopentecostais ou de terceira onda. Tal disposição também incide acerca de suas experiências fundantes ou primordiais, ênfases litúrgicas, ritualísticas e teológicas. O pentecostalismo clássico teria na glossolalia e na manifestação dos demais dons espirituais sua experiência primordial. A segunda onda pentecostal estaria ligada à prática da cura divina, e a terceira a ênfase seria no exorcismo e na teologia da prosperidade.

Podemos concluir, que a identidade da IBL é multifacetada porque articula todas essas “ondas” do pentecostalismo. Genericamente falando, todas as “ondas” pentecostais têm sua ênfase maior na pneumatologia. No caso do *neopentecostalismo*, o cerne é a teologia da prosperidade e a doutrina triunfalista. Está última está alinhada, por exemplo, com o apoio de líderes da IBL, como o pastor André Valadão, ao atual presidente Jair Bolsonaro. O triunfalismo advoga que os cristãos têm que dominar o mundo presente, atuando na política, na economia, nas artes, nos negócios a fim de que o cristianismo triunfe sobre as demais religiões e estabeleça o “governo justo”, impondo os princípios ditos cristãos ao mundo, rivalizando com o estado laico que o próprio protestantismo reformado da Europa ajudou a criar (GONÇALVES, 2018).

A defesa de Moltmann da Igreja de Jesus Cristo é para evitar certas armadilhas como a de ser “a Igreja hierárquica absoluta”. Ou seja, criar um vínculo de dependência tão grande ao Estado ou um messianismo político. É a libertação da idolatria do poder proporcionada pela Paixão de Cristo. Em relação à identidade, Moltmann vai dizer que a Igreja de hoje e de amanhã continua a existir herdando sua identidade da Igreja apostólica, cumprindo a sua missão apostólica e abrindo-se à orientação do Espírito Santo. Nesse sentido, a Igreja permanece relacionada com sua raiz e ao mesmo tempo se adapta as novas situações e ambientes. Desde

Constantino, a integração da Igreja ao estado transformou a comunidade cristã em uma réplica de sua hierarquia. Com a cristianização forçada dos povos oprimidos, a missão da Igreja foi dissolvida. O cristianismo renunciou à paixão de sua esperança messiânica. A esperança foi transformada na esperança interior da alma e seu cumprimento foi adiado para outro mundo. Com isso, as igrejas não exercem influência crítica na sociedade.

Moltmann vê no batismo o sacramento da iniciação e a porta da graça para a reforma que a Igreja precisa. O batismo precisa ser considerado não como um símbolo da saída interior e resignação diante do mundo ímpio, mas como um chamado à libertação e com a missão de servir no mundo entre a comunhão dos crentes. Baseando-se nas mesmas teologias cristológicas e batismais, Moltmann afirma que todos os cristãos recebem o mesmo sacerdócio de Jesus Cristo, por meio do batismo. Porque Jesus já liberta a Igreja e todos os seus membros, na Igreja libertada não haverá distinção de raça, classe ou nação. Não haverá privilégio religioso, econômico ou sexual. Nessa Igreja, apenas o senhorio libertador de Jesus Cristo governa, todos os membros são iguais e dotados de dons e comissionados para cumprir a missão da Igreja (cf. 2013, 106-107).

Ele defende uma renovação da Igreja que a transforme em uma instituição que cuida das pessoas, em uma Igreja participativa na qual os leigos são ativos na tomada de decisões e na participação das atividades da Igreja. A Igreja de Cristo é una, santa, católica e apostólica porque preserva a sua identidade, continuando a mesma missão e mantendo o conteúdo do anúncio do Evangelho ao longo da história. Ministros são aqueles encarregados de realizar os ministérios que a Igreja recebe para a sua missão. Eles não são uma hierarquia mais alta do que o resto dos membros da Igreja, mas são chamados a cumprir os encargos específicos comissionados a toda a Igreja. Juntamente com cada membro da Igreja, ajudam a Igreja a se adaptar às novas situações históricas e, ao mesmo tempo, manter a mesma missão e conteúdo.

A Igreja sob a cruz é aquela que deve estar em comunhão com Cristo, experimentando na “resistência comum contra a idolatria e a desumanidade, no sofrimento comum por causa de opressão e perseguição” (cf. 2013, p. 136). Somente nisso, a comunhão será experimentada. Nesta participação na Paixão de Cristo e na Paixão do Povo manifesta-se na Igreja “a vida”. A Igreja também é, ao mesmo tempo, fraternidade e alegria daqueles que o crucificado libertou. Não apenas uma “libertação espiritual”, como pregada pela teologia neopentecostal da “batalha espiritual”, mas a libertação das opressões sociais, das mazelas enfrentadas pelas minorias no dia a dia.

### 3.5.2 Uma Igreja escatológica

Dentro da IBL, a concepção do triunfalismo se soma ao dispensacionalismo, uma leitura escatológica baseada em sete dispensações ou maneiras pela qual Deus interage com a história, bastante presente no segmento fundamentalista. A preocupação última dessa compreensão é tirar as pessoas do inferno. E quem está no inferno? Aqueles que estão em desacordo com os valores morais, civis e políticos pregados por eles. Temas atuais como a participação política, casamento de pessoas do mesmo sexo, pobreza e marginalização social são vistos como pecados quando estão em desconforme alinhamento com a leitura feita por fundamentalistas.

Quem pensa diferente precisa, então, se converter à Deus e a visão correta (que seria a conservadora) para sair do inferno e ir para o céu. O “tirar do inferno” está resumido ao campo da salvação eterna. De acordo com J. Moltmann, por ser de Jesus Cristo, a Igreja precisa cumprir sua missão em vista do Reino de Deus, que se consumará na *parusia* de Jesus. Nisso ela é essencialmente escatológica: porque se orienta para o Reino que vem e para a vinda de Jesus Cristo e tem esperança nele. Neste sentido, a correta interpretação do reino de Deus e sua relação com o mundo e seus problemas se faz necessária. O que não é possível dentro de uma teologia descompromissada com a realidade presente, porque valoriza o imaginário celestial dos cristãos que “aguardam os céus”.

A esperança em Cristo é o que motiva o envolvimento da igreja numa relação de abertura com o mundo. A afinidade de Moltmann com a esperança, segue o método de análise do filósofo Ernst Bloch. O teólogo parte do futuro em sua teologia da esperança, vendo sua influência no presente. Sendo assim, o presente é condicionado pelo futuro. A Igreja é escatológica porque tem esperança no futuro, no Reino vindouro e na vinda de Jesus. É na esperança do futuro que ela vive sua vida no presente. A Igreja, ao antecipar o Reino que vem, contribui para a transformação do atual mundo temporal.

O reino de Deus não significa apenas um reino em sua plenitude além deste mundo temporal, mas já está presente agora. Temos que entender o reino de Deus em sua totalidade: presente e futuro. “Esse entendimento nos proíbe de banir o senhorio de Deus para um mundo futuro totalmente alheio à nossa vida terrena e histórica. Mas também nos proíbe de identificar o reino de Deus com as condições da história, sejam elas já existentes ou desejadas” (MOLTMANN, 2013, p. 190).

O reino de Deus já é experimentado no presente. Porque está presente, tudo o que os gentios podem considerar miraculoso ou extraordinário, é na verdade, normal aos olhos de quem reconhece a presença do Reino. Segundo Moltmann, os chamados milagres no tempo de

Jesus continuam acontecendo agora porque são naturais no Reino: os enfermos não precisam esperar a “vinda do outro mundo” para que seja curado, os perdidos já foram encontrados e os pobres e oprimidos já estão libertados. Não é um Reino puramente religioso, nem uma religião privada, confinada a relações privadas entre Deus e pessoas individuais. É universal e abrange o céu e a terra. Moltmann diz: “O reino escatológico de Deus, a quem Jesus como *Kyrios* representa e cujo poder ele exerce, não pode, portanto, ser limitado. Rompe os laços de um mundo dividido” (cf. 2013, p. 100).

Em Moltmann, o Reino de Deus é o horizonte cristão que abrange toda a vida. Ou seja, ele está vindo e tem o foco na conversão do ser humano e sua libertação das condições antidivinas e desumanas deste mundo. É o futuro escatológico realizado pelo próprio Deus no agora. Apesar de escassos e irregulares, os dados sobre a violência homofóbica e transfóbica são alarmantes. O Brasil continua sendo o país que mais assassina pessoas LGBTQIA+ em todo mundo. A LGBTfobia mata uma pessoa a cada 26 horas no país<sup>67</sup>. Enquanto a igreja manter discursos de que “lugar de gay não é na igreja”<sup>68</sup>, ela apenas está contribuindo para a opressão e morte desta comunidade. É preciso considerar o horizonte do reino de Deus apresentado por Moltmann para avançar no posicionamento referente as minorias como um todo. E lutar por políticas públicas que auxiliam tais grupos.

Compreender o reino de Deus como uma comunhão de pessoas libertas dos sistemas opressores é fundamental. O reino não é obtido por meio de relacionamentos privados entre Deus e os indivíduos, mas na cena pública. Envolve todos os aspectos da vida de todas as pessoas. Na verdade, porque a Igreja vive e cumpre sua missão em vista desse reino, ela deve se envolver nos assuntos públicos, pois o reino que vem e a sociedade atual estão intimamente ligados. Por amor ao reino de Deus, a Igreja se torna uma instituição pública do mundo e para o mundo. Moltmann vai dizer que a Igreja é uma forma do reinado de Deus na história deste mundo alienada de Deus, então ela está sempre preocupada com mais do que apenas a própria Igreja.

As citações anteriores de líderes da IBL em relação à política e a grupos minoritários exemplificam, em parte, a interpretação fundamentalista de textos bíblicos e a projeção dessa literalidade na vida e na missão da Igreja. Segundo Moltmann, o fundamento da vida pública da Igreja é Jesus Cristo, que foi uma figura pública. Ele pregou ao público sobre os pobres e negligenciados e prometeu-lhes o reino. Ele foi condenado por razões políticas. A Igreja,

---

<sup>67</sup> Disponível em: < <https://queer.ig.com.br/2021-05-17/lgbtfobia-nao-e-combatida--mas-impulsionada-no-brasil-de-bolsonaro.html> > Acesso em: 27 jul, 2021.

<sup>68</sup> Referência a fala do pastor André Valadão, da IBL, já apresentada neste trabalho.

portanto, não pode deixar de ser para os humildes, aqueles que estão marginalizados. Pois é Deus quem liberta os pobres, os oprimidos, os rejeitados, os enfermos, os prisioneiros, etc. O reino vindouro já se realiza através da libertação do menor do povo de Deus. Na verdade, de acordo com as Bem-aventuranças do Sermão da Montanha, o reino se concentra nos pobres, nos enfermos e nos membros mais fracos de qualquer sociedade (cf. Mt 5-7).

Portanto, a Igreja deve se tornar a Igreja do reino de Deus. Ou seja, ela deve trabalhar pela paz no mundo. Deve promover e proteger a vida, o que trará uma harmonia na terra onde todas as criaturas possam coexistir. Nesse sentido, a proposta de uma igreja escatológica é a antecipação do Reino que vem e uma superação de qualquer tipo de opressão, domínio e cativoiro.

Em Moltmann, percebemos que o Senhor convida todos os seres humanos para seu banquete. Está aberto o convite e não tem limites. Cristãos e não-cristãos podem vir, e nenhuma Igreja tem autoridade para estabelecer regras e condições de admissão do tipo “igreja não é lugar de gay”. O Senhor reúne seu povo na Igreja para ter comunhão com ele e uns com os outros. Há duas razões para o convite aberto: 1) Jesus permitiu que pecadores e cobradores de impostos se sentassem à mesma mesa com ele; 2) trata-se de um convite aberto à reconciliação com Deus (cf. I Cor. 11.27). Nesse sentido, todos os pecadores e não batizados também são convidados.

### **3.5.3 Uma Igreja libertadora**

O teólogo Jürgen Moltmann enxerga a comunidade de fé Igreja para o mundo. O catecismo de Heidelberg responde às perguntas sobre a Igreja em chave cristológica. É Cristo quem escolhe, reúne, protege e sustenta a igreja. Moltmann afirma que, mediante esta linguagem, toda a existência humana é a matéria-prima para a Igreja. A missão de Cristo é para todo o mundo e a Igreja é chamada a participar desta missão, a saber, declarar o evangelho libertador para libertar o povo para o êxodo em nome do Reino que vem (cf. 2013, p. 122).

De acordo com Moltmann, se a Igreja é de Cristo e tem esperança no reino vindouro, ela deve assumir ações e mentalidades com vistas a melhorar o mundo, antecipando o reino vindouro. Além disso, o objetivo da redenção do mundo por Jesus inclui todas as criações espirituais e materiais. Nesse contexto, tudo que é bom neste mundo será preservado no reino vindouro. No entanto, o mundo hoje ainda contém muitos aspectos negativos e sofrimentos, portanto, a Igreja deve contribuir para a libertação do mundo.

Aqueles que querem confinar a salvação e a missão da Igreja apenas ao campo espiritual, certamente se opõem ao envolvimento da Igreja nesta libertação. Mas, segundo Moltmann, quem assim pensa se equivoca. Para ele, a redenção inclui todas as criaturas e requer libertação de todos os seus obstáculos. Portanto, a Igreja deve se envolver na política local, regional e mundial, criticando os sistemas políticos e promovendo a liberdade, a paz e os direitos humanos, bem como os direitos de todas as criaturas. Para Moltmann, o objetivo último da missão de libertação da Igreja é a afirmação da vida. O engajamento da Igreja no esforço de libertação também inclui a libertação dentro da Igreja, o que permitiria aos leigos participar e contribuir livremente com a Igreja.

A igreja é uma igreja do povo, uma Igreja participativa. Moltmann intui que Cristo não está apenas presente no apostolado e na *parusia*, mas também no menor dos irmãos – o faminto e sedento, o estrangeiro, o nu, o doente e o prisioneiro (cf. Mt 25, 31-46). A Igreja tem por missão fazer-se presente onde Cristo a espera: entre os oprimidos, os enfermos e os cativos.

A estética fundamentalista presente na teologia da IBL legitima o viver na carne como se fosse o viver pelo Espírito. O cristão, em nome da fé, está sempre voltado para a satisfação de si mesmo e não para a missão libertadora da Igreja, centrada no amor. Ela corrobora para um estilo de vida cristão que está baseado apenas naquilo que se vê. As normas socioculturais mutáveis pelo espírito do tempo, são tornadas leis fixas e confundidas com a lei divina. Assim, ela inibe a graça libertadora de Deus. As inferências feitas ao longo do texto, de assuntos emblemáticos que permeiam a IBL são exemplos disso.

### **3.5.4 O poder do Espírito em vista a novas aberturas da Igreja**

Vivemos na Era do Espírito (cf. MOLTSMANN, 2000, p. 122). Sob a orientação do Espírito Santo, a Igreja assume a missão de proclamar o reino de Deus a todas as nações. A Igreja tem ministérios, dons e tarefas no mundo. Pressuposta a íntima relação entre mundo e reino de Deus, no exercício de sua missão a Igreja deverá se encarnar no mundo. A Igreja vive a serviço do mundo em vista da antecipação da vinda do reino, justamente, por se conceber como Igreja no poder do Espírito.

A experiência pentecostal esteve presente na IBL desde sua fundação. Ao mesmo tempo em que ela se institucionaliza enquanto igreja de tradição batista, ela mantém as manifestações pentecostais - glossolalia, visões, profecias, curas e arrebatamentos do espírito (onde o fiel se sente tomado por um grande êxtase sagrado) – como o centro de sua vivência de fé. Estas manifestações sobrenaturais ganham espaço e relevância no culto, na vida devocional e

cotidiana dos fiéis. Porém, elas se concentram no individualismo e intimismo religiosos. Servem para legitimar um "chamado ministerial", uma possibilidade de emprego, um enlace matrimonial, a ida ou não em viagem para um determinado "campo missionário", etc.

A glossolalia, o êxtase, e as demais “manifestações do espírito”, são vistos como sinais que trazem o divino para a realidade de fé do fiel. Ali, diante de Deus, ele tem o seu coração confortado, e, por vezes, recebe uma carga positiva para viver mais um dia. As expressões artísticas (música, dança, teatro) que passam a somar na liturgia da IBL, contribuem grandemente para isso. A maioria das letras cantadas na igreja refletem o pietismo – já bastante presente nas mensagens expostas nos sermões -, pautado numa relação de intimismo e busca de experiências subjetivas na vida do dia a dia.

Moltmann reflete a respeito da experiência do Espírito de uma maneira muito mais ampla do que se faz na IBL. Na compreensão moltmanniana, a eclesiologia deve ser entendida em relação à cristologia, pneumatologia e escatologia, dentro da história da relação da Trindade com o mundo. No livro *A Igreja no poder do Espírito*, a perspectiva pneumatológica é largamente considerada. Em sua opinião, a Igreja só será de Cristo se, de fato, se remeter somente a Cristo e, por conseguinte, testemunhar exclusivamente sua missão messiânica no mundo. É uma Igreja sob a cruz, uma comunidade de êxodo e uma comunidade carismática, demonstrando os poderes da nova criação e os sinais libertadores da vinda deste mundo livre. Moltmann explicita a missão messiânica da Igreja, caracterizando-a como Igreja do Êxodo e, simultaneamente, Igreja carismática: Igreja do êxodo quando avança no mundo para melhorar sua condição; Igreja carismática quando torna possível que seus membros, ao receberem os dons do Espírito Santo, se insiram responsabilmente na Igreja e no mundo.

É o Espírito Santo quem guia a Igreja e concede-lhe os dons. A Igreja é a comunhão messiânica no mundo e para o mundo. Ela oferece meios de salvação por meio da proclamação, batismo, Ceia do Senhor, adoração, oração, atos de bênção e vida de comunhão (cf. MOLTMANN, 2013, p. 198). Os *carismas* que a Igreja recebe devem ser exercidos com eficácia com vistas ao Reino e para a glória de Deus. Ela precisa ser a Igreja das pessoas, ou seja, uma comunidade que cria e fornece oportunidades para as pessoas cumprirem sua missão.

Neste sentido, a Igreja carismática caracteriza-se por três dimensões: reconhecimento do senhorio de Jesus Cristo (A Igreja de Jesus Cristo); antecipação do reino (Igreja do Reino de Deus); e experiências dos poderes do Espírito Santo (Igreja na presença e na força do Espírito). Essas três dimensões encontram-se indissolúvelmente conectadas. Ao obedecer ao chamado para cumprir a sua missão segundo essas três dimensões, a Igreja permanece aberta para Deus, para o ser humano e para o futuro.



Na Igreja, por meio do batismo, todo crente recebe dons e tarefas. Embora esses dons e tarefas sejam diferentes em cada cristão, todos os membros da Igreja são necessários. Na comunidade carismática não há distinção fundamental entre clero e leigo. Carismaticamente, todo o povo de Deus está encarnado religiosa, pessoal, política e socialmente no movimento de libertação abrangente de Deus. Esta compreensão elimina hierarquias opressoras e sistemas mercadológicos dentro das instituições.

De acordo com o Novo Testamento, os cristãos experimentam a presença do Espírito Santo e, por meio dessa presença, Deus habita neles. Com efeito, se no passado as pessoas só podiam experimentar a presença de Deus no templo, agora também podem experimentar a sua presença no próprio corpo, pois se tornam templo do Espírito Santo (cf. I Cor. 6: 13- 20). Além disso, o Espírito Santo transformará toda a criação na habitação da glória de Deus. No final, novo céu e nova terra serão a habitação de Deus. Moltmann unifica a história de Cristo e a história do Espírito Santo na história da relação de Deus com o mundo: no envio do Filho, a Trindade está aberta ao mundo e às pessoas humanas; ao glorificar a Deus como obra do Espírito Santo, a Trindade está aberta à reunião e união da humanidade e de toda a criação em Deus e com Deus.

Na experiência do Espírito Santo, tendo sido movidos por nova obediência e nova comunhão, homens e mulheres se colocam no movimento da nova criação que dá glória a Deus. A criação está a caminho de sua plena liberação. A dimensão escatológica na finalidade da obra do Espírito Santo é o cumprimento da glorificação de Deus na criação, que está a caminho de se completar por meio das ações concretas do Espírito Santo na Igreja e no mundo.

O Espírito Santo é a renovação de todas as criaturas vivas da terra. Ele vem, e aqueles que oram pela vinda do Espírito Santo se abrem à sua presença tornando possível sua ação. Assim, por meio do Espírito, eles entram na comunhão salvadora e vivificadora de Cristo. Na experiência do Espírito que dá vida, eles reconhecem Jesus como o Senhor do governo de Deus. Portanto, a intenção de Deus é que o Espírito Santo sustente e renove todas as criaturas como uma comunidade na qual os seres humanos existam junto a outras criaturas. Como o Espírito da criação, o Espírito da nova criação cria uma comunhão de vida entre os seres humanos bem como entre os seres humanos e todas as outras criaturas. O Espírito Santo vem para renovar toda a criação. As condições fundamentais da criação atual são transformadas. A criação está livre do poder do tempo para a presença da eternidade e do domínio da morte para a vida eterna.

Moltmann vê a comunhão como um dom especial do Espírito, a graça é atribuída a Cristo e o amor ao Pai, mas a comunhão é o que o Espírito comunica (cf. 2Coríntios 13,13). E na comunhão o Espírito evidentemente se dá. Ele mesmo entra em comunhão com os

crentes e os atrai para sua comunhão. A comunhão, afirma Moltmann, tem a ver com liberdade, escolha e relacionamentos. Trata-se de participação recíproca e reconhecimento mútuo. Pode e deve existir entre aqueles que são semelhantes e também entre aqueles que são diferentes. A Igreja é importante para a comunhão do Espírito Santo porque em sua comunidade com Cristo, ela se torna o lugar para a vinda do Espírito. Lá, Ele não apenas enche a Igreja, mas a conduz para além de suas fronteiras. No entanto, a igreja não tem monopólio do Espírito Santo, nem Ele está preso à Igreja.

A Igreja na era do Espírito Santo continua a ser a Igreja de Jesus Cristo. O Senhor chama, reúne, justifica e santifica os cristãos na Igreja. O Espírito Santo os fortalece com os dons, eles são então enviados ao mundo pelo Senhor para servir ao reino de Deus. Os cristãos vivem na realidade presente, mas também estão orientados para o reino que já se antecipa, mas que se consumará no fim dos tempos. Moltmann diz que Jesus deseja que os cristãos busquem redenção não apenas para si mesmos, mas para o mundo inteiro, e que, portanto, transcendam a religião, a Igreja e as preocupações individuais com vistas ao testemunho do Reino de Deus que já se antecipa na escuta de dores e alegrias de todas as pessoas e de, modo especial, dos pobres e vulneráveis do mundo. A Igreja é ao mesmo tempo carisma e êxodo. Ela cumpre a sua missão tanto para com os seus membros dentro da Igreja como para com o povo de Deus no mundo.

No que diz respeito à sua missão para com os seus membros, a Igreja deve reformar-se para que se transforme não só em Igreja para as pessoas, mas em igreja de pessoas. Se a Igreja quer cuidar de seu povo, ela precisa abrir espaço para que as pessoas exerçam os carismas com que o Espírito Santo as concede. No que diz respeito à missão da Igreja para o mundo, a Igreja precisa estar aberta ao mundo. Fé, esperança e caridade não têm a ver com religião privada, mas são assuntos públicos. A Igreja e os cristãos precisam criticar o mundo e seus sistemas políticos e se envolver na promoção de um mundo melhor com vistas ao reino. O resultado final da missão da Igreja é a libertação e a liberdade.

## CONCLUSÃO

Empreender uma pesquisa não é tarefa fácil. Envolve surpresas e dificuldades ao longo do percurso, mas também se mostra bastante satisfatória. Um dos principais desafios encontrados foi a respeito de dados e escritos que fornecessem informações necessárias para a construção do caminho teológico da Igreja Batista da Lagoinha. Uma igreja com mais de 60 anos e que possui muitas transformações ao longo desse trajeto e, ainda se mantém aberta a outras tantas que podem surgir. Outra dificuldade está na própria leitura de J. Moltmann. O livro *A Igreja no poder do Espírito* é considerado um de seus textos mais densos e, talvez, seja um de seus textos mais sistemáticos. O tema, eclesiologia, também aspira inúmeras reflexões. Analisar criticamente uma teologia fundamentalista e suas implicações também não é uma tarefa fácil e os resultados podem não ser aceitos. Porém, acreditamos que há esperança para uma relação entre IBL e Sociedade mais justa, equilibrada e eficaz.

A história da Igreja Batista da Lagoinha nos revela que ela é uma igreja híbrida na sua teologia. A instituição assume práticas e pensamentos teológicos dos batistas, das igrejas pentecostais e dos movimentos neopentecostais. Esta característica multifacetada dificulta uma análise mais criteriosa em relação a sua teologia. É difícil definir qual teologia sustenta a IBL. Essa mesma história, contextualiza a igreja como de viés fundamentalista em grande parte dos seus discursos. Isso faz com que ela, no seu relacionamento com pautas da sociedade contemporânea, assuma posições extremamente fechadas e segregadoras.

Os posicionamentos dos principais líderes da IBL nas redes sociais e em pregações na igreja, em relação à política e grupos minoritários demonstram uma das principais características do fundamentalismo religioso: a criação de inimigos, adversários que precisam ser derrotados. A leitura que a igreja faz de posicionamentos contrários ao que ela acredita e defende é de consequência do pecado. E, por isso, pessoas e instituições que pensam diferentes precisam se converter a sua mensagem. Numa leitura escatológica, ser tiradas do inferno e levadas ao céu eterno.

A escatologia dispensacionalista e triunfalista presente na igreja provoca uma ruptura com as causas e lutas sociais. Desta forma, a IBL assume posturas de apoio e crenças que desumanizam grupos que sofrem com a opressão e o cerceamento de seus direitos. Prova disso é o apoio ao atual presidente do país, Jair Messias Bolsonaro. A política de Bolsonaro defende o armamento em massa da população, o corte de direitos de grupos minoritários – como a comunidade LGBTQIA+ e grupos feministas –, o extermínio de rivais políticos e ideologias

contrárias e a defesa da “família tradicional”, em detrimento das formações familiares que diferem do convencional casal homem e mulher cisgenero<sup>69</sup>.

Como é possível que a IBL seja relevante diante de temas tão cruciais para a sociedade contemporânea? Reformando sua base eclesiológica. No âmago de todas as posturas assumidas está uma teologia esquizofrênica, sem fundamento teológico consistente, que se apoia no moralismo religioso. A teologia de J. Moltmann surge como esperança para esta transformação. A eclesiologia do teólogo tem como marca a dinâmica do Espírito Santo para a construção do reino de Deus na história. Ela é, ao mesmo tempo, aberta para o mundo, aberta para Deus e aberta para o futuro do mundo e de Deus. Com essa abertura, a igreja se torna uma comunidade messiânica e antecipa a realidade futura do mundo, quando desenvolve uma missão a serviço das realidades contemporâneas.

J. Moltmann também suscita alguns aspectos importantes para pensar a eclesiologia de maneira reestruturada. O ser da Igreja é Cristo e, por isso, ela deve atuar no seguimento do Crucificado. Nele, a igreja encontra a libertação dos pecados, da idolatria do poder e a libertação do abandono de Deus. E é nessa dimensão da Paixão que fica claro por que a igreja de Cristo vive, crê e espera. A Igreja nasce pelo evangelho da entrega de Cristo. Por isso, ela nasce fundamentalmente da cruz de Cristo. Em seu centro estão a “palavra da cruz” e a eucaristia com a qual é proclamada a morte de Cristo. Da cruz de Cristo nasce a comunhão que os sem-Deus tem com Deus. O que torna a Igreja, de fato, Igreja é a reconciliação “no sangue de Cristo” e sua própria entrega pela reconciliação do mundo.

Neste sentido, ela se transforma em Igreja do reino de Deus, posto que, para Moltmann, o reino é o discurso essencial da igreja. Trata-se de uma paixão que toca todo o discurso teológico da igreja, no intuito de proporcionar uma relação construtiva entre igreja e sociedade. É uma ação missionária de abertura, de diálogo, de quem é continuadora do projeto do reino de Deus junto à humanidade. Por isso, a igreja se insere na esfera pública com comprometimento de libertação, de quebrar os vínculos opressores que desumanizam pessoas.

Esse é um dos grandes desafios de superação, mas também de esperança, para a IBL. Ela precisa ser mais significativa no seu contexto político-social. Para tal, ela precisará abrir mão da falsa segurança proporcionada pelo discurso fundamentalista e lidar com as problemáticas que a circundam. A eclesiologia de Moltmann sugere uma atuação que reveja e repense certos conceitos e preconceitos, que excluem a instituição e as pessoas de determinadas pautas.

---

<sup>69</sup> Relativo a ou que tem uma identidade de gênero idêntica ao sexo que foi atribuído à nascença, por oposição a transgênero

A reflexão a partir da eclesiologia de J. Moltmann provoca a IBL a instaurar um diálogo aberto com grupos que buscam viabilizar o engajamento político-social mais efetivo na sociedade. A exemplo do próprio Movimento Cores, que é realizado em um dos núcleos da própria IBL e que, pelos discursos expostos, não tem abertura entre os líderes mais expressivos da instituição. A missão da IBL, à luz de Moltmann, precisa enxergar uma dimensão mais ampla do ser humano e não focar apenas na sua “alma”, com questões salvacionistas. Negros, mulheres, a comunidade LGBTQIA+, pobres e outros grupos minoritários lutam por causas que precisam ser resolvidas aqui, no tempo presente. A IBL, por ter inúmeros membros destes grupos identitários, precisa assumir essas bandeiras em nome do Evangelho.

A IBL precisa ser uma igreja que esteja presente nos debates contemporâneos de forma a trazer esperança, fraternidade e amor. Só assim ela vai conseguir ser relevante para a Sociedade.

## BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Gedeon. *Protestatismo tupiniquim: hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo, Arte Editorial, 2005.

AZEVEDO, Israel Belo de. *A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

BOFF, L. *Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

CAMPOS, Breno Martins. Origem e descendência do fundamentalismo protestante: o darwinismo em The Fundamentals. *PLURA: Revista de Estudos de Religião*, v. 5, n. 1, 2014. p. 34-53. Disponível em: [http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/772/pdf\\_91](http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/772/pdf_91). Acesso em 12 mar, 2020.

CBB – Convenção Batista Brasileira. *Parecer da Comissão dos Treze*. Rio de Janeiro, 1963..

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

CINTRA, Ângela Mércia Valadão. *A história da Igreja Batista da Lagoinha – sua trajetória desde a fundação em 1957 até o ano de 2006 – um marco no cenário protestante brasileiro*. Dissertação de Mestrado (Programa de pós-graduação da Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte). Belo Horizonte: 2007.

CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico brasileiro*, Rio de Janeiro, Mystérium e Mauad, 2007.

CUNHA, Magali do Nascimento. Os processos de midiatização das religiões no Brasil e o ativismo político digital evangélico. *REVISTA FAMECOS*, Porto Alegre: PUC-RS. v. 26, n. 1, jan-abr, 2019.

FAXINA, Elson; GOMES, Pedro Gilberto. *Midiatização: um novo modo de ser e viver em sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2016 (Coleção Comunicação e Cultura).

GONÇALVES, Alonso de Souza. *Por uma eclesiologia aberta: reflexões a partir da eclesiologia de Jürgen Moltmann como uma contribuição teológica à Igreja Batista brasileira*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo). São Bernardo do Campo: Umesp, 2014.

KUZMA, Cesar Augusto. *A esperança cristã: fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2007.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais*. São Paulo: Paulus, 2017.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa e VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *REVISTA USP*, São Paulo, n.67, p. 48-67, setembro/novembro, 2005

MOLTMANN, J. *A Igreja no poder do Espírito: uma contribuição à eclesiologia messiânica*. Santo André: Academia Cristã, 2013.

MOLTMANN, J. *Experiências de reflexão teológica: caminhos e formas da teologia cristã*. São Leopoldo: UNISINOS, 2004.

MOLTMANN, J. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Teológica, 2005.

MOLTMANN, J. *Trindade e reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOREIRA, Thiago. *Da tradição à renovação na Igreja Batista da Lagoinha: um olhar sobre o protestantismo renovado*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora). Juiz de Fora: UFJF, 2016.

ORO, Ivo Pedro, *O outro é o demônio: uma análise sociológica do fundamentalismo*, São Paulo, Paulus, 1996.

PAINE, Scott Randall. Fundamentalismo ateu contra fundamentalismo religioso. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 18, p. 9-26, jul./set. 2010. p. 11-26.

PEREIRA, Reinaldo Arruda. *Igreja Batista da Lagoinha: trajetória e identidade de uma corporação religiosa em processo de pentecostalização*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo). São Bernardo do Campo: Umesp, 2011.

PY, Fábio. SHIOTA, Ricardo. POSSMOZER, Michelli. Evangélicos e governo Bolsonaro: alianças nos tempos de Covid-19. *Confluências*. v. 22, n.2 2020, ago./dez.2020, pp. 384-406.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. *O que um cristão precisa saber sobre a teologia da prosperidade*. *Revista Caminhando*, São Paulo: UMESP. v. 12, n. 19, p. 129-140, jan–jun, 2006

ROSAS, Nina. *Cultura evangélica e “dominação” do Brasil: música, mídia e gênero no caso Diante do Trono*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte: UFMG, 2015.

SIEPIERSKI, Paulo D. Pós-pentecostalismo e Política no Brasil. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo: EST, v. 37, n. 1, p. 47-61, 1997.

SPADAORO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos de rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Hermenêutica fundamentalista: uma estética do interpretar. *Estudos da Religião*, São Bernardo do Campo: Umesp, ano XXII, nº 35, dez., 2008, p. 14-27.